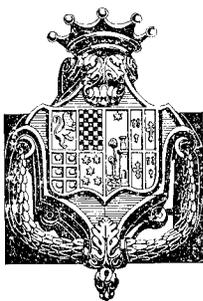


VELHAS CASAS

VIII

Casa do Cano ou do Salvador



! — Olha para o alto! Como aos poucos se apagam, como desmaiam as estrelas no céu!

«*Cazal da Courella não mora nelle ni-
nhum, ora Niculau do Couto*» (1). Mais um cas-
sal entre tantos, perdido entre os milheirais, a
paz dos séculos, o silêncio dos campos.

! — Olha agora! Foge a noite; nascem
mais sombras, são claras, luminosas.

«*Casal da Courela cito junto ao Salvador
com suas casas de pedra sobradadas e o quin-
tal serrado e tapado de parede sobresy com todo o arvoredo q*

(1) «Livro dos Privileg. de N. Senhora da Oliveyra» — Freg.^a de S. Pedro de Azurey em que há sete Cazais». In «*Bol. de Trabalhos Histó-
ricos*», vol. V-n.º 2, p. 65, acrescentando-se em nota: «hora Bento de matos feo hora Him.º de Mattos feio e este privilegio se mudou p.ª o Campo da herdade sito na freg. de Nossa sr.ª da Olivr.ª por provisão de Sua Alteza q esta no cartorio, hora André Glz da Veiga Hora Jeronimo Ribeiro aos 14 de Abril de 681 a. Transferiose este privilegio por provisão de Sua Mag.de pera as herdades de Riba Rio na freg. de S. Torq.de na quadrilha de Gomi-nhães e se passou privilegio aos 31 de Julho de 1684 a Hieronimo Ribr.º m.or nesta freg.ª ora por dotte Pedro Frz m.or no c.al de Bouro em São Lço de sima de celho cazado com Maria Bernardes f.tº nas nottas de Braz Lopes aos 26 de Abril de 1723 — passado em 9 de Dezembro de 1723 Ora sua m.er M.ª Ribr.º Bernardes V.ª aos 9 de 9.bro de 1773: ora Gual-ter Ribeiro Bernardes da freg. de S. Lour.º de Sima de Selho aos 11 de Agosto de 1796, ora José Ant.º Ribr.º da freg.ª de S. Clemente de Sande por doação que lhe fes seu Pai o sobredito a sima aq,m se passou folha aos 5 de 7.bro de 1808». André Gonçalves o que possuiu este Privilégio era do Casal da Veiga em Azurém V. «*Casa da Veiga, Velhas Casas VI*».

esta da banda de fora no luguar chamado codessal», doado há anos, por Nicolau do Couto (2) e sua mulher Maria de Matos, a sua sobrinha Maria Ana de Matos (3).

! — Como o vento faz mexer as árvores! Como jorra a luz do novo dia! Já se vê tudo!

E é só então, meados do século XVII, que podemos ver, sem sombras nem escuros, ao fresco ar da madrugada, no bulir do arvoredo, na quietude dos seus muros «*tapados sobre sy*» este Casal da Courela na freguesia de S. Pedro de Azurém. Para isso andemos mais um pouco. Entremos nos muros da vila. Chegemo-nos a casa de Maria Ana de Matos e de seu marido Miguel Dias Feyo, na Rua Sapateira, senhores, entre muitos outros bens, deste casal, privilegiado das «*Tábuas Vermelhas*», junto ao Salvador do Mundo.

Numa sala da casa, uma arca de ferro, grande, de duas chaves. Todos os dias nela guarda os livros e o dinheiro recebido nas suas cobranças, Miguel Dias Feyo, Almojarife da Rainha (4). Para a arca, para aqueles ferros tentadores e ferrugentos convergem os olhares, as mãos, os saltos de seus filhos: Nicolau, Jerónimo e Bento (5), já que as filhas, e foram duas (6), devem ter tido uma existência doce e passageira (6). Tocariam elas no vestido de veludo

(2) No doc. citado na nota seguinte, datado de 1642, diz-se que Nicolau do Couto já era falecido.

(3) «nomeação q fas m.^a anna de matos a seu marido miguel dias», em novembro de 1642. L.^o de notas do Tab. Francisco Veloso (12-4-7.^a), p. 21 — Arq. Mun. A. Pimenta. Nesta nomeação, que não houve efeito, declara Maria Ana de Matos: «q entre os mais bens de Raiz que lhe pertensião por t.^o de prazo de vidas per doação q lhe fizerão seus tios nicolau do couto ja defunto e sua mulher maria de matos bem asim são o cazall chamado das courelas com seu privilégio das taboas vermelhas cito junto ao salvador da freg.^a de são pedro de azurey», etc., etc. Também nomeia «as casas sobradadas de dous sobrados citas na Rua da Sapateira q são de prazo foreiras ao morg. q ora he possuidor Cristovão machado de miranda em o qual he tersseira vida».

(4) Almojarife eram os cobradores dos direitos reais. Miguel Dias Feyo, como podemos ver em muitos documentos, ostentou este cargo até à morte, recebendo todas as rendas das terras reguengas.

(5) Nicolau nasceu a 13.12.1642 e foi Bap. a 19 sendo padrinhos o D.or Pantalhão de Souza, Juiz de Fora, e Dona Maria de Menezes, f.a de Pedro Cardoso de Menezes, da Casa do Proposto. Em março de 1644 nasceu Jerónimo, mas o assento está praticamente ilegível. Bento é Bap. a 16.7.1646, afilhado do Cónego João Gomes, da cidade de Braga, e de Isabel da Fonseca, prima dos do Proposto. Nasc. 1 da freg.^a da Oliveira, Arq. Mun. A. Pimenta.

(6) Das filhas Maria e Isabel só encontro os assentos de Baptismo,

roxo lavrado com ouro, vestiriam a coifa de seda e ouro com renda de ouro em guarnição e fitas encarnadas, rezariam à pequena imagem de Santa Ana, toda em ouro, ofertas de sua Mãe, Maria Ana de Matos, a Nossa Senhora da Oliveira? (7).

Numa mesa pousam por instantes, pois o descanso é pouco, os pesados tinteiros, a grande pena, os sinais, os cadernos das muitas escrituras, onde «*como pessoa publica que he*» escreve perante testemunhas os contratos, as vendas, as compras, os testamentos, Miguel Dias Feyo, Tabelião de Notas (8). Na casa da Rua Sapateira entram e saem grupos a falarem alto, donas viúvas encapotadas e silenciosas, mãos grossas a assinarem de cruz e a rogo, firmas cheias de borrões. Ao virar das páginas dos cinco livros de notas, chegados até hoje, sentimos o palpitar da vila, escutamos os longínquos passos de sua gente a diluirmos-se; o pisar abafado nas folhas do tempo, a caírem coloridas, castanhas, mortas.

Também foi «*por sertos annos*» Administrador e Rendeiro do Real d'Água de Guimarães e sua Comarca. Choram fontes, bicas, correm nascentes. A 1-3-1644 contrata o trespasse de todo o arrendamento das águas de Cabeceiras de Basto, Mondim, Cerva, Atei, Ermelo, todos os seus termos e dos Coutos de Refoios e Abadim, por *presso e quantia de 120\$000* (9). As montanhas tão lindas, repletas de pássaros, de caça, de paz, aparecem magestosas, a encantar, cheias de murmúrios e beleza. Mas outras terras também verdes, entre soutos e carvalheiras, convidam-nos a percorrê-las.

Como vamos? De carroção? De cadeirinha? Ou puxados por bois amarelos, tão mansos, humildes, tão bonitos? Mais fácil: com o dedo, sobre o mapa, desenhemos as freguesias. Pouco antes

suponho que faleceram meninas. Maria, é bap. a 5-8-1645 os padrinhos são Pedro Cardoso de Menezes e sua f.^a Dona Antónia; Isabel, a 19.7.1648, é afilhada de João Frz da Oliveira e de Isabel Bernardes, m.er do D.tor António de Moraes (N 1 Oliv.). Todos os filhos de Miguel Dias nascem na Rua Sapateira.

(7) «*Os Conegos da Oliveira*» de Eduardo de Almeida — Tesouro da Colegiada Inventário, in «*Rev. de Guimarães*», vol. XXXIX-3-4 ano 1926 págs. 281, 279 e 220.

(8) Existem no Arq. Mun. A. Pimenta 5 livros de notas do Tab. Miguel Dias Feyo, que vão de 26.6.1641 a 14.11.1646 e têm as cotas de 12-4-3, 12-4-4, 12-4-7.^a, 12-4-10 e 12-4-68.

(9) «*Contrato q fas miguell dias como administrador e Rendr.º do Reall dagoa desta comarca com dinis doliveira m.or em sima de villa do arco de bagulhe do c.º de atei por si e por mateus machado*», a 1.3.1644. L.º de notas do Tab. Fr.cº Veloso (12-4-7.^a), p. 260.

de morrer, Miguel Dias Feyo faz um vínculo das suas propriedades⁽¹⁰⁾. Vejamos. Perto da vila, em Azurém, o casal das Courelas «*junto ao Salvador*», o campo das Colondrinas e o da Lavandeira «*sahido do Casal da Veiga*». Nas margens do Ave os dois casais da Granja e a herdade da Bragaveira, em S. João de Brito. Atravessados pelo Selho, ou nas suas proximidades, o da Portela, em S. Jorge, a metade do da Senra, comprado a Fernão Rebelo de Almeida. Aos pés da Penha, os da Geba e Vila-Meão, em Polvoreira; os das Aldeias, a herdade do Verdelho, os Campos de Santo Estêvão, em Urgêzes.

Continuamos a contornar as muitas freguesias do termo de Guimarães. Em Santo Estêvão de Briteiros encontramos os casais da Cavada e da Bica; em S. Tiago de Candoso, o da Veiga; em S. Faustino de Vizela, mais herdades e casais. Ainda em Azurém vemos o prazo reguengo do Casal do Mortório⁽¹¹⁾, as terras e lameiros que foram de Gonçalo de Freitas. Com mais dificuldade percorremos as ruelas estreitas da vila, onde há casas pertencentes a Miguel Dias: as da rua Sapateira, onde vive, as do Cano «*com seus arvoredos e pertences*», as duas da rua da Cadeia, as da rua dos Mercadores «*p.^a a p.te do heirado e seus quintais*». Depois alargamos outra vez pelos campos, por freguesias remotas, por S. João de Serafão e Vila Cova onde se encontra o Casal do Outeiro.

Tocamos os grãos, as espigas, as medidas também vinculadas: vinte e cinco de pão meado pagas pelo casal de Taques, em Garfe, juntamente com 1 marrã e 4 galinhas; oito de milho, quatro de centeio e três de trigo pela herdade da Lamarinha, em S. Tomé de Travassos e as desanove das várias terras em Serafão. Instituído o vínculo, Miguel Dias Feyo, Almojarife dos Reguengos da Vila de Guimarães, Ouvidor Geral das Décimas dela, Recebedor dos Lançamentos das Sizas e da Casa do (12), jaz para sempre⁽¹³⁾ no seu carneiro na Colegiada de Nossa Senhora da Oli-

(10) «Instetuhisão de vincolo p.^a todo sempre q faz Migell dias da Rua Sapatr.^a desta villa de G.es», a 18.9.1665. L.º de notas do Tab. D.os da Cunha (12-4-27), p. 63, Arq. Mun. A. Pimenta. Este documento está assinado por todos os filhos.

(11) Este casal foi comprado por Miguel Dias Feyo a Pedro Vieira da Maya, a 17.4.1664. L.º de notas citado na nota 10.

(12) Cargos que lhe são atribuídos no documento citado na nota 15.

(13) Faleceu a 27.9.1665, Doc. citado na nota 14.

veira, «*debaixo da pia entrando pela porta prinssipal à mão direita e nella se enterrou sua m.^{er} Maria Ana de Matos*» (14).

Estão vinculados a maior parte dos bens do Almojarife. Dobram ainda os sinos. A 30-9-1665 reúnem-se os filhos na Rua Sapateira. Como pôde o Pai fazer a instituição quando a maior parte das terras eram adquiridas na constância do casamento, pertencendo-lhes também como herdeiros da Mãe? Não tinham todos três concordado? Sim, «*a seu pedido e roguo e atendendo a não lhe faltar a este rogo e com assentimento de sua doenssa q com ela lhe não seguravão a vida os mediquos como ao depois foi visto*». «*Na ocasião não atentarão no grande Prejuizo que pella disposição do ditto Vincullo lhes ficava Rezultando tanto agora de presente como para o tempo vindouro asy as suas Legitimas asy do d.^{to} seu Pay como de sua May de cuja liberdade quieriam quada quall delles usar*». Além do mais não eram livres as terras vinculadas pois o Pai, em razão de seus cargos «*estava obrigado a pagar e a satisfazer a S. Mag.^{de} o dinheiro que lhe estava devendo e a m.^{tas} pessoas particullares*» (15). Juntos, procuram livrar-se do jugo a pesar sobre tanta terra, impedindo-os de «*gozar os bens herdados*». A Missa quotidiana, «*para todo o sempre*» preza à instituição do vínculo, e o responso por suas almas, também todos os dias rezado na sua sepultura, é aceite pelos Padres da Coraria. Agradecidos, o Reverendo Nicolau Dias de Matos, Jerónimo de Matos Feyo e o Reverendo Bento Dias de Matos, entregam vinte mil reis à Irmandade, além do disposto pelo Pai (16).

Na Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, em Guimarães, transcorre serena a vida do muito Reverendo Nicolau Dias de Matos, Cónego e Tesoureiro Mor da Colegiada, o primogénito de Miguel Dias Feyo. De 1670 a 1698 preside ao Cabido, interroga, recebe os juramentos dos Santos Evangelhos, inquire da pureza de sangue dos futuros cónegos (17). Entrado por coadjutor do

(14) «Livro das Sepulturas da Real Colegiada» (1-2-13), Arq. Mun. A. Pimenta.

(15) Instrumento de reclamação feito a 30.9.1665 pelos três filhos de Miguel Dias Feyo e que não foi terminado. Encontra-se nas últimas págs. do livro de notas do Tab. D.os da Cunha, ano de 1653 (12-4-20), Arq. Mun. A. Pimenta, e a letra é diferente.

(16) «Contrato dos filhos de migel dias feo com a coraria», 30.10.1665. L.^o citado na nota 9, p. 66.

(17) «*Boletim de Trabalhos Históricos*», vols. VII, págs. 27, 78 a 93, 175, 182 e 183, e VIII págs. 6, 15, 20, 21, 26, 33, 34, 50, 57, 58, 64, 65, 72, 84, 140 e 156.

Reverendo Baltazar Dias da Fonseca, falecido a 24-9-1668, tomara posse do cargo a 11-10-1670⁽¹⁸⁾. E lá vai, claustro adiante, para a Casa do Priorado, «*ao som da campã tangida na forma do seu antigo costume*». E lá vem, seguido dos mais capitulares, a segurar o Evangelho, onde os novos providos juram «*guardar os estatutos desta Real colegiada na forma delles e defender apurissima conceição da Virgem Senhoranossa consebida sempecado original e fazem aprofição de fee*»⁽¹⁹⁾. Pergunta aqui, manda saber acolá dos avós deste e daquele, se são «*Christãos Velhos limpos e de limpo sangue egeração sem raça de mouro judeu Christão novo ou de outra infecta nação ouseita novam.*»^{1.ª} *convertida anossa St.ª fe Catholica*». Espreita também, certamente com alegria, as obras da Capela Mor na Igreja da Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira.

Trata-se a obra a 6-6-1675 numa casa da Praça do Peixe na vila de Guimarães⁽²⁰⁾; ameaça ruína a Capela-Mor. O encarregado é António de Crasto, architecto de pedraria, morador no Assento, do Mosteiro de S. Martinho de Sande. Maravilhados olham o Dom Prior e os Cónegos os moldes e plantas feitos pelo Mestre de Campo Miguel de Lescolle⁽²¹⁾. Começam por desfazer

(18) Mesmo *Boletim* da nota anterior, vol. VII, p. 102. Foi também Escrivão da Santa Casa da Misericórdia, eleito a 3.7.1679, reeleito a 3.7.1680 e Provedor da Mesma Santa Casa a 2.7.1683 e 1684. Mesmo *Boletim*, vol. IV, p. 126.

(19) Fórmula usada nos juramentos das Inquirições de Genere. Nota 17.

(20) «Contrato q faz o d.tor provedor da Comarca com Ant.º de crasto architecto de pedraria para a obra da Capela de nosa smra da oliveira desta villa», a 6.6.1675, L.º de notas do Tab. Jorge Lobato da Cruz (12-3-63), pág. 122 v.º — Arq. Mun. A. Pimenta. A escritura seguinte é a fiança prestada por António de Crasto do dinheiro que recebeu para «a continuação da obra que sua alteza que deos goarde mandara fazer e que rematara o dr. Francisco de Moraes Sarmento, Provedor da Comarca, em oito mil cruzados e trezentos e corenta mil reis.» Diz António de Crasto não querer mais «de trezentos mil reis p.ª aver de mandar quebrar pedra p.ª a dita obra». Para segurança desta quantia obriga todos os seus bens especialmente os campos e casas que tem no Assento de S. Martinho de Sande, foreiros à Comenda dela. Apresenta como seu fiador António Ribeiro de Aguiar, que responde com todos seus bens, especialmente com sua Herdade de Aguiar, em St.ª Cristina de Arões, conc. de Unhão. (p. 124). A 14.6. Maria Nogueira, m.er de António de Crasto dá a sua outorga.

(21) Nos documentos citados na nota ant. vemos que é da autoria do Mestre de Campo, Miguel de Lescolle, a planta da Capela-Mor da Igreja

os «*Retabollos Cadeiras e grades de ferro e paineis q estão na Capella mayor e collaterais*», tudo à custa e ordem de Sua Alteza (22). Sustentam com escoras as paredes e arcos da Igreja, e as capelas dos lados para «*não abrirem com a nova edificação*» Toda a telha, toda a madeira, «*p^a segurança do forro do cruzeiro q não caya e asy mais p^a cobrir a capella maior q de novo se faz e tornar a reformar as Capellas Colatruaes*», é dada pelo Mestre Architecto. E a pedra nova vem chegando aos carretos, carros a chirem, quebrada no monte, lavrada na vila, para os alicerces, bem «*esforçados*», sem entulho nem «*pedra meuda*».

Se fôr percizo alterar o projecto, se a obra o pedir «*ou p^a ficar maes gallante*», chamar-se-ha o Mestre de Campo, estando elle «*nesta provincia*», ou «*outra pessoa practiqua*», no caso de não estar. Gastar-se-hão oito mil cruzados e trezentos e quarenta mil reis, preço da arrematação feita pelo Provedor da Comarca Dr. Francisco de Moraes Sarmento. Vêm as dignidades da Real Colegiada surgir o painel do meio com as Armas de Portugal em «*lugar da figura de nossa senhora da oliveira*», metidas em uma tarja, e nos cantos do painel apparecerem ramos de oliveira. Cuidadosamente vigiam o desfazer da capela velha «*p^a verem se nas ditas paredes haverão algumas Reliquias de alguns santos de que ha alguma tradição*». Será necessário rasgarem-se as frestas do altar, para a largueza da Capela? Rasguem-se «*com q fique a vista*

da Colegiada de N. Sr.^a da Oliveira. Além das frases intercaladas no texto e muitas outras, assim se lê: «...com toda a perfeição na forma que esta dibujada pello m.e de campo migel de lescolle conformandosse assy com o Riscunho principal como pellos moldes e plantas feitas pelo dito m.e de Campo e conformandoce com hos apontamentos que o dito m.e de campo deixou feitos acerca da edificassam e perfeissam da obra excepto os pressos das brassas e mais pedrarias». Michel de Lescolle foj um «engenheiro francêz a quem D. João IV deu o posto de tenente de artilharia. Em 1661 tratou da edificação do forte de Valença. Empregou-se também em trabalhos civis, como o cais de Coimbra. Em 1684, no posto de mestre de campo, foi examinar e pôr em estado de defesa a barra de Vila do Conde. Também trabalhou na fortificação de Chaves», in «*Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*», vol. XIX — Lescol (Miguel).

(22) Como ainda fosse vivo El-Rei D. Afonso VI, D. Pedro II embora reinasse tinha somente o título de Príncipe Regente e o tratamento de Sua Alteza. Só depois da morte de D. Afonso VI é que tomou o título de Rei e Magestade, tratamento que era dado aos Reis de Portugal desde D. Sebastião.

mais clara». Em 1676 prosseguem os trabalhos (23), vêm depois as «*vidrassas e grades da cappella-mor*», por conta de Sua Alteza. E é só em 1686 que o Reverendo Nicolau Dias de Matos e restante Cabido espreitam contentes o cadeiral ensamblado a madeiras de cores, de Gaspar dos Reis (24).

Tesoureiro-Mor da Colegiada, ele aí vem, a arrendar os frutos da São Joaneira da freguesia de Santa Maria de Matamá, com todas as novidades, a revolver o cartório da Real Colegiada, a visitar o Mosteiro de S. Torcato (25). Vem, vai. E a 22-7-1689, depois do meio dia, parte para sempre o muito Reverendo Nicolau Dias de Matos (26). Quanto ao irmão mais novo, o Reverendo Bento Dias de Matos, esse aparece muito menos. Abade de S. Vicente de Pinheiro, no Bispado do Porto, por longos anos; vem, em 1674, baptizar à Igreja de S. Miguel do Castelo (27), presta assistência a seus irmãos em algumas escrituras, passa quase em silêncio por estas páginas.

Silêncio que não existe com o outro irmão: Jerónimo de Matos Feyo. A música alegre do seu casamento, a 9-6-1667, na Colegiada da Oliveira, com Dona Catarina Peixoto de Gouvêa (28),

(24) A 16.4.1676 António de Crasto dá outra fiança a mais 600\$000, que recebeu para continuar a obra. Mesmo livro da nota 19, p. 134.

(24) *Mobiliário Artístico Português-II-Guimarães*, de Alfredo Guimarães, p. 55.

(25) «...sendo thesoureiro mor da real Collegiada de Nossa Senhora da Oliveira Nicolao Dias de Mattos, revolveu o cartorio. Entre os papeis achou um antigo pergaminho, que já mal se podia ler e do que poude differençar nelle, foi a affirmar que no mosteiro de S. Torquato estavam muitas reliquias, escondidas em suas paredes, aonde as occultaram por não serem maltratadas pelos gentios...». Foi ao Mosteiro com outros sacerdotes, um mestre e officiaes de pedraria e mexendo nas paredes encontrou muitas reliquias, a 7.11.1685, in *Memórias Ressuscitadas da antiga Guimarães*, do P.º Torquato Peixoto de Azevedo, p. 256. Traz a descrição das reliquias. O arrendamento da S. Joaneira foi a 11.7.1682. «Arrendamento do Rev. Tesoureiro-Mor nicullao dias de matos da Renda de Matama a Bar Rebello», L.º de notas do Tab. D.os da Cunha (12-4-35), Arq. Mun. A. Pimenta.

(26) *Boletim de Trabalhos Históricos*, vol. VII, n.º 3-p. 102.

(27) A 5.3.1674 foi a S. Miguel de Castelo Baptisar Nicolau f.º do Tab. Francisco Mendes de Alvarenga e de sua m.ªer Mariana da Silva Pereira (M. 3 Oliv.ª), prima co-irmã de D. Catarina Peixoto de Gouvêa (v. *Velhas Casas, V.—Casa de Pousada*, nota 58), que foi a madrinha.

(28) M 3 Oliv.ª — Arq. Mun. A. Pimenta.

filha do Capitão Francisco Peixoto Castelão, dos Peixotos de Pousada (29). A fanfarra a não deixar ouvir os seus feitos ao receber o hábito de Cristo e a mercê de Fidalgo Cavaleiro da Casa de Sua Magestade (30). O intervalo nos anos de 1672 e 73 a pôr em ordem a sua Casa: paga com os irmãos uma dívida do Pai (31), como procurador de Dom João de Mascarenhas, Conde da Torre, e da Condessa de Alegrete, Dona Catarina Bárbara de Noronha, arrenda-lhes as terras (32), empraça as próprias (33). E depois volta a toada, cheia de vida, cheia de saudade, de muita dor, de glória, de muito mar, uma só com todos os fidalgos de seiscentos: a doação feita por seu sogro *«de alguns Cervissos que tinha feito a sua Mag.^{de} nas partes do Brazil e que em satisfação delles lhe avia o dito snr mandado passar dous alvaras de lembrança, he ao depois neste Reino o tornara a servir na fronteira do Minho como constaria das certidões que tinha dos generais e cabos e como se achava com muitos anos de hidade e não podia continuar no Real Serviço de Sua Alteza Real que Deos Goarde e não tinha outra*

(29) Para a ascendência de D. Catarina, ver o 1.º citado na nota 27.

(30) Não vimos o Alvará de Fidalgo, nem sabemos quando tomou o Hábito de Cristo; a partir de 1669 é citado com Cavaleiro e Fidalgo.

(31) «Contrato de dr.º a razão de juro entre António pais do amarral e Jerónimo de matos feo sua m.er e irmãos», a 23.10.1673. Tab. André Lopes (10-3-48), Arq. Mun. A. Pimenta.

(32) «Arrendamento que faz Jm.º de Matos Feo da Comenda de Castelões a franc.º da fonsaca de mesma freg.ª», a 23-9-1672. L.º da nota anterior. Diz o primeiro, que como procurador de Dom João de Mascarenhas, Conde da Torre, Com.or da Comenda de S. João de Castelões, arrenda a Comenda ao 2.º.

Dom João de Mascarenhas (1633-81), foi 1.º Marquez da Fronteira e 2.º Conde da Torre e um dos mais distintos oficiais da Guerra da Restauração.

Neste mesmo 1.º como proc.or de Dona Catarina Barbara de Noronha Condessa de Alegrete, Comendadeira de..., Jerónimo de Matos Feo faz três arrendamentos de terras dessa comenda. D. Catarina Barbara de Noronha era viúva de Matias de Albuquerque, único Conde de Alegrete, reconquistador da Baía e de Pernambuco, vencedor da Batalha de Montijo. etc., foi, muitos anos depois da morte de seu marido, Camareira-Mor da Rainha D. Maria Sofia e I Marqueza (e única) de Alenquer, faleceu s. g. em 1717. Era f.ª de D. Pedro de Noronha, IX Sr. de Vila Verde e de sua m.er D. Júlia de Noronha, Sr.a de Angeja. — V. *História Genealógica da Casa Real*, de D. António Caetano de Sousa, L.º X, p. 649 e L.º XIV, p. 382.

(33) «Prazo que fazem Jm.º de Matos Feo e sua m.er a 26.11.1672», 1.º da nota 31.º É o empraçamento do Casal da Torre em Garfe.

obrigação que ho dito seu Genro por ser cazado com sua filha unica legitima...» (34).

Filhos? Não os têm Jerónimo de Matos Feyo e sua mulher Dona Catarina Peixoto de Gouvêa. Mas sim esperança de os ter. Para eles, e seus descendentes, concedem os Padres da Piedade, virtuosos homens de oração e de milagres, em 1679, a sepultura em frente ao altar de S. Jerónimo, na nova igreja dos Capuchos (35), feita de esmolos, das pedras das muralhas, da devoção dos povos. Prebendeiro do Cabido (36), em 1681, instala-se Jerónimo em sua casa junto ao Salvador do Cano das Gafas (37). Daí compra a 6-5-1682 a herdade de Riba Rio, em S. Torcato, vendida poucos anos depois (38).

(34) «Doação que faz o Cap.am Fr.cº Peixoto Castelão a seu genro Jerº de matos Feo». Mesmo l.º nota anterior.

(35) *Guimarães e Santo António*, por Oliveira Guimarães, Abade de Tagilde, 1895, p. 56. Diz mais o Abade: «...os padres cederam a sepultura com obrigação de fazer e dourar o retábulo dele e darem anualmente dous mil reis para a sua fabrica. Moravam eles (Jer.º de Matos Feyo e m.er) na sua quinta onde agora assiste Joaquim Leite de Azevedo (1). — ((1) Hoje morada de seu descendente o sr. Conde de Lindoso) —, e seus descendentes vivem hoje em Braga (2). — (2) Não me foi possível averiguar apesar dos bons officios do meu amigo Dr. José Machado, se ainda actualmente existem em Braga descendentes dos padroeiros deste altar». Como Jerónimo de Matos Feyo e m.er não tiveram f.os, era impossível ao Dr. José de Sousa Machado encontrar a sua descendência.

A 4.5.1693 o Lic.do Miguel Dias de Amorim, f.º de Jerónimo Dias de Amorim e de sua m.er Antónia Mendes, da freg. de St.ª Maria de Lousada, passa proc. a seu tio Jerónimo de Matos Feyo para receber, em seu nome, D. Antonia de Freitas Peixoto, f.ª do Sarg.-Mor António de Freitas de Alvarenga e de sua m.er D. Marta Per.ª da Silva ou do Lago (C 1 Azurém e *Velhas Casas (V)*, *Casa de Pousada*, nota 58). Jerónimo Dias de Amorim podia ser primo co-irmão de Jerónimo de Matos Feyo, mas nada sei de concreto; a mãe da noiva era irmã de Dona Mariana da Silva Pereira (nota 26), ambas, como se disse, primas direitas de Dona Catarina Peixoto de Gouvêa. A 24.10.1669 Miguel Dias Feo e sua m.er Dona Antónia, residentes em Cerzedelo mas na Casa do Salvador, pertença de seus tios, fizeram uma proc. para que Sebastião de Amorim e Araújo, Tesoureiro da Alfândega de Viana, cobre sobre um dinheiro que lhes é devido (Tab. Jorge Lobato da Cruz (10-3-46) Arq. Mun. A. Pimenta). Por haver uma grande lacuna nos livros paroquiais de Cerzedelo, ignoro se este casal teve ou não filhos. Descenderão deles os Feyos de Braga?

(36) «Contrato do p.e João de Araujo com Jerónimo de matos feyo preben.º do Cabido», a 16-9-1681. Mesmo livro da nota 24.

(37) Neste local houve em tempos remotos uma gafaria de mulheres; ficou-lhe o nome. V. *Guimarães do P.º Caldas, Gafaria*, II vol., p. 231.

(38) «Compra q fes Jerónimo de Matos feyo do Cano das guaffas a

Almojarife da Rainha como o pai⁽³⁹⁾, distrata a 7-7-1682 um empréstimo com os reverendos curas da capela da Sé⁽⁴⁰⁾. Capelão de sua casa, pegada à Ermida do Salvador, é o Padre Inácio Ribeiro⁽⁴¹⁾. Herda de seu irmão, o Tesoureiro-Mor⁽⁴²⁾. Continua a venda de seus bens; em 1691 chega a vez à Veiga de Santiago de Cadoso.⁽⁴³⁾ Que mais? Em 1692 seus parentes João de Seixas e sua mulher Maria Dias da Cunha fazem-lhe a doação dos serviços feitos a Sua Magestade por seus filhos Francisco de Seixas e Domingos de Seixas, no Estado da Índia⁽⁴⁴⁾. Morre-lhe o sogro, sendo sepultado nos Capuchos⁽⁴⁵⁾. Em 1692 descreve-se a «*rua do Salvador, a que deu nome a sua capella, aonde está situada a quinta da Verdelha, com suas nobres casas, que estão por acabar, mas ainda assim servem de residência aos arcebispos de Braga quando vem a*

Joseph Corrêa de Abreu e sua m.er Ilena Rebella desta villa» (menc. em *Velhas Casas (V), Casa de Pousada*, nota 218, p. 105), a 6-5-1682. L.º de notas do Tab. D.os da Cunha (12-4-35), p. 127, Arq. Mun. A. Pimenta. Esta herdade de Riba Rio é logo depois por eles vendida, a 2-6-1684, (mesmo Tab. (12-4-37)) a Jerónimo Ribeiro e sua m.er Maria de Freitas, do Casal da Veiga, Azurém (v. *Velhas Casas (VI), Casa da Veiga*).

(39) A quem sucedeu no cargo.

(40) «Distrate de jeronimo de matos feyo com os dous capellais da See sobre o Legado de G.1.º fr.co Castelhana (v. *Velhas Casas, (III), Casa do Costeado*), mesmo livro da nota 35 (12-4-35), p. 132 v.º.

(41) M 3 Azurém, Arq. Mun. A. Pimenta.

(42) «A 22.7.1689 faleceu o Rev.do Nicolau Dias de Matos, Tesoureiro-Mor desta Colegiada; ficou herdeiro seu irmão Jerónimo de Matos Feo, m.or no Cano, Azurém» (O 1 Olv.º) e nota 26.

(43) «Compra de Paulº Borges de Lassos a Jeronimo de matos feio da q.tª da veiga da freg.ª de Santiago de Cadoso». Tab. D.os da Cunha (12-4-41), Arq. Mun. A. Pimenta. Esta escritura já foi menc.ª em *Velhas Casas (IV) Casa de Laços*, na nota 55. Aí estão citadas outras transacções entre os de Laços e Jerónimo de Matos, empréstimos e distrates nas notas 48 e 56 do mesmo estudo.

(44) «Reteficação duma doação que fizerão João de Seixas e sua m.er. M.a Dias da Cunha». L.º de notas do Tab. Jorge Lobato da Cruz (10-3-46), p. 51. Arq. Mun. A. Pimenta. Moravam eles no lugar do Sirgal, freg.ª de S Pedro Fins, no Concelho de Unhão e «tinham feito uma escritura de doação gratuita a Jerónimo de Matos Feo, F. C. R., Cav.º do Hab. de Cristo, seu parente, como mais largamente constar nas minhas notas a 9.3.1692 e por saberem que nos Juizos de Lisboa se punham dúvidas a esta doação, dos serviços de seus filhos Francisco de Seixas e Domingos de Seixas mortos ao serviço de Sua Magestade no Estado da India», rectificam-na.

(45) M 3 Azurém.

esta villa: pertence a Hieronimo de Mattos Feio, cavalleiro de Christo e fidalgo da casa d'el-rei, e juiz do seu Reguengo» (46).

A 10-7-1696 chega João de Seixas, do lugar da Ponte da Veiga, da freguesia de São Fins do Concelho de Unhão, a dar-lhe a quitação dos encargos que teve como testamenteiro de seu filho, o capitão Francisco de Seixas, falecido na Índia (47). E aquela melodia dos fidalgos de seiscentos, feita de alardes, de altos e baixos, de dívidas, de serviços por pagar, de muita glória, de muita mágoa, volta a tocar, a orquestrar todos os seus instrumentos. A 9-3-1697, juntamente com sua mulher Dona Catarina e uma procuração de seu irmão o Rev.^{do} Bento Dias de Matos, abade de S. Vicente de Pinheiro, Jerónimo de Matos Feyo vende a Manuel Pereira de Azevedo, «outrossy fidalguo» *«as casas que tinham e possuíam em pacífica posse por sy e seus antecessores de muitos anos a esta parte sem contradissão de pessoa alguma junto ao Salvador do Mundo arrabalde desta villa e outras casas sobradadas mais acima com todas as suas pertenças»*, O Casal do Verdelho, o campo da Lavandeira, *«as sortes e pumares que estam dentro dos muros e serco das ditas casas»*, um olival, diversos foros, e o encargo de três missas semanárias no Altar de Santa Ana, na Real Colegiada, tudo por quatro centos e vinte mil reis em moedas de ouro e prata (48).

(46) *Memórias Ressuscitadas da Antiga Guimarães* do P.^o Torcato Peixoto de Azevedo, p. 319. Foram escritas em 1692.

(47) «Quitação q da João de Seixas m.or na freg.^a de S. Fins do C.^o de Unhão a J.m^o de matos feo», a 10.7.1696. L.^o citado na nota 44.

(48) «Venda que fazem Jeronimo de matos feo e sua m.er e seu irmão o Rev.do Bento dias a m.el pereira de azeve.do». Tab. Jorge Lobato da Cruz (10-3-46), p. 124 v.^o, Arq. Mun. A. Pimenta. Todas estas propriedades foram vendidas com suas «entradas e serventias a ellas pertencentes e lhes pertenciam também as saídas do Salvador do Mundo». Os foros eram os seg.tes: 1 tostão que se lhes pagava do lameiro que sai das casas de São Dâmaso e Calandrias, 180 rs. pagos anualmente à Câmara, 120 rs. ao Conv.^o de S. Domingos, 20 alqueires de pão meado que recebem por ano dos donos da Veiga, em Azurém, pelas terras que trazem dos Casais do Surdo e Mordomia, e 48 000 pagos por João Francisco, pedreiro no Cano. por prazo que disse tem.

Nesse mesmo dia vendem a Torcato de Barros de Faria, m.or na sua q.t^a de Melhorado, S. Mart.^o de Vale do Bouro, Celorico de Basto, os casais da Mordomia, Calandras, Mortório, um de que não consigo ler o nome, e o campo que foi vinha, todos em Azurém e por 9.980\$000 (mesmo livro).

No dia 12 Jerónimo de Matos Feyo e m.er nas suas casas da «Rua

*

Ajoelhada, manto pregueado insuflado de movimento, a figura de Afonso Vieira, talhada no granito, reza aos pés da Virgem e do Senhor Morto. Rodeiam-no Santa Maria Madalena e S. João. É o Cruzeiro de Nossa Senhora da Guia, desde os meados do século XV⁽⁴⁹⁾ nas proximidades da sua capelinha. Ao lado de Afonso Vieira, bem esculpida na pedra, a sua sigla: a vieira e o A gótico encimado por um pequeno círculo. O tempo, o muito tempo, entre o agora e essa muito recuada época, abafou o som do escopro a golpear o fino granito, deixando em silêncio o nome do artista, possivelmente estrangeiro, «*nomeadamente se atentarmos no gesto da Senhora e no da Madalena, com certo maneirismo a destapar o vaso de bálsamo, fazendo-nos pensar nas buscas de realismo flamengas que só artista muito próximo delas estaria em condições de dar, numa composição de tal segurança*»⁽⁵⁰⁾.

Estendemos as mãos para Afonso Vieira, o progenitor dos Vieiras de Guimarães⁽⁵¹⁾. Que venha, que se erga da sua posição de séculos, que nos fale da sua vida e feitos. Não se mexe nem uma prega de seu manto, nem sequer tremelica um dos canudos dos seus cabelos. Rodeamos a grade que protege o lindo cruzeiro, esperamos. Nada. Mercador, a viver no Porto em 1436, como reza a «*Pedatura?*». Contador de Entre-Douro e Minho e Comen-

de S. Damazo junto a S. Francisco» chegam a acordo sobre um legado deixado por seu pai e sogro Francisco Peixoto Castelão, a sua sobrinha D. Paula (citada na nota 58 de *Velhas Casas (V), Casa de Pousada*), que os obrigava a sustentá-la como pessoa de sua qualidade, se com eles quizesse viver, e não querendo a dar-lhe todos os anos, enquanto viva, 1 carro de pão, 10 alqueires de milho alvo e 10 de milhão, 1 pipa de vinho e 4 carros de lenha, e por uma só vez uma cama de roupa para seu uso, com 4 lençóis, 2 toalhas de meza. 1 dúzia de guardanapos e 4 «toalhas de agoas-as-mãos».

(49) Antes de estar no local onde actualmente se encontra, o sítio do cruzeiro era ao cimo do Campo da Feira, junto da demolida casa onde nasceu Martins Sarmiento. V. *Guimarães e Santa Maria* do Abade de Tagilde, p. 126, e a obra citada na nota seg.te.

(50) *O Túmulo de Afonso Vieira do Museu Alberto Sampaio, e o Cruzeiro dito de Nossa Senhora da Guia*, por Maria Emília Amaral Teixeira. Sep. da «*Revista de Guimarães*», vol. LXIX, n.º 1-2, Janeiro-Junho, 1959. Ao estudar o túmulo, o cruzeiro e a família de Afonso Vieira, tira a autora conclusões de muito interesse.

(51) Nisso concordam todos os genealogistas que consultamos.

dador de Tavira como afirma Gayo? ⁽⁵²⁾. É o Afonso Vieira que a 23.6. da era de 1457 manda rezar na Real Colegiada uma Missa por seu padrao Afonso Domingues, mercador de tendas? ⁽⁵³⁾ Nasce, pedra a pedra, o Guimarães gótico, nos Paços dos Duques, nas abóbadas das igrejas e capelas. Fidalgos e escudeiros caçam com falcões; arredam-se pestíferos para longe das muralhas. Em Fez agoniza o Infante Santo, o Mártir. Imóvel, Afonso Vieira continua a orar. Desistimos. Vamos ao claustro de Nossa Senhora da Oliveira. Aí, debaixo dum arco de ogiva, perto da antiga porta, um simples túmulo. Lê-se na tampa da sepultura: «Este he de afonso vjeira e de sua neta M», em letras góticas. Vê-se claramente a divisa, a mesma do cruzeiro. O resto, a sua opulência, como viveu, o que fez, está guardado, escondido entre as pregas do granito, a doçura das figuras.

Folheamos a «*Pedatura*», o Gayo. Netos de Afonso Vieira são Martim Afonso Vieira, o Grilo, João Vieira, o Velho, Afonso Vieira, outro João Vieira administrador duma capela em Lisboa e Fernão Vieira ⁽⁵⁴⁾. Abrimos um parêntesis para misturar os gemidos da gente de Portugal a navegar ao soluçar das ondas. Um filho de Martim Afonso Vieira, Gonçalo Vieira Martins, escudeiro e escrivão do almoxarifado da vila de Guimarães, dá queixa que indo com outros, num navio latino, de Vila do Conde para as Canárias, na véspera do Corpo de Deus, em 1513, fôra assaltado

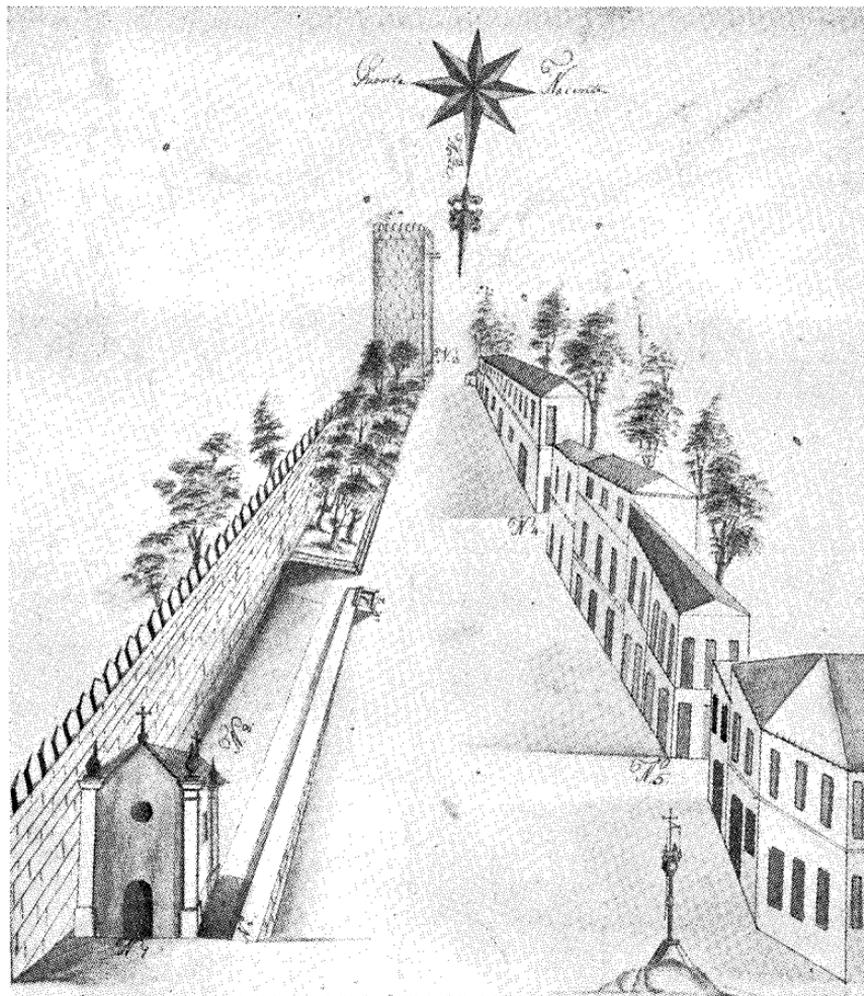
⁽⁵²⁾ *Pedatura Lusitana*, de Alão de Moraes, IV vol., 1.^a parte, p. 257 — Vieiras de Guimarães e Porto. No vol. I da mesma obra, 1.^a parte, p. 257, diz-se ser Afonso Vieira «homem muito honrado». Pensava Alão, embora o não afirme, terem sido dois Afonsos Vieira, e não um, como certamente foi. Nada obsta que um mercador que em 1436 estivesse no Porto fosse o Afonso Vieira de Guimarães, in *Nobiliário das Famílias de Portugal*, de Felgueiras Gayo, Tomo XXVIII, Vieiras, & 4.

⁽⁵³⁾ «*Testamentos e Doações*» ms. de João Lopes de Faria, na Soc. Martins Sarmiento, p. 275.

⁽⁵⁴⁾ Tanto Gayo como Alão (nos dois volumes que tratam de Vieiras) fazem alguma confusão com os pais dos netos de Afonso Vieira. Aos f.os de Afonso Vieira: Gonçalo Afonso Vieira «sr. da caça de seu pay e Contador de Entre Douro e Minho no tempo do Rey D. Duarte e D. Afonso 5.^o» e Diogo Afonso Vieira «q viveo em Guimarães pellos annos de 1441 e q depois de viuvo foi Tizoureiro-mor da Colegiada de Guimarães», dão esses autores vários filhos, baralhando os irmãos com os primos. Por falta de documentação escrevemos apenas que dos netos de Afonso Vieira: João Vieira, o Velho, o outro João Vieira, sr. duma capela em Lisboa e que casou c. a viúva de seu primo, de igual nome, Fernão Vieira, e Martim Afonso Vieira, o «Grilo», descendem várias famílias de Guimarães. Do Velho, os Vieiras de Carvalho (no texto), (do outro João



Casa do Cano ou do Salvador



A 1.ª localização do cruzeiro referido na nota 49.

por franceses, repetindo-se o roubo em 1527, numa viagem de «*stanarife da canarea para a ilha da madeira*»⁽⁵⁵⁾.

Seguimos com João Vieira, o Velho, morto em Toro, primeiro marido de Mécia Braz da Maya, dos «*Mayas fidalguos antiguos*». Tiveram João Vieira, o Moço. Casa este com Dona Maria Nunes de Carvalho, filha de Fernão Nunes de Meireles e de sua mulher Dona Brites Lopes de Carvalho, sobrinha materna do Doutor Diogo Lopes de Carvalho, 1.º Senhor de Abadim e Negrelos e do primeiro morgadio dos Carvalhos em Guimarães⁽⁵⁶⁾. Têm três filhos; duas senhoras e um varão: Camila Vieira, Brites Lopes de Carvalho e o Doutor Baltazar Vieira de Carvalho.

Oo olhos confiam, esperam, a testa é alta, despejada. Pómulos salientes, muito branco de pele, algum cabelo, barba e bigodes grisalhos, nariz sobre o grosso. Veste o hábito de Cristo e, de joelhos, reza. Mãos postas, refugiado na oração, o Doutor Baltazar Vieira, do «*Desembargo d'el Rei*», aparece-nos sereno no primeiro plano do quadro que mandou pintar para o altar da Casa da Câmara, o Pentecostes de António Vaz⁽⁵⁷⁾, agora no Museu Alberto Sampaio. As cores suaves, talvez frias, do pincel de António Vaz, mostram Nossa Senhora, as santas Mulheres

Vieira a geração extinguiu-se), de Fernão Vieira, os Vieiras da Casa de Aldão, e os Vieiras Leborões Arrocheias, e do «Grilo», os Rochas Vieiras.

(55) *Livro dos Roubos q̃ os francezes fezeram aos moradores desta villa de Guimarães e seu Termo*, editado e proemiado por Alfredo Pimenta, p. 51.

(56) *V. Carvalhos de Basto*, em publicação, Cap. VIII, Carvalhos de Guimarães, Senhores de Abadim e Negrelos.

(57) Revelado por Alfredo Guimarães, quando director e organizador do Museu Alberto Sampaio, António Vaz era desconhecido como pintor. Um quadro, «A Virgem e o Menino», apareceu na que foi capela privativa dos Dom Piores da Colegiada assinado por António Vaz; assinatura que procuro e que, segundo Alfredo Guimarães, aparece em «algumas laudas do exercício da administração do Cabido» em documentos da época. Nega a sua relação com António Vaz, seu contemporâneo, (o de Viseu e S. João de Tarouca), artista da escola de Vasco Fernandes, baseando-se em ser o de Guimarães *um nordizado sob os pontos e vista da concepção do desenho e da cromia*. Descrevi depois outros quadros: «O Calvário», na Igreja do Carmo, os retábulos de Santa Luzia, S. Gregório Magno, em Tabuadêlo, e o «Pentecostes» citado no texto, mandado executar pelo Dr. Baltazar Vieira para o altar da Casa da Câmara (estão todos no Museu Alberto Sampaio). *V. Guimarães, Guia de Turismo de Alfredo Guimarães*, 2.ª ed., pp. 153 e 154. Reinaldo dos Santos em *Oito Séculos de Arte Portuguesa* (pintura), diz que o pintor de Guimarães é o mesmo que o de Viseu.

(duas são irmãs do dador), o Anjo, os Apóstolos, iluminados, a receberem o Espírito Santo. Ao colo e aos pés de Nossa Senhora, dois livros abertos parecem contar a história do quadro ⁽⁵⁸⁾.

Absorto na contemplação do Mistério, talvez reze Baltazar Vieira para que o Rei-Menino, a pensar em África, vésperas de Alcácer-Quibir, «*para descargo de sua consciencia e d'El Rei seu avô*» satisfaça em seu sucessor, seu sobrinho Jorge do Vale Vieira «*o seu tanto e tão bom serviço*», que «*depois de Deos, suas Altezas a Rainha Nossa Senhora e o Cardeal-Infante sabem melhor*». Talvez esqueça a pena de ver as remunerações e mercês choverem sobre «*muitos que não tinham mais serviços, nem de mais qualidades, nem memórias*» ⁽⁵⁹⁾. E só então, «*desgoostozo do Real Serviço se retira para a sua quinta da Torre, na freguesia de S. Salvador de Tagilde*» ⁽⁶⁰⁾. Vincula-a, instituindo-a cabeça do seu morgadio do Espírito Santo, a 30-1-1578, com obrigação de duas missas por semana na Casa da Câmara em dias de vereação, uma missa cantada, com pregação, na Oliveira, na oitava do Espírito Santo, e outra na véspera da Assunção, na igreja de S. Francisco. Inclue no vínculo: as casas da Praça da Oliveira, onde viveram seus Pais ⁽⁶¹⁾, as da freguesia de S. Nicolau, em Lisboa, os casais da

⁽⁵⁸⁾ Neste quadro está pintado um livro aberto com letras góticas e por baixo dos personagens vêm-se também umas letras. Pedi a pessoa amiga que as lesse, na esperança de que contassem a história do quadro. Afinal a leitura é impossível, pois trata-se apenas de traços sem significado. Ignoro qual foi a fonte onde se baseou Alfredo Guimarães para identificar as pessoas que aqui aparecem.

⁽⁵⁹⁾ Testamento do Dr. Baltazar Vieira, do Desembargo d'el Rei, a 30.1.1578. Passagens transcritas de *A Capela de S. Roque e A Ermida do Bom Jesus do Calvário, de Eduardo de Almeida*, in *Revista de Guimarães*, vol. XXXIII, n.º 1 — Janeiro — Março 1923, p. 50 e 51. A *Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* trata de um Baltazar Vieira, Corregedor da Comarca de Coimbra em 1543 e depois Desembargador da Casa da Suplicação. Queixa-se dele, a D. João III, o Reitor da Universidade, dizendo que ele abusava das suas atribuições, julgando-se Reitor e Conservador, e tratava com descortezia os estudantes, «*pondo em grande guerra e desconcerto a Universidade mais quieta e pacífica do mundo*»; o Conselho da Universidade reforça o pedido do Reitor. Este Baltazar Vieira (o nosso?), fez a sua incorporação na Universidade a 6.6.1546.

⁽⁶⁰⁾ *Guimarães, Apontamentos para a sua História*, ms. do Abade de Tagilde, que ao tratar de freg.ª de Salvador de Tagilde, estuda o vínculo da Torre.

⁽⁶¹⁾ Esta casa é identificada na obra citada na nota 50: é uma das que restam alpendradas na Praça de Nossa Senhora da Oliveira; as quatro colunas do meio ainda ostentam a sigla de Vieiras.

Arrochela e de Entre Vinhas, em Santo Adrião de Vizela, o de Vila Pouca, em Santa Eulália de Barrosas, o de Campos, na freguesia da Costa, o campo «reguengo que traz o moleiro de Selho», uma quinta em Oeiras, e «laranjais e pomares na Barcarena, junto a Santarem»⁽⁶²⁾. Dos mais antigos de Guimarães, este é o morgadio da Quinta da Torre, onde se diz «*haver uma especie de gruta artificial, cadea onde o Morgado encarcerava os que causavam danos na quinta*»⁽⁶³⁾.

Mãos postas, temos o Doutor Baltazar Vieira a ver descer, sobre as cabeças dos Apóstolos, a luz e a sabedoria, em forma de línguas de fogo. Porque não pedimos a uma delas que saia da tela, num correr, numa pincelada e nos ajude a falar do «*seu pano grande darmar q tem o Juizo de paris*» «*para se armar no cruzeiro da Igreja da Oliveira onde vem muito certo*»⁽⁶⁴⁾, de toda a prata que tem em casa para se fazer dela «*um corpo do Martir Santo Sebastião dourado pelas partes que parecer necessario e do tamanho que se possa levar na procissão que se faz ao redor de Guimarães no dia do mesmo Santo*», onde «*se metera o relicário d'ouro que tem a própria e verdadeira carne do mesmo Martir*», de alegria e estupefacção de seus escravos forros⁽⁶⁵⁾, da sua bondade no «*grasalhado aos pobres de Amarante*»⁽⁶⁶⁾, das suas armas policromadas num quadro da Casa da Câmara⁽⁶⁷⁾.

Chega à Ermida de Santo André. Trazem-no morto, gelado, quatro clérigos e a Confraria de S. Salvador de Tagilde; veste

(62) «*Efemérides*», de João Lopes de Faria, vol. I, Janeiro, dia 30. Biblioteca da Sociedade Martins Sarmento.

(63) Nota 60.

(64) Testamento citado na nota 59. O Julgamento ou Juizo de Paris foi tema favorito da arte grega. Este assunto foi pintado por Rafael, David, Kaufman, Luca Giordano, etc, havendo nos Museus mundiais muitos quadros sobre este passo da História grega. A tapeçaria deixada pelo Dr. Baltazar Vieira, deve ter desaparecido.

(65) Transcrições do testamento citado na nota 59. Os escravos ficaram todos forros.

(66) «*...deixo o padrão que tenho de trinta mil reis de juro annual no almoxarife de G.es à Misericórdia de Amarante para grasalhado dos pobres que faço na mesma vila sem outra aplicação senão o sustento e amparo dos pobres*». V. nota 62.

(67) As armas do Dr. Baltazar Vieira estão num quadro de madeira que guarnecia as paredes da capela da Casa da Câmara (sala com altar), e que agora se encontra no Museu Alberto Sampaio. Escudo de fantasia policromado, partido: no 1.º Vieira; no 2.º Carvalho. Timbre: Vieira. V. obra citada na nota 57, p. 125.

hábito e todas as suas insígnas. Pára na Misericórdia. Já na tumba levam-no até ao Arco da Caldeiroa, rodeiam-no as Ordens de S. Domingos, S. Francisco e os Coreiros. Aguarda-o no Toural, tochas acesas lambidas pelo vento, o Cabido da Real Colegiada. Abre-se nessa igreja a sua sepultura, «*no cruzeiro della*» (68). Acabou a vida do Doutor Baltazar Vieira de Carvalho, instituidor do morgadio da Torre, Fidalgo e Desembargador d'el Rei, morto sem geração.

No quadro de António Vaz, duas senhoras, as irmãs do Doutor Baltazar Vieira. Vestidas de sedas, tons leves de dourado, de cor de rosa, rolos de tecidos à volta da cabeça, manda uma, (decote redondo e mangas debruadas de passamantaria, colar de aljófra e pérolas), calar a outra, mais discreta no trajar. Qual a mais velha? Qual é Camila Vieira, mulher de João do Vale Peixoto? Qual é Beatriz Lopes de Carvalho, casada com o Doutor João de Valadares, ascendentes dos Valadares Vieiras? (69). Nelas, nas duas manas, está a vida, o correr das gerações. Não vejo a João do Vale Peixoto, marido de Camila Vieira, e filho de Pedro de Carvalhais de Macedo, ido com a Armada a Azamor, e de sua mulher Felipa do Vale Peixoto, neto paterno de Fernão de Carvalhais vindo de Castela com mais dois irmãos na companhia da Senhora Dona Constança, Duquesa de Bragança, criado e Fidalgo de sua Casa, e de sua mulher Florença Rebelo de Macedo, Dama da mesma Duquesa (70), e materno de João do Vale, o Velho, Escudeiro do

(68) Disposições do testamento do Dr. Baltazar Vieira, nota 59.

(69) Deste casal descendem os Valadares, Barões de Ribeira de Pena, e todas as suas alianças. Deles são também 4.ª netos Pedro de Sousa de Castelo Branco, Sr. de Guardiã, e seus irmãos D. José de Sousa, Bispo do Funchal, D. João de Sousa, Bispo de Elvas, e António Vaz de Castelo Branco.

(70) Ms. emprestado pelo Dr. Nuno Pereira Marramaque Ferraz de Andrade. Além de João do Vale Peixoto, Pedro de Carvalhais e m.er tiveram os seguintes f.os: a) Violante do Vale Peixoto, c. 1.º c. Francisco de Torres, Cav.º da O. de Cristo, s. g., c. 2.ª vez c. Duarte Vaz, da Qt.ª de Carvalho d'Arca, c. g. e 3.ª vez c. Francisco Anes, s. g. (V. «*Peixotos — subsídios para a sua genealogia*», de Vaz Osório da Nobrega), b) Felipa do Vale Peixoto c. c. Baltazar Pinto, c. g. (Meyras, de Guimarães, v. 2.º parágrafo da nota 50 das *Velhas Casas (IV)*, *Casa do Paço*, p. 66), c) Catarina do Vale Peixoto c. c. Aires Teixeira, de Amarante, d) Fernão de Carvalhais, o Moço, Suc., c. c. g. (V. *Pedatura Lusitana*, de Alão de Morais, 1.º vol., 1.ª parte, p. 576, Carvalhaes de Guimarães). A sua descendência viveu em Guimarães. Seu bisneto, Francisco de Carvalhais,

Duque, Juiz dos Resíduos em Guimarães, etc. (71) e de sua mulher Isabel Peixoto, da Casa de Pousada (72). Não pintou António Vaz, «*o das mãos delicadas*» (73) a Jorge do Vale Vieira, filho de João do Vale Peixoto e de Camila Vieira, herdeiro de seu tio o Doutor Baltazar Vieira, nem a nenhum dos seus irmãos: o Doutor Bartolomeu do Vale Vieira, Arcediago de Fonte Arcada, «*eleito Bispo do Porto q não quiz aceitar*» (74), o Licenciado Martim Lopes de Carvalho (75), Paulo e Pedro do Vale, solteiros, António Nunes de Carvalho e Afonso de Novaes de Carvalho, mortos na Índia, Ana Vieira casada sem geração com Gonçalo de Figueiredo e Dona Teodora, freira em Santa Clara do Porto.

«*Achamos que o doutor ballthazar Vr^a é seu testamento deixara sarta copia de prata para se fazer hua imagẽ de são sebastião e a demazia della ficasse a confraria do S.^{mo} Sacramento e por q ha muitos annos q o dito doutor e fallecido sem ate o presente (1583) nam ser cumprido este llegado pio Mandamos aos Erdeiros e testamentr.^{os} hou a quaesquer pessoas a que pertençer q ã tp^o de trinta dias cumprão cõ he feito cõ a dita verba de testamento e Etregua de prata sob pena de esxcomunhão ipso facto... ..*» (76). E então, desde Jorge

passa uma procuração em 1629 para receber como esposa a Dona Sebastiana de Mendonça, m.or.^a em Lamego, f.^a leg.^a de Manuel da Costa Corte Real e de Dona Isabel de Mendonça (L.^o 10-2-47, Arq. Mun. A. Pimenta, e) Baltazar de Carvalhais, foi para a Índia, f) Cristóvão do Vale Peixoto, na Índia.

(71) Foi também vereador da Câmara de Guimarães, recebedor das Sizas, escrivão dos Direitos Reais, confrade da Confraria do Serviço de Santa Maria, e já era falecido em 1513; in «*Peixotos, subsídios para a sua Genealogia*», p. 28.

(72) Obra citada na nota anterior e *Velhas Casas (V), Casa de Pousada*.

(73) Obra citada na nota 57, 1.^a ed., p. 116.

(74) *Pedatura Lusitana*, I vol. 1.^a parte, Carvalhães de Guimarães.

(75) O Lic.do Martim Lopes de Carvalho foi abade de Maximinos, fal. a 26.10.1618 (M 1 Oliv.^a), A 8.8.1597 legitimou seis filhos (L.^o 10-1-53, Arq. Mun. A. Pimenta): a) Jorge, havido em Jerónima Henriques, e os outros cinco havidos em sua prima Lourença de Guimarães: b) Maria Nunes de Carvalho, fal. a 21.7.1624 em G.es, x na Igr.^a de S. Sebastião a 7.12.1600 c. seu primo Salvador de Meyra Golias (pais de João do Vale Peixoto, Beneficiário de S. Gens de Montelongo; Domingos de Meyra, que foi para a Índia, e 8 senhoras fal.s soltas), c) Francisca, d) Inês Peixoto, freira, nos Remédios da Braga, e) Francisco e f) Jácome que foram para a Índia.

(76) «*Para a História da Colegiada de Guimarães, Visitações dos*

do Vale Vieira, que o mandou fazer, S. Sebastião, de prata, no seu andor, percorre, por alguns séculos, as ruas de Guimarães, no dia da sua festa.

Tangem as campainhas, logo ao raiar do dia. Há missa solene e pregação. Pela Porta da Vila, a S. Domingos, sai o Santo debaixo do Pálio. Para as comemorações entra na Igreja de S. Sebastião, pára em frente à Ermida de S. Dâmaso. Segue por fora da vila, ao longo das muralhas, até à Porta do Campo da Feira. Sempre «*ao longuo do muro por fora*» vai à Ermida de Santa Cruz. Sobe depois até ao Mosteiro de Santa Marinha da Costa, passa pela Ermida do Salvador. Volta na mesma ordem para a Torre de Santa Luzia, entra pela Porta da Vila. Em coro, reza-se um Padre Nosso e uma Avé-Maria pela alma de Baltazar Vieira; finda a procissão⁽⁷⁷⁾. Pelas muralhas, pela torre, pelas ruas de Guimarães seiscentista passa a imagem de S. Sebastião, de prata⁽⁷⁸⁾.

Em 1599 a peste invadiu Guimarães. Morre-se nas casas, nas ruas, nos conventos. Apavorados, ouvimos os tétricos ais dos moribundos, os vagidos dos órfãos, sentimos o fedor das chagas, da carne quase morta comida já por bichos. Entram os frades «*a administrarem aos feridos todos os três sacramentos da penitência, da eucaristia e unção*». Fogem da vila os seus habitantes, à

Arcebispos de Braga à Colegiada de N. Sr.a da Oliveira, entre os séculos XVI e XVIII» in «*Boletim de Trabalhos Históricos*», vol. X, n. 1-2, p. 15.

(77) Cerimónia descrita em «*Os Cónegos da Oliveira*» de Eduardo de Almeida, in «*Revista de Guimarães*», vol. XXXV, n. 2, Abril-Junho, 1925, p. 120. Em 1721 Dom Rodrigo de Moura Teles, Arcebispo de Braga, excomunga os que nesta procissão de São Sebastião «*se tirão laranjas pellas partes por onde ella passa*», v. «*Cercos e Clamores*», IX das «*Curiosidades de Guimarães*», de Alberto Vieira Braga, p. 48.

(78) «*Uma Imagem de prata de S. Sebastião dourada de feitio antigo com uma reliquia no peito, 6 setas, encostada a uma árvore de prata dourada atada com um cordel de prata, que deu o Dr. Baltazar Vieira, Desembargador dos Agravos da Casa da Suplicação*», in «*Inventário do Tesouro da Colegiada de 1631*», na nota 7.

Na obra citada na nota 57, acrescenta-se: *a Imagem com o relicário ao peito existe, menos a peanha e a árvore primitivas, que foram roubadas na invasão francesa, e substituídas por outras, no Tesouro da Colegiada*. No Catálogo do Museu Alberto Sampaio, onde se encontra a imagem, lê-se: «*Sala de Ourivesaria — Vitrina 15-2 Imagem-Relicário. Prata. Representa S. Sebastião com uma reliquia ao peito. Obra dos ourives de Guimarães — Séc. XVI. Proveniente do Tesouro da Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira (Guimarães)*».

luz das tochas, ao som das rezas. Partamos. Em Urgeses, na Capela de Nossa Senhora dos Remédios, onde estavam retirados, o Juiz e Vereadores nomeiam um provedor dos pobres e enfermos. Na Casa de Saúde, no Monte de Santa Catarina, vencendo a repugnância, fecham, os que ainda têm vida, os olhos aos moribundos. Entre a muita dor, a muita morte, manda Jorge do Vale Vieira, erguer «*a ermida de S. Roque junto à casa de saúde no monte de St.^a Catarina no anno de mil e quinhentos e noventa e nove, servindo de guarda-mor nesta villa e seu termo*» (79); entrega o fabrico da capela aos padres da Costa. Agarram-se a S. Roque, o Santo salvo por um cão (80), advogado das epidemias, dos cardadores, dos humildes bichos nossos maiores amigos, pedem, choram, enterram os mortos. Construída a capelinha, rezam-se, por muitos anos, seis Missas no dia da festa, e canta-se outra por «*alma de Jorge do Vale Vieira, seus defuntos e todas as almas que faleceram do mal da peste que Deos nos goarde*» (81).

Senhor do Morgadio da Torre, fundador duma ermida, patrono da festa de S. Sebastião, sofrendo os horrores da peste, do desastre de Alcácer, vendo filhos e irmãos a partirem para a Índia, a castigar, a vender, a dar ofícios a seus escravos (82), Jorge

(79) Esta declaração lançada no test.mt^o de Jorge do Vale Vieira, (aprovado a 5.1.1618 e aberto a 1.10.1626) está transcrita no estudo citado na nota 56, p. 49.

(80) S. Roque viveu no séc. XIV, e era francês. Distribuiu todas as suas riquezas e dedicou-se ao serviço dos pestíferos, partindo para Roma, Rimini e Cesareia onde exerceu a sua grande caridade Adoecendo, com medo de propagar o mal, «*ocultou-se em uma solidão*». Descoberto por um cão, que lhe lambeu as chagas e conseguiu chamar gente, foi tratado e curado. Voltando a França, foi tomado por um espião; preso, morreu a 16.8.1327, na prisão, ao fim dum terrível cativeiro e sem se dar a conhecer. in «*Dicionário de Nomes Próprios*», de J. M. de Menezes Drummond, p. 377.

(81) Nota 79.

(82) O Dr. Bartolomeu do Vale Vieira, arcediogo de Fonte Arcada, nada dispoz em seu testamento sobre os escravos que tinha. Seu irmão e herdeiro, Jorge do Vale Vieira, seguindo o conselho de «*Letrados Theologos e Canonistas*» conservou-os cativos, apesar de alguns terem carta de alforria. Cita em seu testamento: Domingos, mulato, que fugiu para Castela, António, negro, manco e ladrão que Jorge do Vale Vieira entregou aos frades da Conceição de Matosinhos para os servir «*como hoje serve e escusá-lo da força por seus crimes*», Alexandre, vendido por 30\$000, Lourenço, mulato a quem deu o ofício de alfaiate, e seu irmão Felipe, negro que foi de Ana Vieira do Vale, e que serão ambos sustentados «*em sua velhice e doenssas em satisfação de seus serviços*». Nota 59.

do Vale Vieira, Fidalgo da Casa Real⁽⁸³⁾, Cavaleiro Professo na Ordem de Cristo, vereador em Guimarães em 1607⁽⁸⁴⁾, acaba os seus dias na sua casa do Largo da Oliveira, a 1-10-1626.⁽⁸⁵⁾ Sucede-lhe seu filho primogénito, Bartolomeu do Vale Vieira, que lega aos administradores do vínculo a obrigação de darem anualmente um almude de azeite para o Padrão de Nossa Senhora da Vitória⁽⁸⁶⁾. Por não ter geração legítima⁽⁸⁷⁾, fica senhor do Morgadio, o filho segundo, Diogo Leite de Azevedo Vieira, Fidalgo da Casa Real, por Alvará de 7-9-1622⁽⁸⁸⁾. Na descendência deste, em seu filho Gaspar Leite de Azevedo, o que deixa a Praça da Oliveira para ir viver junto a S. Dâmaso⁽⁸⁹⁾, continua a linha dos senhores da Quinta da Torre. São estes os Morgados, duma família fidalga, que encontramos a servir nas vereações, na Misericórdia, em documentos. E elas, as suas Mulheres, as que lhes deram os filhos, as que lhe engrandeceram a Casa, com seus dotes e representações, as que o seu lado, choraram e riram, quem foram elas?

(83) O alv. é de 28.3.1596, in manuscrito citado na nota 70.

(84) É substituído nesta data «por estar m.or e casado na Cidade do Porto», carta do Rei Felipe I à Câmara de Guimarães in «*Cartas de Reis dirigidas à Câmara de Guimarães nos séculos XVI, XVII, XVIII e XIX*», «*Boletim de Trabalhos Históricos*», vol. VIII, n.º 4-4-, p. 118. Foi também Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Guimarães em 1603, v. o vol. IV do «*Boletim*», p. 69.

(85) Misto 2 Oliveira, Arq. Mun. A. Pimenta

(86) «*Guimarães e Santa Maria*», de Oliveira Guimarães, Abade de Tagilde, p. 131.

(87) Este Bartolomeu do Vale Vieira foi bap. na freg.ª da Oliveira a 27.12.1607. Em Maria Coelho, nat. do Porto, teve Diogo do Vale, n. em Tagilde, na Q.ª do Torre, a 9.10.1630, cónego da Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, de quem se fizeram as Inquirições a 18.12.1657 tendo tomado posse da conezia a 11.10, e que fal. a 15.6.1662, in «*Boletim de Trabalhos Históricos*», vols. IV, pp. 104 a 121 e VII, p. 152. Da mesma mãe, ou de outra, teve Maria do Vale Peixoto, que em 1663 fez dote para casar com Jerónimo Pais do Amaral, f. 1.º de Ambrósio da Costa de Araújo e de sua mr. Maria do Amaral, m.ores na freg.ª de São Pedro de Freitas. Fafe. (L.º Tab D.os da Cunha, 12-4-27, Arq. Mun. A. Pimenta). Maria do Vale Peixoto e marido já tinham falecido em 1696. A 15.5 seus filhos, Heitor do Vale Peixoto e Diogo Paes do Amaral, dão quitação das suas legítimas (L.º citado na nota 44).

(88) ms. citado na nota 70.

(89) A 8.5.1674 vivia junto a «São Dâmaso arrabalde desta vila». Aí lhe nasceram os filhos. Tab. Bento da Cruz Lobato (12-3-74), Arq. Mun. A. Pimenta.

A cidade pousa no alto, forte, apertada pelas muralhas. À volta da Sé o torvelinho das ruas estreitas, o encanto de cada esquina, ainda não estragada, demolida pelos séculos a vir. Lá em baixo, entre os campos, espraia-se o Douro, enorme e adormecido, cansado da longa viagem entre rápidos e fragas. É o Porto seiscentista, sólido, granítico, o sol a querer esgueirar-se pelas suas frestas, as águas a lavarem-lhe as lages em dias de chuva. Aí «nas suas casas asima dabainharia» vivem Diogo Leite de Azevedo, fidalgo, sua mulher Dona Helena, e sua filha Dona Maria Leite de Vasconcelos⁽⁹⁰⁾. No doce e assobiado falar dos Açores donde veio, descrevem-nos Dona Helena de Castro as armas da família do marido, os Leites Amaraes do Porto, concedidas pelo Imperador Andreas Paleologus, de Constantinopla, e confirmadas em 1503 por El-Rei Dom Manuel a Pedro Rodrigues do Amaral⁽⁹¹⁾. Fala-nos também de sua sogra, dos Vasconcelos, senhores de Alvarenga⁽⁹²⁾ e muito, muito de todos os parentes Leites, donde entroncam por Aldonça Leite, avó de seu esposo. Do irmão da sogra, progenitor dos Leite de Vasconcelos, da Ilha de S. Miguel, dos tios, origens dos senhores da Terra de Gaia-a-Pequena a ilustrarem-se pela Índia e Per-

(90) Inquirições do cónego Diogo do Vale, nota 87.

(91) «*Brazões Inéditos*», de José de Sousa Machado, p. 143. Esta carta vem também transcrita no «*Arquivo Heráldico-Gençalógico*», de Sanches de Baena, p. 553. «*Carta pela qual el-Rei D. Manuel lhe concede e a seus descendentes e irmãos a mercê de fidalguia e nobreza e juntamente licença para poder usar do brasão de armas seguintes, que lhe fora dado pelo emperador Andreas Paleologus, e confirmado pelo Santo Padre: — Que faça da parte de cima meio leão coroado, que tenha uma espada na mão, pelos serviços pelo mesmo prestados contra os infiéis, nas quais guerras gastou muitos dos seus haveres. Dada em Lisboa a 30 de agosto de 1503 (M. N. Reg. na Chan. de D. Manuel, livro IV de Mist., fl. 174 v.º)*».

Pedro Rodrigues do Amaral foi protonotário, conde palatino, administrador perpétuo do Mosteiro de S. Pedro das Águias e arcepreste da igreja de S.ª Maria da vila de Almeida. Segundo os nobiliários, foi pai (seria tio?) de João Rodrigues do Amaral, marido de Aldonça Leite, avós de Diogo Leite de Vasconcelos.

(92) D. Maria Pereira de Vasconcelos, m.er de Diogo Leite do Amaral (pais de Diogo Leite de Vasconcelos) era f.ª de Jácome Rodrigues de Vasconcelos, sr. do Morg.º de Alvarenga e 7.º Padroeiro da Igreja de Lázaro, Págem da Infanta D. Joana, e de sua mr. D. Isabel de Azevedo. V. «*Nobiliário das Famílias de Portugal*», de Felgueiras Gayo, Tomo XXVIII, Vasconcelos, & 7, Morgados de Alvarenga. Além de Diogo Leite de Vasconcelos, D. Maria Pereira de Vasconcelos e marido tiveram primogénito a António Pereira de Vasconcelos, c. c. g. (Morgados de Atães, mesmo vol. & 10).

nambuco⁽⁹³⁾, dos de Ramalde, ligados depois ao Morgadio dos Reis Magos, dos de Santo António, em Basto, de quantos mais⁽⁹⁴⁾. Em Novembro de 1606, no Porto, contrata a escritura do casamento de sua filha Dona Maria com um fidalgo de Guimarães⁽⁹⁵⁾, Jorge do Vale Vieira.

Recebem-se na Sé do Porto, «da mão do Bispo Dom Gonçalo de Moraes»⁽⁹⁶⁾. Casada, a vida de Dona Maria Leite de Vasconcelos, ora em Guimarães, ora no Porto, apaga-se no dia a dia, floresce nos filhos. No primogénito, Bartolomeu do Vale Vieira, baptizado a 27-12-1607⁽⁹⁷⁾; no sucessor, Diogo Leite de Azevedo Vieira, que tem o nome do avô materno; em Tomé, lá longe, na Índia; em Dona Helena, Dona Francisca, Dona Mariana, Dona Camila e Dona Joana, sufocadas desde meninas nos conventos do Porto. Por fim, ainda nova, ávida da vida, mas resignada, a 15-10-1622, na casa do Largo da Oliveira, em Guimarães, para o céu vai a alma de Dona Maria Leite de Vasconcelos⁽⁹⁸⁾. Mais curta ainda é a vida de Dona Ana do Amaral, sua nora, primeira mulher de Diogo Leite de Azevedo Vieira. Que dá, que traz ao marido, a filha do Dr. Gaspar Álvares Cardoso e de sua mulher, Dona Maria de Albuquerque⁽⁹⁹⁾?. O senhorio de Paço de Álvares, junto a Lamego, herdado de seus maiores, e três filhos: Jorge do Vale,

(93) «A Terra de Gaia-a-Pequena», do Conde de Campo Belo, sep. dos «Anais», II série, vol. 25.

(94) Segundo a «Pedatura» descendem de Alvaro Eanes Leite, sr. da Terra de Calvos, em Cabeceiras de Basto, os Leites, Capitães da Moeda no Porto, os da Casa de Ramalde, os Leites Carneiros, de Penajoia, os srs. da Vila de St.º Ant.º de Aremilha, no Algarve, os de Quebrantões e Gaia-a-Pequena, os de Stº Antonino, em Basto, os Leite Amaraes, do Porto e Ilhas, etc., etc. Num manuscrito do Arq. da Casa de Margaride (Árvore Genealógica de D. Anna Júlia Rebelo Cardoso de Menezes, Condessa de Margaride) diz-se que Gonçalo Annes Leite, progenitor dos Leites de Lamego e Vila Real, era «presumivelmente irmão de Alvaro Annes Leite. Aldonça Leite m.er do Lic.do João Rodrigues do Amaral, era f.ª de Vasco Leite, o Velho, e neta pat. de Alvaro Annes Leite.

(95) Nota 70.

(96) Assim o afirmaram várias testemunhas. Nota 87.

(97) Nota 60.

(98) M, 1 Oly.ª, Arq. Mun. A. Pimenta. Foi sep. na Colegiada.

(99) Neta pat. de Diogo Álvares Cardoso e de sua m.er D. Ana do Amaral f.ª de Estevão Dias do Amaral e mat. de Antão Nunes de Albuquerque Sr. do Paço de Alvares. O morgado foi instituído, segundo M. Gonçalves da Costa em «Intercurso Histórico de Lamego e Guimarães» in «Congresso Histórico de Guimarães e sua Colegiada-Actas II», p. 391 por D. Ana em seu testamento de 22.8.1637.

pequenino, olhos mal abertos a fecharem-se para sempre; Gaspar Leite de Azevedo, nascido no Paço de Álvares e baptizado a 26-7-1636⁽¹⁰⁰⁾, sucessor, e Dona Maria do Amaral, que veio ao mundo na casa da Praça da Senhora da Oliveira a 26-6-1640, falecida solteira a 1-7-1678⁽¹⁰¹⁾. Aos primeiros vagidos de Dona Maria do Amaral, sopra-se a chama, muito fraca, a dar pouca luz, por tão breve, da vida de sua mãe, quase menina, vinda de Lamego, com seu sorriso, seu sentido do dever, sua fé no futuro.

Volta a casar Diogo Leite de Azevedo Vieira. Desta vez, sua segunda mulher, Dona Mariana Coutinho de Carvalho, senhora do Morgadio de Ruivães e Numães, triunfante contra o sofrimento, as superstições, todo o cortejo de horror a matar as que são mães, dá à luz, em boa hora, treze filhos. O seu forte sangue de Carvalhos, Peixoto e Barros, galopa alegremente para a vida⁽¹⁰²⁾. De 1648 a 1667, na Praça da Oliveira ou na Quinta da Torre, em Tagilde, eles e elas vão nascendo, num repique de baptizados e festas. É Francisco Lopes de Carvalho, antepassado dos Condes de Vila Pouca; é o Licenciado António Pereira de Vasconcelos, abade de

(100) Nota 88.

(101) Foi bap. por Frei Inácio Leite, da O. de S. Bernardo (irmão de sua avó pat.); os pad.os foram o Dr. Estevão Monteiro da Costa e Dona Jerónima. N 1 Oliv.^a † na casa da Praça da Oliveira e o herdeiro foi seu irmão Gaspar. O 1 Oliv.^a

(102) Pedro Nunes de Gaula, Chanceler-Mor da Casa do Cível, Monteiro-Mor d'el Rei D. João III (f.^o de Nuno Fernandes de Gaula e de sua m.er Violante Mendes de Carvalho, f.^a de Rui Mendes, Contador Mor do Reino, e de sua m.er Ana Roiz de Carvalho, irmã de Martim de Carvalho) instituíram em 1547 cabeça de seu morgadio a sua Qt^a de Ruivães, que antigamente se chamava Numães, termo de Barcelos. Sucedeu-lhes seu f.^o Simão Nunes de Carvalho, c. c. Isabel de Figueiredo, e tiv.: Gaspar Nunes de Carvalho Suc. que não foi Monteiro-Mor por El-Rei D. Filipe Ihe tirar este officio e lhe dar em recompensa 100 mil reis de juro no Almojarifado de Santarém, c. c. D. Isabel de Sequeira e que viveu em Guimarães. Sucedeu-lhes seu f.^o Francisco Lopes de Carvalho c. c. sua prima D. Brites de Carvalho de Ayala (f.^a de Luís de Carvalho da Fonseca, guarda roupa e trinchante do Inf. D. Henrique, e m.er D. Bárbara de Ayala) e tiv.: Gaspar Nunes de Carvalho, Suc., Capitão-Mor em Ges, c. c. Dona Maria Peixoto de Barros, f.^a de André Afonso Peixoto, (citado por Barbosa Machado), paciente investigador e monógrafo, e de sua m.er D. Joana de Barros de Faria (v. *Velhas Casas (V)*, *Casa de Pousada*, nota 248, 2.^o parágrafo). Tiv. estes 4 f.os: Dona Mariana Coutinho de Carvalho, Herd.^a, Sr.^a do Morg. de Ruivães (no texto); Dona Isabel, freira, * 19.2.1632, um rapaz, seu gémeo, que † ao receber as águas do Baptismo, e Dona Brites de Carvalho de Ayala, * a 27.10.1634 (N 1 Oliv.^a) (no texto).

Ruivães; é Dom Jorge, cónego Regrante de Santo Agostinho; é Frei Diogo. São as freirinhas de Santa Clara: Dona Helena de Vasconcelos, Dona Isabel Coutinho e Dona Bárbara. É a única a casar, Dona Joana de Carvalho, mulher de seu parente Francisco de Abreu Soares; são as que morrem solteiras, Dona Camila Pereira, Dona Damiana Maria de Vasconcelos, Dona Jacinta. E também os que se vão em pequeninos, contas caídas do grande rosário: Mécia e Tomás⁽¹⁰³⁾. São vozes, muitas vozes, a encherem de música, de alegria a casa de Diogo Leite de Azevedo Vieira e de Dona Mariana Coutinho de Carvalho, morgados da Torre e de Ruivães.

(103) a) Francisco Lopes de Carvalho, foi bap. a 5.8.1648 na Colegiada; pad.os são o avô mat. e Dona Maria (N 1 Olv.^a), F. C. R., † na casa da Praça da Sr.^a da Olv.^a a 22.5.1706 (O 1) x c. sua parente Dona Mariana de Nápoles e Carvalho, † em G.es, na Casa do Campo, a 30.8.1747 (O. S. Seb.^o), f.^a de Bernardo de Nápoles, e de sua 2.^a m.er Dona Joana Maria de Sousa de Carvalho, Morg.s de Sepões, e tiv. 4 f.os: 3 senhoras † solt.as, e Gonçalo André Lopes de Carvalho Nápoles Matos e Alcáçova, F. C. R., sr. dos morg.os de suas avós, (1697-1750), e que de seus 3 casamentos só teve 1 f.^a: Dona Maria José de Carvalho e Nápoles Alcáçova e Matos, (f.^a de sua 2.^a m.er Dona Luísa Clara de Menezes), Herd.^a, Morg.^a de Ruivães e Sepões, Baronesa de Vila Pouca pelo seu casamento (1744-1813), c. g. (Condes de Vila Pouca), b) Dona Helena de Vasconcelos, * a 17.6.1649, afillhada de Gregório Ferreira de Eça e da avó mat. (N 1 Olv.^a), freira em St^a Clara, c.) Dona Camila Pereira, * a 20.2.1651; a mad. foi sua tia mat. Dona Isabel, † solt.^a, ib. a 7.5.1688. d) Dona Isabel Coutinho, bap. a 29.3.1652, afillhada de Rui de Sousa, freira em St^a Clara, e) Dona Bárbara, * 4.4.1653, os pad.os foram sua irmã Dona Maria e o Dr. João de Guimarães (M 2 Olv.^a), também freira. f) António Pereira de Vasconcelos, Lic.d^o, abade de Ruivães, b. a 13.6.1654, afillhado de seu irmão Gaspar Leite e da futura m.er deste, sua tia Dona Brites, g) Dona Joana de Carvalho de Vasconcelos, * na Qt^a da Torre, em Tagilde, a 8.11.1656, os pad.os foram o Rev.do António de Meira, Arcipreste da Colegiada, e Isabel Peixoto (M 2 Tagilde), † na Rua Escura a 5.1.1700, x na Igr.^a da Olv. a 25.7.1696 (C 1) c. c. seu parente Francisco de Abreu Soares, F. C. R., Cav.^o de Cristo, Comissário de Cav.^a, viúvo, c. g., f.^o de António de Freitas do Amaral e de sua m.er Dona Joana de Abreu Soares, Herd. tiv.: Dona Maria, * na Rua Escura a 3.6.1697, † m. e Dona Antónia Florença de Vasconcelos, * a 20.6.1697 (?) (justificação de nascimento no N 7 Olv.^a), freira em St^a Clara do Porto e que de seu cunhado Dom Lourenço Manuel de Amorim (marido duma sua meia-irmã), teve 1 menino: Dom António, h) Dona Mécia, * a 4.3.1658 na Praça da Oliveira, os pad.os foram Fr.co Rebelo de Almeida e Inês dos Guimarães (M 2 Olv.^a); i) Dona Damiana Maria de Vasconcelos, † solt.a na Praça da Olv.^a a 12.2.1734; j) Tomás, b. a 6.3.1661, os pad.os foram o Ben^o João do Vale e Jerónima de Carvalho (N 1 Olv.^a), † m.; k) Dom

Não pára a Senhora Morgada. A 8-11-1656, na Quinta da Torre, em Tagilde, casa sua irmã mais nova, Dona Brites de Carvalho de Ayala⁽¹⁰⁴⁾, com seu enteado, Gaspar Leite de Azevedo Vieira⁽¹⁰⁵⁾. Como a mana, Dona Brites dá também muitos herdeiros aos Vieiras: dez⁽¹⁰⁶⁾ são as alegrias mandadas por Deus a São Dâmaso, junto a S. Francisco, onde vive. As meninas Dona Maria Josefa Peixoto de Barros e Albuquerque, Dona Joana Francisca de Carvalho, Dona Francisca Maria de Vasconcelos e Azevedo, Dona Cecília, recolhem ao Convento de São Bento, do Porto; lá professam as mais velhas, lá morre, ainda pequena, a mais nova. Em casa, saudosas e tristes, ficam Dona Ana do Amaral e Dona Catarina Maria de Ayala. E os rapazes, os quatro filhos de Gaspar Leite de Azevedo e de Dona Brites de Carvalho

Jorge, Cónego Regrante de St.º Agostinho, b. em casa, por estar em perigo de vida, a 5.4.1662, † na Praça a 14.11.1714; 1) Dona Jacinta, * na Qtª da Torre a 20.11.1664, foi afilhada de Fr. Diogo de Melo Pereira, Bailio de Leça, e de Dona Jacinta da Silva que passaram proc.s a Gaspar Leite e Dona Isabel Coutinho, irmãos da neófita (M 2 Tagilde); m) Frei Diogo, * postumo a 17.7.1667 (N 1 Olv.ª); n) Dona Jerónima, ignoro a data do nascimento, foi mad. em 1657.

⁽¹⁰⁴⁾ V. nota 102.

⁽¹⁰⁵⁾ M 2 Tagilde, as test.as foram António de Meyra, Arcipreste da Colegiada, João do Vale Peixoto e o Rev.do Bento de Carvalho, Cura de Tagilde. Arq. Mun. A. Pimenta.

⁽¹⁰⁶⁾ Nasceram todos na Rua de S. Dâmaso, «junto ao Arco de S. Francisco». a) Manuel Pereira de Azevedo Vieira, suc. (no texto), * a 30.1.1657, afilhado do avô pat. e de sua tia Dona Jerónima (N 2 S. Seb.º). b) Dona Maria Josefa Peixoto de Barros ou de Albuquerque, * a 24.4.1659, os pad.os foram o avô mat. e Dona Catarina de Sá Peixoto; foi freira em S. Bento do Porto. c) Dona Ana do Amaral, * a 16.6.1661, afilhada do Benº João do Vale Peixoto e de Dona Maria de Sousa. d) Diogo Leite do Amaral, abade da Lagiosa, * a 13.3.1663, foram pad.os seus tios Francisco e Dona Helena. e) Dona Joana Francisca de Carvalho, * a 5.6.1666, afilhada de seus tios António e Dona Camila; freira em S. Bento do Porto. f) Dona Francisca Maria de Vasconcelos e Azevedo, * a 29.2.1670, afilhada de Diogo Leite Pereira e Dona Ana Giralda de Freitas do Amaral. g) Dona Catarina Maria de Ayala, * a 14.11.1673, os pad.os foram os tios pat.os Dom Jorge e Dona Joana, † soltª no lugar das Casas Novas, freg.ª de Azurém, a 7.3.1731 (O 1 Azurém). h) José, b. a 10.5.1675, afilhado do Rev.do Álvaro Soares de Brito e de sua sobrinha Dona Antónia (N 3 Olv.ª), s. m. n., teria † m.? i) António, * a 5.11.1676, os pad.os foram Diogo de Moura Coutinho, que passou proc. e Dona Maria Teles, m.er de Miguel Leite de Almada (N 3 S. Seb.º), s. m. n., † m. ? j) Dona Cecília, * a 4.10.1678, afilhada do Morg.º Jerónimo Pinheiro e de Dona Inês de Sá Peixoto, † pequena no Conv.º de S. Bento no Porto.

e Ayala? O primogénito, Manuel Pereira de Azevedo Vieira, o segundo, Diogo Leite do Amaral, futuro abade da Lagiosa, já com alvará de Fidalgo (107), José e António, de que apenas temos a data do baptismo, correm, saltam, jogam as canas, nesse seu mundo onde reina sua tia Dona Mariana Coutinho de Carvalho, segunda mulher de seu avô.

À espera do décimo quinto filho, na Quinta da Torre, a 28-2-1667, fecha os olhos a seu marido Diogo Leite de Azevedo Vieira (108). Anos depois vê morrer filhos, enteados, irmã (109). Só, a 15-1-1713, é que parte também «*Dona Mariana Coutinho veuva da Praça*» Manda unir o seu meio terço ao seu morgadio de Rui-vães, «*e a metade a sua filha Dona Damiana que com ela vivia e a seu filho o Licenciado António Pereira de Vasconcelos, abade de Ruibães*» (110). Ao deixarmos de ouvir o sussurro das suas muitas saias, senhora morgada tantos anos a destinar, a ordenar sobre filhos e netos, abandonamos também S. Dâmaso, largamos a Praça de Nossa Senhora da Oliveira. Voltamos ao Salvador do Cano. O sol bate em cheio nas pedras, nas madeiras, nas obras da casa comprada por seu enteado e sobrinho Manuel Pereira de Azevedo Vieira, cuja geneologia evocamos.

*

«*Pessoa de muita piedade e conselho*» (111), Fidalgo Cavaleiro da Casa Real (112), senhor das Casas de seus maiores e por compra da do Cano, ao Salvador, Provedor da Misericórdia de Guimarães (113), Manuel Pereira de Azevedo pensa na continuidade da sua raça. Casa, a 5-6-1695, na freguesia de S. Martinho do Val

(107) Data de 14.12.1672, in «*Dicionário Aristocrático*» de João Carlos Feo Cardoso de Castello Branco Torres, Tomo I (e único)-A-E, Lisboa, Imprensa Nacional, 1840.

(108) M 3 Oliv.^a.

(109) Como podemos verificar pelas datas dos seus falecimentos, Dona Brites de Carvalho e Ayalla, † a 22.5.1681, e seu marido, Gaspar Leite de Azevedo Vieira, a 5.6 do mesmo ano na Qt^a da Torre, em Tagilde (M 3 S. Seb.^o). Dona Maria do Amaral, Francisco Lopes de Carvalho, Dona Camila Pereira, Dona Joana de Carvalho de Vasconcelos e Dom Jorge (notas 101 e 103), † antes de Dona Mariana Coutinho, isto sem contar as freiras das quais não sabemos a época da sua morte.

(110) O 1 Oliv.^a.

(111) In «*Guimarães Apontamentos para a sua História*», nota 60.

(112) Nota 70.

(113) De 1622 a 1623, in «*A Misericórdia de Guimarães*», Lista Geral dos Provedores.

de Bouro, concelho de Celorico de Basto⁽¹¹⁴⁾. Ajustara o dote na Quinta da Torre, em Tagilde, onde residia, a 26-5-1695⁽¹¹⁵⁾. Vai fazer quinze anos sua mulher: Dona Margarida Maria de Barros de Faria, herdeira, ainda há pouco a brincar com suas bonecas enfaixadas, a sorrir para as caixinhas de música. Casada, pouco mudou a sua vida. Levantada a tampa da caixa, sai sempre a mesma melodia. Ficam a viver em Val de Bouro, na Casa de Melhorado que herdará, junto a seus pais e sogros Torcato de Barros de Faria Monteiro e Dona Prudência de Almeida Arrochela Leborão⁽¹¹⁶⁾, as

(114) M 2 de S. Martinho de Val de Bouro, Celorico de Basto, p. 125 v.º Arq. Dist. de Braga. Vivia o noivo na sua q.ta da Torre, em Tagilde, e a noiva com seus pais na Casa do Melhorado. Recebeu-os o P.º Miguel de Freitas de Barros e as tes.tas foram, além de muitas outras pessoas, o P.º Francisco de Cunha de Carvalho e Tomaz de Azeredo. Foram dispensados no 4.º grau de consanguinidade. Os seus trisavós comuns eram Francisco de Barros de Freitas, sr. da casa dos Laranjais, em Guimarães, e sua m.er Isabel Nunes de Faria (citados em *Velhas Casas (VII), Casa da Aveleira*), avós de Dona Maria Peixoto de Barros (avó mat. de Manuel Pereira de Azevedo), e de Miguel de Freitas de Barros de Faria (avó pat. de Dona Margarida Maria).

(115) «Dote de Manuel Prª de Azevedo com Dona Margdª Mª de Barros fª de trocato de Barros de Faria do Valmelhorado», L.º de notas do Tab. Jorge da Cruz Lobato (10-3-44), p. 99 v.º, Arq. Mun. A. Pimenta. Está presente o pai da futura noiva que dá o seg.te dote: o seu Morgadio cuja cabeça é a Q.tª do Melhorado em Val de Bouro, 2 prazos na mesma freg.ª e a propriedade da Ribeira, também na mesma, a Qta. do Corgo, na freg.ª de S. Romão de Corgo, o lugar de Ar....., em Canedo, diversos prazos em várias freg.s de Montelongo (Fafe), um outro na freg.ª de Requião, e o prazo da Q.tª da Pereira, em S. Fins, Barcelos, 2 moradas de casas em Guimarães, uma na rua do Gado e a outra na de Santa Maria, com seus quintais. Reservam os pais da noiva para si o usufruto do lugar da Senra «pª as partes de Basto», e no caso de não ficarem a viver com os noivos, a casa da Rua do Gado; receberá mais tarde a noiva todo o seu oiro e mais bens móveis. Dota-se o noivo com 3 morgadios e todas as suas pertenças: O Morgado do Espírito Santo, cuja cabeça é a Q.tª da Torre, em Tagilde, o de Martim Surdo, e o de Alvares, em Lamego,, herdado de sua avó, Dona Ana do Amaral.

Do Morgado de Martim Surdo, sei apenas o que dizem as «*Memórias Ressuscitadas da Antiga Guimarães*» do P.º Torcato Peixoto de Azevedo», p. 363 e que repete o P.º Caldas no «*Guimarães*»: «*Martim Surdo, tão amante de seu rei, e patriota, que a todos os seus rendeiros impunha obrigação de militarem com o seu Rei por mar, e terra sendo necessario, instituiu morgado, de que é administrador Manoel Pereira de Azevedo Vieira, fidalgo, com casas na Praça Maior*».

(116) Torcato de Barros de Faria Monteiro, † no Melhorado a 14.2. 1709 (M 3 Val de Bouro), Fam. do St.º Oficio, m.or na sua Casa de

suas aias, a recordação do seu brincar. A música é suave, é preciso atenção para a ouvir. Pára. É só dar mais corda. Volta a mesma, não corre, não saltita, não voa. Presa, quase desde a infância, como tantas da sua época, pelos sagrados vínculos do casamento, inocente de seu destino, segue Dona Margarida Maria, aguarda os filhos a virem. Nunca poderá ouvir outros acordes, sentir o coração bater de mansinho, alvoroçar, disparar. Nunca os seus olhos procurarão às escondidas outros olhares, outros sorrisos. Nunca uma criada lhe trará um recado, a confiança da ama dum parente ou vizinho. Por muitos anos tocará a caixinha do mesmo modo, sons cristalinos de campainhas, ouvidos placidamente por Dona Margarida Maria de Barros Faria, senhora menina, casada aos quatorze anos, mãe de muitos filhos.

Ao passearmos pelos soutos, pelas carvalheiras, ouvimos o trinar dos pássaros. Olhamos o arvoredor, os verdes campos. A revoada dos pardais, o voo a rasar do melro, a paz do gordo pisco, papo encarnado, a entrar na soleira da porta, a vivacidade da lavandisca a bater às janelas. A muitos outros, entre as folhas, as ramagens é difícil distingui-los: aos pintassilgos, aos estorninhos, aos verdelhos, às felosas e poupas, penas cheias de cor a riscarem os ares. Com horas de escuta, de silêncio, podemos surpreendê-los. Entrando pelo bosque do passado, distinguimos também os filhos de Manuel Pereira de Azevedo Vieira e de sua mulher Dona Mar-

Melhorado, teve Carta de Brazão a 20.8.1678 (Barros Farias, Freitas e Borges). Era f^o leg^o de Miguel de Freitas de Barros de Faria (v. nota 114) e de Dona Margarida Borges Monteiro, neto pat. de Diogo de Freitas Rebelo, Cav.^o de Cristo, alcaide-Mor de Moçambique, e de sua m.er Dona Brites de Barros de Faria, neto mat. de António Monteiro de Campos, Sr. da Q.t^a do Corgo, e de sua m.er D. Beatriz Borges, Sr^a do Morg^o de Val Melhorado, e bisneto na varonia de Pedro de Freitas Rebelo e de sua m.er Dona Catarina Rebelo de Macedo, in «*Brasões Inéditos*», de José de Sousa Machado, no Suplemento, n.^o 105. Dona Prudência de Almeida Leborão, † em Melhorado a 29.7.1710 (M 3 Val de Bouro) era f^a leg^a de Paulo de Almeida Sodrê, sr. do Morg^o da Ameixeira, junto a Leiria, e de Dona Helena de Arrochela, neta pat. de Luís de Almeida Leborão, suc., e de sua m.er Dona Branca Sodrê de Pedroza, m.ores em Guimarães, onde seus f.os são baptizados, entre eles Paulo, a 3.7.1596 (N 1 S. Seb^o), e mat. de Nicolau de Arrochela, sr. da Q.t^a da Arrochela, em Arões, Fafe, e de sua m.er Dona Brites Gião da Silva. Bisneta na varonia de Rui Vieira, inst^o do Morg^o da Ameixeira, que por sua vez é bisneto na linha masculina de Fernão Vieira, cidadão do Porto (v. «*Nobiliário das Famílias de Portugal*», de Gayo, Tomo 1.^o de Costados, Costado 164), neto de Afonso Vieira, citado no texto.

garida Maria de Barros de Faria⁽¹¹⁷⁾. O bando das freirinhas, qual andorinhas a partirem; — Dona Brites Micaela Antónia, Dona Maria Gertrudes, Dona Ana Engrácia, Dona Francisca Xavier, Dona Antónia Luísa, clarissas em Guimarães e Porto⁽¹¹⁸⁾. A rápida passagem de Dona Luísa Antónia e Dona Mariana Lourença, mortas em vida dos pais⁽¹¹⁹⁾. Gaspar Leite, o primogénito e sucessor da Casa, a renovação, a continuidade, a aragem a balouçar a ramaria das velhas árvores cheias de vida.

(117) Foram: Dona Brites Micaela Antónia, * no Melhorado, B. a 7.10.1697 pelo abade de Santa Senhorinha de Basto, seu tio avô o Lic do António Pereira de Vasconcelos, afilhada de seu avô, e da m.er de Francisco Lopes de Carvalho (M 2 Val de Bouro), freira em Stª Clara de Guimarães; b) Gaspar Leite de Azevedo Vieira de Carvalhais e Vale, suc., * em Melhorado, B. a 30.6.1700 na Capela de Stª Senhorinha de Basto, pelo mesmo seu tio; os pad.os foram o tio Abade da Lagiosa e a avô materna (M 3 Vale de Bouro). c) Dona Maria Gertrudes, * em Melhorado a 16.11.1701, foi afilhada de seus tios pat.s Francisco e Dona Catarina (M 3), † noviça no Convº. d) Dona Ana Engrácia, * em Guimarães, provavelmente no Cano, pois é bap., com licença do Cura de Azurém, a 16.4.1703 na Igreja de S. Miguel do Castelo; os pad.os foram Nicolau de Arrochela de Almeida, que passa proc. e Dona Isabel das Montanhas (M 1 Castelo), freira no Porto. e) Dona Francisca Xavier, * em Melhorado a 16.11.1705, afilhada do tio Francisco de Abreu Soares, com proc. ao avô mat. e sua irmã Dona Brites Micaela Antónia, freira no Porto. f) Diogo Leite, * em Guimarães a 12.2.1709, foi b. em S. Miguel de Castelo; os pad.os foram os tios Antº Prº de Vasconcelos, abade de Ruivães, e Dona Francisca Mª de Azevedo e Vasconcelos, com licença do Pároco de Azurém (M 1 Castelo), † na Casa do Cano onde provavelmente nasceu, a 3.6.1719. g) Dona Antónia Luísa, * no Melhorado a 1.9.1710 (M 3 Val de Bouro), freira no Porto. h) Dona Luísa Antónia, * 23.5.1712, b. em S. Miguel do Castelo, afilhada do Dom Prior da Colegiada e de Dona Luísa Josefa Pereira. i) Dona Mariana Lourenço, * 3.5.1714, b. em S. Miguel de Castelo; os pad.os foram Dom Lourenço Manuel de Amorim e Dona Mariana de Nápoles e Carvalho (M 1 Castelo) e j) António Vicente de Vasconcelos Pereira, * como alguns dos seus irmãos no Cano, a 16.8.1717. B. em S. Miguel do Castelo, afilhado do Dr. António Teixeira Álvares e de sua irmã mais velha, Dona Brites (N 1 Castelo), e que foi cónego da Sé de Coimbra e Inquisidor Geral.

(118) Dá Gayo, em titº de Vasconcelos & 114, 5 f.as a Manuel Pereira de Azevedo: «D. Antónia, D. Luísa e tres religiozas». No manuscrito citado na nota 70 diz-se que D. Brites Micaela Antónia, D. Ana Engrácia e D. Francisca Xavier foram clarissas, a 1.ª em Guimarães, as outras no Porto, tendo D. Maria Gertrudes † noviça num convento, e acrescenta: «e mais três que morreram antes da morte dos pais».

(119) V. nota anterior.

É tão triste uma avezinha morta, bico aberto, perdida no chão. Triste, triste é o finar, já no Cano, «a 3-6-1719 de Dioguo Leite de idade de 11 ou 12 anos pouquo mais ou menos hera filho legitimo de Manoel Pereira de Azevedo já falecido e de Dona Margarida moradores junto a Capela do Salvador e que tem a legitima do dito seu pai»⁽¹²⁰⁾. É tão alegre, no alto da ramaria, um passarinho atento, cabeça a virar dum lado para o outro, a observar as sementes, os ares, os companheiros. Para Coimbra vai o filho mais novo, António Vicente de Vasconcelos Pereira, Cónego da Sé, Inquisidor Geral⁽¹²¹⁾. Teriam sido mais? Na madrugada, é ainda quase noite, ouve-se bem o lindo cantar do rouxinol. Mas com a luz coada, sem outra fonte que os nobiliários, daremos vida a Frei Gonçalo e a Frei Amaro, que Felgueiras Gayo coloca em Varatojo e com os eremitas de Santo Agostinho?⁽¹²²⁾. Acabamos o passeio pelo Cano, algumas ruelas de casas baixas, nascidas do granito, por Val de Bouro, tão verde e lindo, aves a trinarem num ar ainda puro. A Casa do Salvador está pronta. A 14-11-1717 nela morre seu senhor, Manuel Pereira de Azevedo Vieira⁽¹²³⁾. Muitos anos mais, até 13-6-1750, nela ficará sua mulher, Dona Margarida Maria de Barros Monteiro de Faria⁽¹²⁴⁾, senhora também da Casa do Melhorado, em Basto.

Com Gaspar Leite de Azevedo Vieira Carvalhais e Vale Faria Monteiro, a casa do Cano regorgita de vida, de movimento. Vamos escancarar-lhe as portas. Numa azáfama das salas para os quartos, dos quartos para as salas, os escudeiros do Senhor Morgado, Sebastião de Araújo e Luís Pinto de Oliveira, abrem, com grande estadão, os portais, zelam pelas roupas do amo «vestido azul, calções, cazaqua, vestia e meias», cabeleiras e fardas, empurram o criado pequeno, António de Araújo. Imita-lhes o gesto, a pompa

(120) O 1 Azurém, Era Fid. da C. R., por Alv. de 27.4.1718, in «*Dicionário Aristocrático*».

(121) Conf. por vários documentos.

(122) Gayo, Titº de Vasconcelos, & 115. Não lhes encontro mais referências, nem sequer os assentos de baptismo.

(123) O 1 Azurém. Foi sepultado no seu carneiro, na Colegiada.

(124) O 1 Azurém, Tinha feito testamento «*juntamente com o marido e fez um codicillo he testamenteiro seu filho Antonio Vicente de Vasconcelos Pereira, Cónego da Sé de Coimbra e na posse de seus bens ficou seu fº Gaspar Leite de Azevedo*». Dona Margarida Maria, * no Melhorado e foi Bap. a 18.7.1680 pelo Rev.do André de Freitas, seu tio, abade de Entre Ambas as Aves, M 1 de S. Martinho de Vale do Bouro, Celorico de Basto, p. 47 v.º. Arq. Dist. de Braga.

e o aparato o escudeiro do filho mais velho da casa, o bom Manuel da Fonseca. Talvez os desdenhe, sempre pronto a acompanhar as senhoras nas suas raras saídas, Paulo António, o escudeiro da mulher de Gaspar Leite. Curiosas, saindo entre as rendas, os folhos que encanudam com os ferros em brasa, espreitam-nos as aias Maria Clara e Maria Caetana, ajudadas pelas moças, rancho aplicado a aprender a limpar o pó com arte, a esfregar o chão até perfumar a casa. Na copa, entre as louças da Índia e as pratas, reina Manuel de Meireles Vieira, copeiro e trinchador. Para os recados, para os biscatos, correm os rapazes José e Manuel. Nas cavaliças Sebastião de Magalhães e Simeão Lopes, cocheiros, passam à brussa os cavalos, untam os arreios, areiam as ferragens, lavam os coches. Na grande cozinha fumegam os caldeirões; debaixo da enorme e bela chaminé formiga o exército de cozinheiros e ajudantes. À tardinha, às Trindades, juntam-se à volta do Padre Domingos Mendes, capelão da casa, chegado à pressa numa sala onde, entre rimas e rimas de papel, faz as contas Manuel de Magalhães Brochado, vedor de Gaspar Leite. E Dona Ana, a governanta, suspira contente, ao fim dum dia de cuidados e cansaças⁽¹²⁵⁾.

Fidalgo da Casa Real por alvará de 21-5-1718⁽¹²⁶⁾, Familiar do Santo Offício⁽¹²⁷⁾, Superintendente das Coudelarias de Guimarães⁽¹²⁸⁾, Gaspar Leite de Azevedo Vieira Carvalhais e Vale

(125) «Cópia do Testam.º com que fallesseu Gaspar L.te de Az.dº Carv. e Valle desta vª Lançado nesta nota a Req.tº de seu fº Joaq.m L.te de Az.dº da mª, a 10.1.1761». Lº de notas do Tab. Bento de Souza Guimarães, (22-2-69), p. 72 v.º, Arq. Mun. A. Pimenta. Nesta manda feita a 21.12.1758, Gaspar Leite de Azevedo contempla todos estes seus servidores, além de, naturalmente, sua mulher e filhos. Não fala nos escravos, mas possuía-os. A 11.2.1748 x João Pereira e Páscoa Maria «escravos de Gaspar Leite de Azevedo da Quinta do Salvador». (C. 1 Azurém).

(126) Manuscrito citado na nota 70.

(127) Dec. de 7.6.1732, nota anterior.

(128) Por dec. de 20.6.1736, D. João V. chamou a si, por intermédio de seu Estribeiro-Mor «*todos os negócios relativos à produção hípica cargo a que ficou inerente o de Superintendente Geral das Coudelarias*». Entrando numa época de paz, diminuiu o número de pessoas que eram obrigadas a manter éguas nas regiões consignadas ao estabelecimento de coudelarias. Ficava esse encargo, onde houvesse pastos comuns, a todos os lavradores com mais de 400.000 réis de bens de raiz, e aonde não os houvesse a quem tivesse o mínimo de 600.000 réis, sendo lavrador e 700.000 réis, não o sendo. Criou uma Junta Especial na cabeça de cada comarca, composta do Corregedor, Juiz de Fora e Capitão-Mor para

engrandeceu a casa com o seu casamento. Gostariam de o ter acompanhado às bodas? Então iremos a São Martinho de Britelo, lá para o Soajo, de penedias brutas e matas de medronhos, pequeno vale regado pelo Lima, ao Paço de Britelo buscar a noiva: Dona Leonor Maria de Távora de Menezes e Aragão, herdeira. A jornada é longa: de carroção pelas calçadas romanas, a toda a brida, a esporear bons cavalos, a cortar caminho, para desenfatiar, em pesadas mulas por íngremes veredas. Ladrões escondem-se nas serras, lobos e javalis aparecem nos matos, acolá, e além, aldeias cobertas de colmo e frescura. Deixamos Gaspar Leite e comitiva defenderem-se dos assaltos, divertirem-se nas caçadas. Seguimos, maravilhados com as pedras, as grandes lages das antigas vias⁽¹²⁹⁾, a beleza da vegetação: soridente nos vales, dura, dolorosa, imensa nos penhascos. Temos tempo, enquanto não chegamos a Britelo, enquanto não subimos ao castelo de Lindoso, de pensar, de falar na família da noiva e de alguns de seus feitos.

«*A dois quilómetros da raia, entre as serras Amarela e Cabril, ramos do Soajo*», está a vila e o castelo de Lindoso⁽¹³⁰⁾. Quadrangular, a torre de menagem ao Norte, de grandes muralhas, existe desde o século XIII, reparado e aumentado ao longo dos anos⁽¹³¹⁾. Dali desdobra-se a riqueza da paisagem, farta nos milheirais, selvagem nas serras. Dão-lhe vida rios e ribeirinhos, mistério as serranias, escurecem-na as terras de Espanha, quase à beira, a esbaterem o horizonte. Em 1257, ao subir o monte nas suas andanças, a mão na espada, o coração preso ao perfume e leveza da

«*apresentar uma lista idónea para o monarca escolher entre eles o superintendente, designar as pessoas a quem competia ter cavalo ou égua de criação, verificar se o superintendente cumpria ou não com zelo o seu cargo*». In «*Elementos para a História da Coudelaria de Alter*» por Ruy de Andrade, p. 53. O superintendente escolhido para a comarca de Guimarães foi Gaspar Leite.

⁽¹²⁹⁾ A beleza desta via e suas lages, que o tempo e os homens (!) têm destruído, podem ver-se nas lindíssimas fotografias dos «*Valores de Portugal*» — Concelho de Viseu, Estradas, Pontes e outras obras atribuídas aos Romanos, pelos Arquitectos Eugénio Corrêa e Paulino Montez. Ed. do M. O. P.

⁽¹³⁰⁾ «*Portugal Antigo e Moderno*», Dicionário de Pinho Leal, vol. IV, Lisboa, 1874, p. 97.

⁽¹³¹⁾ É já citado nas Inquirições de 1258, v. «*Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*», vol. XV — Lindoso, «*Guia de Portugal*», IV vol. págs. 918, 919 e 1023 e «*Minho Pitoresco*», de José Augusto Vieira (1886), p. 363, Tomo I onde vem um desenho do castelo feito por João de Almeida.

flor do «verde pino», exclamou El-Rei Dom Dinis, entusiasmado com a beleza do sítio: — «Lindoso! Lindoso é que isto é»⁽¹³²⁾. Nomeou seu alcaide Paio Rodrigues de Araújo, senhor de Araújo, Lobios e Santa Maria de Entrimo, em Bande, Milmanda e Castelo de São Salvador de Sande em Celanova, Gendive, em Carballino, Val de Poldros e mais terras na Galiza, fidalgo galego que servira a João II de Castela⁽¹³³⁾, e seguiu depois o Rei português, alcaide-mor de Castro Laboreiro, senhor de Rio Caldo, por mercê de seu novo amo⁽¹³⁴⁾. Seu filho, Vasco Rodrigues de Araújo, herda todas as terras do pai, vive em Portugal e é capitão da Guarda d'el-Rei Dom Dinis.

As próximas gerações de Araújo, alcaldes-mores de Lindoso e Castro Laboreiro, senhores de «pueblos gallegos» movimentam-se com seus homens pela raia, tomam partido pelos reis castelhanos, tomam voz por El-Rei de Portugal. O neto, Pedro Anes de Araújo, fronteiro-mor da Galiza, acompanha Dom Fernando de Portugal na entrada por terras galaicas, a castigar a morte de Pedro, o Cruel, Rei de Castela, assassinado por seu irmão, Henrique II, o Trastâmara, perde todos os seus senhorios⁽¹³⁵⁾. O bisneto, Gonçalo Rodrigues de Araújo, serve Dom Fernando com 4 Lanças, e dele recebe as terras de Vilar de Vacas, Cidrais e Casal de Donas, no Barroso, e por doação de 12 de Outubro da era de 1382 é «confirmado nas terras do Castelo de Lindoso e direitos reaes de Castro Laboreiro». Pazes feitas, «consertandose os reys em perdoar os vassallos» são-lhe restituídos os bens da Galiza⁽¹³⁶⁾. O terceiro neto, Pedro Annes de Araújo, «Pertiguero Mayor de

(132) Episódio referido no «*Guia de Portugal*», no «*Portugal Pitoresco*» e em outras obras.

(133) In «*Blasones y Liñages de Galicia*», Tomo II, Parte Genealógica, de Fray José Santiago Crespo Pozo, O. de M., Araújo p. 90.

(134) «*Nobiliário das Famílias de Portugal*», de Felgueiras Gayo, Tomo IV, & 1.º N 14.

(135) Mesmo 1.º da nota antº, § 1.º N. 15. Gayo cita, como fonte, Felix Machado, Marquês de Monte Bello.

(136) Mesmo 1.º, N 16, Acrescenta Gayo: «e por outra doação feita em Salvaterra a 20 de Abril de 1421 como consta do livro do Registo da Torre do Tombo N 2 fls. 621 e consta dos livros do dº Rey Livro 2.º pág. 162 (*Marquez de Monte Bello a plana 93 fls. 533*).»

Celanova» (137), toma o partido da Infanta Dona Beatriz e defende Ponte de Lima contra as forças do Mestre de Avis. Nessa madrugada, «*huum pouco nevoaça*», em 1385, não sabe, como todos os que estão por Castela, que Dom João I passa a noite bem perto «*todos a pee terra deçidos das bestas, atando-lhe as lingoas com as sedas do rabo por nom rincharem e poderem ser descubertos*». Estremunhados, ao som das trombetas, defendem «*as ruas muy rijamente escudados e armados*», mas são vencidos. Estará Pedro Annes de Araújo nas ameias da torre mais alta, o primeiro sobrado cheio de toucinho e lenhas, todo a arder, o segundo «*com gram fumo e labareda que nom o podiam sofrer*», fogueira ateadada com «*ticções com fogo e linho e lenha*», a pedir como tantos cavaleiros clemência ao Rei português? (138). Perdoado, sanciona-lhe Dom João I a Alcaldaria de Lindoso e mais terras paternas (139).

Seu filho, Paio Rodrigues de Araújo, o Cavaleiro, «*serve com mt^a fdlidade e amor*» a Dom João I. Lá vai com os seus ao cerco de Tui, em 1398. Entre os muitos engenhos a lançarem pedras a fazerem «*grande destroyçam a cidade, salvo a see, a que nam tiravam*», os «*trons e arremessos, as mantas, as setas, o apressado mover das escalas*», é dos primeiros a escalar a muralha (140). Agora é Ceuta, gritaria da moirama a entregar a cidade, frente à fúria do ataque português, 300 homens à sua custa entre as hostes, ali armado cavaleiro por El-Rei (141). Vai depois a Cas-

(137) Alferes ou Porta Estandarte. Esta dignidade em Cela Nova, exercida por vários senhores desta casa, andava anexa à Justiça Maior de 13 lugares desta jurisdição.

(138) «*Crónica del Rei dom João I da boa memória*», por Fernão Lopes, parte segunda, Capitulos XVI e XVII e XVIII. Pedro Annes de Araújo não é nomeado nesta crónica, mas sim Rodrigo Anes de Araújo, que também estava pelos Reis de Castela.

(139) L.^o citado na nota 35. Aí se diz: «*Achou-se com Lopo Gomes de lira na defezaça de Ponte de Lima contra El-Rey D. João 1.^o que lhe perdoou e o confirmou nas terras q tinha em Portugal, dando-lhe em tença as de Lindoso por carta de 20 de Mayo de 1438 era de X^o 1398 e dando-lhe mais a Alcaldaria Mor daquella villa pella carta feita em 16 de Agosto como fica dito da era de 1436 lhe tinha dado = o que tudo consta do livro da Sachelaria pág. 144 = 146 = do d^o Pedro Annes de ar^o se faz menção na Cronica do d^o Rey feita por Fernão Lopes liv. 2.^o, Cap.*» (não o vejo nesse capítulo).

(140) L.^o citado na nota 134. Fernão Lopes não o menciona na crónica em que descreve a tomada de Tui; mas, evidentemente, não fala em todos.

«141) Mesmo livro da nota anterior.

tela como Embaixador, encontra-se em 1437 no desastre de Tanger⁽¹⁴²⁾. Confirmado em todas as terras de seus maiores é também, por mercê de Dom João I, de Dom Duarte e de Dom Afonso V, senhor dos Direitos Reais de Melgaço, alcaide-mor de Britelo e Azeredo, senhor das terras de São Fins e Panoias, comendador de Paderne e Rio Frio⁽¹⁴³⁾. Segura-lhe Dom Pedro, o Infante-Regente, «*todas as terras que tinha na Galiza, e q os moradores dellas e todos os seus gados pudessem vir a este Reyno e tornar p^a ellas livrem.te*»⁽¹⁴⁴⁾. É enorme a Casa de Paio Rodrigues de Araújo. Tão grande que abrange dois Reinos, duas Almas, a da «morriña», a da saudade, quase gémeas mas muito diferentes; é toda dividida pelos seus muitos filhos.

Um deles, o quarto, foi Lopo Rodrigues de Araújo. Em 1464, em Ceuta, numa das tentativas de conquistar Tânger, por graça de El-Rei Dom Afonso V recebe o senhorio das terras e castelo de Lindoso, suas rendas e direitos; foi também Pertigueiro-mor de Celanova, alcaide-mor de San Salvador de Sande, senhor de Campelo e Val de Poldros⁽¹⁴⁵⁾. É o pai de João Rodrigues de Araújo, sucessor, senhor de Britelo na Ribeira Lima, três léguas de

(142) Idem.

(143) D. Duarte «*lhe confirmou as merces q lhe havia feito a seu Pae por carta passada em Santarem a 26 de novemb^o de 1436 registada na Torre do Tombo no Livro 4 de Alem Douro pág. 175 e lhe tinha feito merce da Alcaidaria Mor de Castello Rodrigo e de todos os direitos reaes da mesma villa por carta dada em Santarem a 26 de Novem. de 1433 q o Rey D. Affonso 5.^o lhe confirmou em 12 ou 13 de Junho de 1449, e lhe fez merce de todos os direitos reaes de Monção e de todos os seus reguengos como consta a pág. 73 do L^o de Alem Douro*», etc., etc. Diz mais: «*O Rey D. Duarte q.do prometio aos Infantes D. Henrique e D. Fernando irem sobre Tangere lhe deo 14 mil homens p. os acompanharem e entre os fidalgos q com elles mandou foi este Payo Rz de Araújo de q M. el de Faria e Sousa na sua África Portugueza (África Portugueza cap. 3 fls. 38) diz estas palavras = Rz de Ar^o com outros cavalleiros da ordem de x^o de q era M.e e outros q sendo dela o seguirão e todo o Reyno, e se ouve com tanta magnificencia q a sua casa era a segunda dipois da Real.*»

(144) L^o citado na nota 134.

(145) Mesmo livro. Gayo diz: «*...sucedeu a seu pai nos senhorios de Campello, Val de Poldros, na dignidade de Portegueiro Mor de Cella nova Alcaide Mor de Sande no Reyno da Galiza, servio ao Rey D. Affonso 5.^o com q passou a Affrica, e se achou no Palanque de Tangere em 26 de Fev^o de 1464; q fica em Ceuta onde o mesmo Rey lhe fez merce da metade dos bens reaes de Monção e estando ainda em Ceuta lhe fez El-Rey merce p morte de seu pay q ainda vivia no Couto de Lindoso (foi Alcaide Mor de Lindozo) do mesmo Couto com seu Castello, Rendas e direitos por*

água no rio «onde ninguém podia pescar sem sua ordem» (146), três léguas a saltitarem cheias de trutas. É o avô de Diogo de Sousa de Araújo e Menezes, alcaide-mor de Lindoso e senhor de Britelo, Fidalgo da Casa Real com 100 reis de moradia, a escaramuçar por África (147).

Pelas serras do Soajo, ouve-se ladrar pela noite fora. Símbolo da montanha, forte, viva, os sabujos (148), pelo eriçado, prontos para o ataque, defendem homens e rebanhos. De olhar humilde, escuros, por Castro Laboreiro, pela Peneda, avançam, quase ras-tejam, olhos a faiscarem ao luar. Recortam-se contra o céu os penhascos, o granito das serras: símbolo da força, da eternidade

Carta de 11 de m.ço do mesmo ano, registada no Livro da Chancelaria do mesmo anno pag. 19 a memoria de q a d^a metade dos bens reaes rendia cada anno 180 q era naquelle tempo hua grande soma.»

(146) Mesmo livro, & 3, N 21.

(147) ...«Alcaide Mor de Lindoso e Sr. da q.t^a de Britello, e Comendador de hua comenda q servio em África, foi Fidalgo da casa Real no fono de escudeiro com 106 reis de moradia q tinha por mez, e andava no livro dos confessados pellos anos de 1539 ». L^o da nota ant^a, & 3 N 22.

Todos estes Araújo, segundo os nobiliários, casaram com senhoras da nobreza. Sem investigar, limito-me a copiá-los dando o nome de todas, desde a mulher do primeiro, Paio Rodrigues de Araújo, até à de Diogo de Sousa Araújo e Menezes: — D. Brites Velho de Castro; D. Leonor Rodrigues Velho Pereira (prima co-irmã da ant^a); D. Inês, ou Maria Veloso, de Lobios; D. Maria Ribera, dos srs. da Ribera, na Galiza; D. Leonor Gonçalves Pedrozo, D. Leonor Pereira de Barbudo; D. Brites de Sousa de Magalhães, f^a dos srs. de Ponte da Barca q trouxe o senhorio e morgado de Britelo; D. Ana de Lima, f^a bastarda de D. Rodrigo de Lima com.or de Refoios, e D. Margarida de Almeida, nat. de África.

(148) No séc. VIII as tribus semi-selvagens desta região pagavam a seus senhores «cinco cães sabujos», e em vários documentos antigos encontram-se queixas dos moradores desta zona contra os galegos que lhes roubavam as mulheres e os cães, ao invadirem-lhes as terras. («*Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*», vol. 6 — Castro Laboreiro). Pinho Leal no seu «*Portugal Antigo e Moderno*», em Lindoso diz: «*criam-se aqui bons cães de lobo chamados sabujos*». Estes cães que não devem ser os mesmos que os sabujos de caça referidos nos antigos livros de montaria, hoje extintos, e antepassados de algumas raças estrangeiras, são os de Castro Laboreiro, excelentes guardas e cães de pastor, conhecidos desde a mais remota antiguidade entre as serras da Peneda e Suajo, e os rios Lima e Minho, têm o seu estalão oficialmente reconhecido. Como eram, exactamente, no tempo destes Araújo, não o sei. Cruzas com o álan, com o lobo, séculos de lutas com lobos e javalis, apuraram esta raça forte, de ótimos pastores e guardas e de, como todos os cães, grande fidelidade aos donos.

dos montes. No castelo de Lindoso, frente à raia, são por muitas gerações seus alcaides-mores os Araújo de Lindoso e Castro Laboreiro a servirem por África, pela Índia, onde há Portugal. Símbolo duma fidalguia que não morrerá tão cedo. E o silêncio da montanha, gelado, cortado pelo latir dos cães e o uivar dos lobos, grita-nos os seus nomes: António de Sousa de Menezes, filho de Diogo de Sousa Araújo de Menezes, Pedro de Sousa de Menezes, Baltazar de Sousa de Menezes, Manuel de Sousa de Menezes⁽¹⁴⁹⁾, de pai para filho, o eco a repetir com força a linha varonil duma Raça.

O último, Manuel de Sousa de Menezes vive em Braga. Cai então a Casa pela primeira vez em senhora: sua filha primogénita Dona Maria Natália de Sousa e Menezes recebida em Braga, S. João de Souto, em 1693 com Martinho de Távora de Sousa Cirne, Mestre de Campo de Auxiliares, dos Cirnes, Morgados de Gominhões⁽¹⁵⁰⁾. São eles que vendem em 1726 a sua Quinta de Santo António, do lugar das Vessadas, em Barcelinhos, torre velha de João Paes de Faria, avô da avó paterna de Dona Maria Natália para demolir e renascer outro solar⁽¹⁵¹⁾. Tem primogénito a Diogo

(149) O 1.º casou em Barcelos com D. Guiomar de Araújo Cerqueira, (f.ª de Pedro de Araújo Cerqueira, o Podre, viveu em Barcelos, sr. da Qt.ª do Couto em Tameil, no *Gayo*, Araújo & 148); o 2.º c. D. Catarina Pacheco, de Ponte de Lima (Pachecos, & 19); o 3.º também em Barcelos c. sua prima D. Paula de Araújo (v. nota 151), e o 4.º em Braga, S. João do Souto, em 1659, c. D. Luísa de Magalhães, f.ª de Diogo de Magalhães, escrivão da Câmara de Braga e neta pat. de João de Vilas Boas, médico. in «*Da verdadeira origem de algumas famílias ilustres de Braga e seu termo*», de Domingos de Araújo Afonso, XVII, — Alves, p. 6 a 8.

(150) Era f.º de Diogo Cirne, sr. da Casa da Pesqueira na freg.ª de S. Miguel de Entre as Aves (actualmente no concelho de Santo Tirso), e de sua m.er, Dona Filipa de Aragão, neto pat. de Manuel de Sousa Cirne e de sua m.er Dona Mariana de Noronha de Távora, dos Morgados de Campo Belo, neto mat. de Quintino Martins de Aragão, F. C. R., e de sua m.er Dona Maria Barbosa, sr.ª da Qt.ª da Pesqueira, e bisneto na varonia de Manuel Cirne Soares, sr. do Morgado de Gominhões, junto a Guimarães, e de sua m.er Dona Antónia de Sousa Alcoforado. V. «*Nobiliário das Famílias de Portugal*», de Gayo, Cirnes, & 1 e & 2, «*Pedatura Lusitana*», de Alão de Moraes, Tomo I, vol. II, p. 636, Cirnes, Morgados de Gominhões e «*Nobres Casas de Portugal*», de António Lambert Pereira da Silva, fasc. 41, Paço de Gominhões.

(151) L.º acima citado, fasc. 11, Casa de Santo António de Vessadas. A casa foi comprada a 5.4.1723 por Pedro do Vale Vessadas que a reconstruiu. O seu 1.º Sr. foi João País, O Velho c. c. Teresa Anes de

de Sousa de Távora, Alcaide-Mor de Lindoso, Senhor de Britelo, Governador de Armas no Porto, casado com Dona Luísa Josefa da Gama, sem geração⁽¹⁵²⁾. Têm também, logo a seguir ao irmão, e sua herdeira, Dona Leonor Maria de Távora Menezes e Aragão, mulher de Gaspar Leite de Azevedo Vieira de Carvalhais e Vale.

Julho é um mês quente; o sol torra. Com sacos, malas e atranquilhos, de Guimarães partem o celebrante, o padrinho e as testemunhas do baptizado do primogénito de Gaspar Leite de Azevedo e de Dona Leonor Maria de Távora e Menezes: Joaquim, nascido na Quinta da Torre, em Tagilde, a 20-7-1730⁽¹⁵³⁾. Do Salvador, aos balanços, na cadeirinha, vem a madrinha, a avó paterna, morgada de Val Melhorado. Mais festas? Muitos baptizados, pois mais oito haverá⁽¹⁵⁴⁾, três em o Salvador de Tagilde, cinco na pequenina igreja de S. Pedro de Azurém. Festejos cortados pelo

Vilas Boas, pais de Pedro Anes Pais, suc., marido de Catarina de Faria. Tiv. a João Pais de Faria, suc., x 1.º c. Isabel de Herédia e 2.ª vez c. Milícia Gomes Pinheiro. Do 1.º matrimónio teve Catarina de Faria, casada c. Gaspar de Araújo, cujo filho dividiu a Casa por não ser vinculada. Do 2.º casamento teve Inês Jácome de Faria, mulher de Manuel de Araújo Botelho, irmão de seu cunhado, pais de D. Paula de Araújo, avó paterna de D. Maria Natália de Sousa de Menezes, sr.ª da dita Casa de Stº António. In «*Subsídios para a Genealogia dos Farias Machados das Casas da Bagoeira e das Hortas*», de Jorge de Faria Machado Vieira de Sampaio, p. 108 a 111. V. também Gayo, Tomo XIII, Farias & 23.

⁽¹⁵²⁾ Como vemos, nos bap.s de seus sobrinhos, de 1731 a 1741, residiam no Porto, na freg.ª da Sé; era o então Alcaide-Mor de Lindoso, Governador de Armas do Porto; em Set. de 1732 estavam na sua q.t.ª da Pesqueira. Dona Luísa era f.ª de António Rangel de Macedo, Irmã, ou tia, de Diogo de Sousa de Távora e Dona Ana Josefa de Sousa, † solt.ª nas Casas Novas a 29.1.1800, deixando o sobrinho Joaquim Leite por herd.º (O 2 Azurém).

⁽¹⁵³⁾ N 1 Tagilde pág. 71. Arq. Mun. A. Pimenta. Fol bap. a 26 pelo Rev.do Frei Alexandre do Espírito Santo, Rel.º da O. de S. Jerónimo. Os pad.s foram o tio avô, Diogo Leite de Albuquerque, abade da Lagiosa, e a avó pat. As test. foram António Peixoto dos Guimarães e Torcato de Barros de Faria, m.ores em Guimarães.

⁽¹⁵⁴⁾ Dona Maria Natália, * no Q.t.ª da Torre a 12.9.1731, bap. por seu tio-avô o Rev.do Pedro de Távora e Aragão, abade de S. Tiago de Rebordões, no Porto, afilhada de seu tio mat. Diogo de Sousa de Távora, Alcaide-Mor de Lindoso, por proc. de sua m.er Dona Luísa Josefa da Gama, m.ores no Porto, e seu primo, Gonçalo André de Carvalho e Nápoles (Tagilde N 1) † m.; Dona Margarida Vicência de Távora e Menezes,

toque a anjo: Manuel, duas Marias Natálias e, possivelmente, Dona Joana Josefa, voam cedo para o Céu; pelo dobrar dos sinos, outra Dona Maria Natália, a mais nova, morre solteira, no Salvador, a 29-8-1765⁽¹⁵⁵⁾. Correrias alegres para receber o mensageiro, novas para o filho segundo, Martinho de Távora: o alvará de moço-fidalgo, as rendas de Malta, o benefício do canonicato de Coimbra⁽¹⁵⁶⁾. São dias em que, no meio das dores, Deus lhes enfeita as vidas. Dias salpicados de risos, como dedos ageis a fazerem flores de papel colorido, às tesouradas, fios de ouro e prata, pombinhas de açúcar, mimos de encantar.

Festas grandes, faladas, foram as de Julho de 1748. Por toda a vila tremelicam as luminárias: «*tres noites sucessivas de dia continuado*», três dias de sinos a repicar. Lá vem o Pregão! Clarins, trompas, pífanos e caixas fazem acorrer tudo às janelas, todos à

* na Q.tª da Torre a 23.9.1732, o pad. foi o tio mat. Alcaide-Mor de Lindoso, e a tia paterna, Dona Brites Micaela, freira em Stª Clara de G.es que passou proc. a outra tia, Dona Antónia Luísa (Tagilde N 1), x c. Gonçalo André de Carvalho Nápoles, s. g. (v. texto); Manuel, * nas «Casas Novas» a 12.7.1734, os seus padrinhos foram o Dr. António Teixeira Alves, Dez.or do Paço, que passou proc. a António Vicente de Vasconcelos, tio pat., e Dona Francisca Xavier, freira em Stª Clara do Porto, tia pat., com proc. a sua irmã Dona Antónia Luísa (Azurém N 2), † m.; Dona Joana Josefa, * na Torre a 1.1.1736, afilhada do tio avô, o Rev.do Pedro de Távora, abade de Rebordões, e da prima, Dona Joana Isabel de Nápoles (Tagilde N 1); Martinho Leite de Távora de Sousa e Menezes, * no Salvador a 18.3.1737, foram seus pad.os o tio, Alcaide-Mor de Lindoso, e a avó pat. (N 2 Azurém), teve vários benefícios (v. texto); Dona Maria Natália, * no Salvador a 4.2.1740, afilhada do tio, Dr. António Vicente de Vasconcelos, e de Dona Luísa José da Gama que passou proc. ao irmão da bap., Joaquim, (id.) † m.; Dona Luísa Leogarda de Távora e Menezes, * no Salvador a 19.5.1741, foi afilhada de Gonçalo André de Carvalho e Nápoles e de Dona Luísa José da Gama (id.), x. com o Morgado do Paço de Borba de Godim (v. texto); Dona Maria Natália, * no Salvador a 25.10.1743, os seus pad.os foram seu tio o Dr. António Vicente de Vasconcelos Pereira, cônego em Coimbra, e a prima Dona Isabel de Nápoles (id.), † solt.ª (no texto).

⁽¹⁵⁵⁾ O 1 Azurém. Foi sep na sepultura de seus pais junto à Capela-Mor da Colegiada; o irmão Joaquim Leite, mandou-lhe fazer os officos.

⁽¹⁵⁶⁾ Diz o Pai em seu testamento: «deixo a meu filho Martinho de Távora de Sousa Cirne, assistindo em Malta e enquanto não tiver Renda nem comenda duzentos mil reis por anno que lhe dará meu filho mais velho e herdeiro». Testº citado na nota 125, feito em 1761. Em 1773 vem num assento de casamento como «moço-fidalgo da Casa Real», assistente na Casa do Salvador; desconheço a data do alvará. Nos nobiliários vem como pensionário não professo no canonicato de Coimbra.

rua. Deita o pregão o pregoeiro, já meio rouco, «*num brioso ginete rica, e prodigiosamente agiezado. Do mesmo modo divizava o Neto custosamente vestido*». Armaram-se as praças, as ruas, com tapeçarias, lavam-se as lajes, espalham-se pétalas. No dia seguinte a folia das máscaras, a passagem do carro com o Deus Neptuno aos brados: — «Viva Nossa Senhora! Viva!». A 16-7-, na Colegiada, entram as imagens de Nossa Senhora da Madre de Deus e São José, vindas por terra, de Lisboa, promessa do vimaranense Padre Luís António da Costa Pego, capelão de Dom João V⁽¹⁵⁷⁾. Pela noite fora foguetes e morteiros estouram nos ares. E não perdemos a novena, igreja apinhada, lumes e lumes de velas, a parecer dia. Erguem-se três altares nas ruas, sacodem-se colchas e panos de armar. Lá vem a procissão, já se ouvem os clarins!

À frente, o andor de São Dâmaso, padroeiro da vila. Seguem-se as filas das irmandades, das confrarias. — «Ah! Nunca se viu andor tão bonito! Ah!». É o da Senhora «*aos hombros dos principaes Fidalgos da villa*». Sebastião Corrêa de Sá e Benevides, Dom António de Lancastre, Gaspar Leite de Azevedo, Francisco Felipe de Sousa da Silva Alcoforado, Gonçalo André de Carvalho e Nápoles e Francisco José Cardoso de Alarcão⁽¹⁵⁸⁾, com rópia, seguros da sua linhagem, forquilhas de pontas de prata, avan-

(157) Citado a p. 238 do «*Guimarães*» do P.^o Caldas; foi fidalgo capelão da Casa Real, oficial da secretaria de Estado dos Negócios do Reino, Cav. Prof. na O. de Cristo, Padroeiro da Basílica de São Pedro, em Guimarães, benfeitor de muitas corporações religiosas na vila; gastou com a colocação das imagens de Nossa Senhora da Madre de Deus, S. José e o Menino «mais de cinco mil cruzados» (1749).

(158) Sebastião Correa de Sá e Benevides (citado em «*Velhas Casas (IV), Casal dos Pombais a que chamam Granjas*»), nota 82 era M. F. da C. R., e foi Gov.^o Int. das armas do Porto e do Castelo de S. João da Foz. F.^o dos 3.^{os} viscondes de Asseca, era casado c. Dona Clara Joana de Amorim Pereira e Brito, Herd.^a, f.^a de Dom Lourenço Manuel de Amorim, Alcaide-Mor de Monção, sr. dos Morg.^{os} de Fontão e Agrela, e de sua m.er Dona Luísa Josefa de Abreu Pereira que descendia em varonia da Casa de Sezim. Viviam em Guimarães, na Rua Escura, (onde hoje está a Delegação de Saúde) e ali lhes nasceram os filhos.

Dom António de Lancastre era f.^o de Dom Rodrigo de Lancastre, e de sua m.er, Dona Isabel Francisca de Castro, foi M. F. C. R., Cap. de Cavalos e Gov. Geral de Angola; C. a 8.6.1742 em Lisboa, na igreja das Mercês, c. Dona Guiomar Anacleto de Carvalho da Fonseca e Camões, Herd.^a, f.^a de Tadeu Luís António Lopes de Carvalho da Fonseca e Camões, (v. *Velhas Casas (IV), Casa do Paço*), sr. do Morg.^o dos Carvalhos, em Guimarães, Abadim e Negrelos, etc., etc., e de sua 2.^a m.er, Dona Fran-

çam compassados. «*Os mais Fidalgos* (159) *hiam ao lado do andor com tochas e lanternas*»; depois as comunidades: capuchos, franciscanos, dominicanos e jerónimos, hábitos castanhos, brancos e pretos a moverem-se ao som das rezas. Tantos clérigos! Estão todos «*hordenara o Serenissimo Arcebispo sob penna de excomunhão que todos acompanhassem a procissão*». Ajoelhem-nos que passa o Pálio, a faiscar ouro. Atrás, com gravidade, o Senado; recolhe-se o préstito no Convento das Capuchinhas, aí ficam as Imagens. Então são seis dias de funções: sermões a fazerem saltar as lágrimas, «*encamisadas*», touros com mascarados, «*contradanças, saraus e varias galantarias*» cavallhadas, touros com cavallos «*com excelentes capinhas e muita mascara galante*», alcanzias e patos, «*boa muzica e iluminação prodigioza*» (160), toda a cor, toda a gargalhada, o movimento da vila em festa para receber as piedosas imagens, vestidas à custa da Família Real. Vestes de

cisca Rosa Maria de Mendonça e Menezes, Tiv. geração nascida em Guimarães onde fal. Dom António a 17.10.1788 no Palácio de Vila Flor, casa mandada construir por seu sogro, e que mais tarde um seu neto, o 3.º Visconde de Vila Nova de Souto d'El Rei, vendeu, V. nota 169,

Gaspar Leite de Azevedo, vem no texto.

Francisco Felipe de Sousa da Silva Alcoforado, F. C. R., sr. da Casa de Vila Pouca, onde n. e † a 13.1.1763, f.º de Rui de Sousa da Silva Alcoforado, Mestre de Campo de G.es, sr. da mesma Casa, e de sua m.er Dona Isabel Francisca de Lobera e Silva. Era x c. Dona Rosa de Viterbo e Lancastre, irmã de Sebastião Corrêa de Sá e Benevides (acima), c. g.

Gonçalo André de Carvalho e Nápoles, (v. nota 103), Morg.º de Rui-vães, M. F. C. R., era primo co-irmão de Gaspar Leite, que, por sua vez, era, pela mãe, também primo co-irmão de seu pai, x. 3 vezes. A 1.ª em 1731 c. Dona Francisca Damiana de Távora † em Abril de 1741, f.ª de Martinho Francisco Ferreira de Eça e de sua m.er Dona Maria Micaela Pereira Pinto Fagundes, sr.ª do 2.º Morg.º de Bertandos, s. g.; x 2.ª c. Dona Luísa Clara de Vilhena Castro e Menezes, † de parto a 12.12.1744, f.ª de Sebastião José de Carvalho e Vasconcelos, sr. de Vila Boa de Quires, c. g., e a 3.ª vez, como se verá no texto, c. Dona Margarida Vicência de Távora e Menezes, s. g.

Francisco José Cardoso de Alarcão. Ver nota 274 e 280 e texto.

(159) Não constam na «*Relaçam*» os nomes desses fidalgos.

(160) «*Relaçam nas festas que se fizeram em obsequio da collocação da Imagem da Madre de Deos, no Mosteiro das religiosas de Guimarães e principio da devoçam da mesma Madre de Deos na dita villa*», não tem nome do autor. Está encadernada em «*Várias Relações de 1641 a 1793*» (1-4-174), da Biblioteca da Sociedade das Martins Sarmento. Desta «*Relaçam*», tirou o P.º Caldas a descrição que destas festas faz no seu «*Guimarães*».

damasco, brocados, azuis, roxas, brancas, rosas e prata, lindas peças a enlevarem as gerações⁽¹⁶¹⁾.

E as festas dos casamentos? Festas? A 9-6-1749, dezassete anos, Dona Margarida Vicência de Távora e Menezes, filha de Gaspar Leite, frente ao altar de São Pedro de Azurém, une-se a seu primo⁽¹⁶²⁾ Gonçalo André de Carvalho e Nápoles, trinta e cinco anos mais velho que ela, duas vezes viúvo, padrinho de suas irmãs, e que por sua vez em breve a deixa viúva⁽¹⁶³⁾. Vinte anos depois outras bodas. A 4-7-1773 Francisco Diogo de Moura Coutinho Guedes de Carvalho e Drago, Moço-Fidalgo, assistente no seu Paço de Borba de Godim, na Lixa⁽¹⁶⁴⁾, casa com Dona Luísa Leogarda de Menezes e Aragão⁽¹⁶⁵⁾, destinada para freira por seu pai Gaspar

(161) Os vestidos e mantos de Nossa Senhora, as vestes de S. José e do Menino foram, segundo a tradição, bordados pelas Infantas. A seguir à República foram guardados em casa dos 2.^{os} Condes de Margaride, onde ficaram até 1950, só saindo nas festas. Encontram-se agora no Colégio de Vila Pouca, Lar do Sagrado Coração de Maria. Figuraram na Exposição de Arte Sacra na igreja de S. Francisco, em Guimarães, em Junho de 1979, v. «Catálogo» da mesma exposição, III parte (a publicar).

(162) C 1 Azurém, Arq. Mun. A. Pimenta. «Foram dispensados no 2.^o e 4.^o grau por uma via e no 3.^o e 4.^o por outra».

(163) Gonçalo André de Carvalho e Camões (v. notas 103 e 158) † na sua Casa do Campo (Av. Velha, onde estão as suas Armas) a 6.11.1750 (S. Seb^o). Desconheço a data do fal. de sua m.er; até 1770 não se encontra o assento de óbito na freg.^a. Como no testamento lhe deixa uma tença, caso ela se mantenha viúva ou recolha a um convento, e por de Dona Mariana Vicência não encontrar mais notícias, é possível que tenha ido para freira.

(164) «último fidalgo do Paço de Borba nasceu em 1745 e faleceu em 1805. Foi fidalgo da Casa Real; tenente coronel de milícias do regimento de Basto; senhor do Paço de Borba e dos morgados de Dragos de Nossa Senhora da Assunção de Vilar de Maçada, de Santo António da Ponte do Sabor, e Senhora da Assunção de Murça e de Santo Antonio do Calvário de Penafiel com legado em S. Francisco do Porto onde tinha sepultura», in «Felgerias Rubreas» de Eduardo de Freitas, cap. VI, p. 288. Vem a sua ascendência e casamento; não tiveram geração, era f^o de Diogo de Moura Coutinho Castro Guedes de Carvalho e Drago, suc. a seus Pais e de sua m.er Dona Maria Teresa de Aranha e Moscoso. Por morte de Francisco Diogo «os parentes andaram em litígio por causa da herança, vendendo-se por fim a casa e quinta do Paço de Borba para pagamento de dívidas do falecido fidalgo; e assim está hoje o Solar de Borba na posse de estranhos à família dos seus antigos fidalgos».

(165) C 2 Azurém, Arq. Mun. A. Pimenta: «dispensados das proclamações e recebidos por seus procuradores».

Leite⁽¹⁶⁶⁾. Nem um nem outro se encontram na paróquia de S. Pedro de Azurém. Procurador do noivo é o seu futuro cunhado, Martinho Leite, Moço Fidalgo da Casa Real. Representa a noiva seu irmão mais velho, Joaquim Leite de Azevedo e Araújo Carvalhais e Vale, senhor dos Morgadios da Torre ou Espírito Santo, Martim Surdo, Álvares, Val Melhorado e Britelo, Alcaide Mor do Castelo de Lindoso, senhor dessas Terras e seus Direitos Reais. Testemunhas são seus servidores. Saem os dois irmãos da igreja. Vamos com eles. Contentes os dois manos não dão pelo nosso espanto, de tal maneira é corrente na época a cerimónia de casamento por procuração dos dois noivos. Ficamos a olhar o Salvador, onde, no dia de Natal de 1758, faleceu Gaspar Leite de Azevedo⁽¹⁶⁷⁾, e a 2-9-1767 sua mulher Dona Leonor Maria de Menezes e Aragão⁽¹⁶⁸⁾, onde as cabeleiras empoadas dos fidalgos, as librés da sua criadagem, as mesuras e cumprimentos, dão-nos a imagem duma época de paz. Onde por esses anos todos em Guimarães, floresce o barroco no convento do Carmo, abre-se o das Capuchinhas, colocam-se os altares nas Dominicás, anuncia-se o rócócó no Campo da Feira. E nascem os Palácios, o do Largo da Misericórdia, do Sereníssimo Senhor Dom Gaspar e o de Vila Flor, de Tadeu Luís António Lopes da Fonseca de Carvalho e Camões⁽¹⁶⁹⁾.

(166) Assim reza o testamento de Gaspar Leite, nota 125: «*a minhas duas filhas Dona Luísa Leogarda e Dona Maria Natália meo filho dará o estado de Relegiozas e lhes dará de tença dez mil reis a cada hum em cada hum annos*», tença que será dobrada depois do falecimento da Mãe.

(167) Nas notas 125, 156 e 166 vêm extratos do seu testamento. Deixou por Herd^o seu f^o Joaquim, os bens livres à mulher, e por testamenteiro, seu irmão o Rev.^{do} Dr. António Vicente Pereira de Vasconcelos, cónego da Sé de Coimbra. O 1 Azurém, Arq. Mun. A. Pimenta.

(168) Foi sepultada no Conv.^o dos Capuchos, O. 1 Azurém.

(169) No meu «*Guimarães, Terras de Santa Maria*» escrevi sobre o Palácio de Vila Flor ou Cavalinho: «... iniciada a sua construção pelo Pai do 1.^o Conde (de Arochela) em meados do século XVIII...». Posteriores investigações levaram-me a ver o engano. Quem mandou construir o palácio foi Tadeu Luís António Lopes de Carvalho da Fonseca e Camões. Seus filhos e alguns de seus netos ainda nasceram na sua casa do Largo da Misericórdia (1726-45), mas tanto ele como sua mulher faleceram já em Vila Flor (1759 e 60). Em 1780 também aí morreu seu genro (nota 158) e a 22.5.1889 sua f^a, Dona Mariana Luísa de Carvalho e Menezes (M 4 Urgezés, Arq. Mun. A. Pimenta). A 23.4.1812 seu bisneto, o 3.^o Visconde de Vila Nova de Souto d'el Rei, vende por 10.800\$00 o Palácio de Vila Flor e todas as suas pertenças a sua prima Dona Maria Leonor de Sousa Peixoto de Carvalho. (Tab. José Leite Duarte, Arq. Mun.

Quando a Espanha invadiu Portugal na Segunda Guerra dos Sete Anos, Joaquim Leite, Alcaide-Mor do Castelo de Lindoso, estava no Regimento da Cidade do Porto «*oito leguas de minha casa*». Aí assentara praça, há alguns anos, «*servindo de soldado Alferes Tenente e Capitam*». Em 1762 parte com «*o mesmo regimento para a Campanha*». Disciplinado pelas medidas enérgicas de Pombal, reorganizava-se o exército sob o comando do Conde de Lippe. Caiem nas mãos inimigas Miranda, Chaves, Castelo Rodrigo, Vila Velha do Rodão; entrega-se Almeida. Resistem heroicamente Vila Nova de Foscôa, Freixial, em chamas, Abrantes, há a marcha extraordinária de Pinhel a Codes e a não menos notável contra-marcha sobre a Beira. Recua a tropa espanhola por Castelo-Branco. A 3-2-1763, em Paris, a Inglaterra e a França assinam a paz. Passados três anos «*estando a servir de Capitam mandante repudiando os mais capitains o embarque e o servisso do mar voluntariamente me ofereci a elle e nelle andei quinze meses hindo antam a expedição de Mazagão*» (170).

Foi a nossa última praça forte na África do Norte. Safim, Azamor, Arzila, Alcacer-Ceguer, Santa Cruz já tinham sido tomadas pelos espanhóis. Tanger, a das ruelas estreitas, brancas, cheias de barulho, de vozes estridentes fora no dote da Infanta Dona Catarina, Rainha da Grã-Bretanha. Ceuta, até Ceuta, a da morena Virgem de África, mandada de Portugal pelo Infante Dom Henrique, a de Santa Maria, Nossa Senhora, a Portuguesa, trazida

A. Pimenta). Dona Maria Leonor † no Porto a 15.4.1831 (V. «*Velhas Casas (V), Casa de Pousada*», p. 99). Acrescenta Pinho Leal no seu «*Portugal Antigo e Moderno*», vol. 11, Vila Flor, que D. Maria Leonor vendeu o palácio em 1829 a Lourenço de Arrochela, de quem foi herdeiro seu sobrinho Nicolau, Conde de Arrochela. A este sucedeu sua f.^a D. Leonor de Arrochela e a ela seu irmão Heitor de Arrochela que vendeu o palácio em 1881 a António de Moura Soares Veloso. Mais tarde passou à família Jordão.

(170) Falecimento de Joaquim Leite de Azevedo a 16.11.1801. O 2 Azurém, p. 69, onde está transcrito o testamento. Diz: «... servindo de soldado Alferes Tenente e Capitam sempre no Regimento da Cidade do Porto... athe o anno de mil setecentos e secenta e dois a que foi o mesmo regimento para a Campanha e passados tres anos estando a servir de Capitam Mandante repudiando os mais capitains o embarque e servisso do mar voluntariamente me ofereci a elle e nelle andei quinze mezes hindo antam a expedição de Mazagão». Como o cêrco de Mazagão foi de Janeiro a Março de 1769, parece-me haver uma certa diferença com as datas referidas por Joaquim Leite.

por Dom João I na sua conquista⁽¹⁷¹⁾, passara para Espanha, na Restauração. Restava Mazagão. Mulei Mohamed ben Abdulá luta corajosamente para acabar com o domínio estrangeiro nas costas de Marrocos, obra iniciada por seu avô Mulei Ismail, que aos espanhóis e ingleses reconquistara as nossas antigas praças. Cerca e ataca Mazagão. Partem as naus, velas cheias de vento, remos a lutarem contra as calmarias. Dura o cerco dois meses, vêm ordens de Pombal para se abandonar a praça. Saem os seus habitantes, com fome, rotos, para as embarcações que os esperam. Alguns ficam dentro das muralhas. Minam as fortificações, as casas. Ao entrarem, os mouros, na vitória delirante, saltam as pedras, explode a cidade. Não se entregou a última praça portuguesa. Ao largo, as naus vêm-na arder. Alguns choraram. Como chora a Virgem de África, Nossa Senhora da Piedade, torturada e aflita. Lágrimas que no correr dos séculos, se transformarão em pranto ao ver o desmoronar, a queda do Império que viu nascer. Em todos estes serviços, Joaquim Leite, Alcaide Mor de Lindoso, «*fez despeza patrimonial de mais de cinquenta mil cruzados*»⁽¹⁷²⁾.

Um grande jardim, canteiros de buxo, desenhos quadrados, redondos, formas geométricas, repetidas nos quatro cantos. A meio, um chafariz, água a jorrar nas bicas. Passeia-se nas alamedas, saltam-se os alegretes salpicados de flores. Ao deixar a vida militar casa Joaquim Leite de Azevedo e Araújo com Dona Leocádia Semeana de Bourbon⁽¹⁷³⁾, apelido real da Casa de França, a vir por senhora, conservado no correr das gerações. Salta-se o nome de seu pai Gonçalo Tomaz Peixoto da Silva de Almeida Macedo e Carvalho, senhor do Reguengo e Concelho de Penafiel, da Casa da Calçada, dos Morgadios dos Almeidas, em Guimarães, Macedos e Carvalhos, em Alenquer, Adaíl-Mor do Reino, fidalga cepa vimeiranaense a viver no Sul; arranca-se o do avô materno, Dom João de Almeida, Vedor da Rainha Dona Maria Ana de Áustria. Como os carreirinhos a contornar os canteiros, seguimos a linha feminina, mais suave e doce. A bisavó, Dona Maria Antónia de Bour-

(171) «*A Virgem e Portugal*», Dir. Literária de Fernando de Castro Pires de Lima, — *Descobrimientos e Conquistas*», pelo P.^o António Brásio.

(172) Nota 170.

(173) Nasceu depois de 1743, ano em que veio ao mundo seu irmão Dom Fernando de Almeida Peixoto, último dos filhos de Gonçalo Tomaz Peixoto da Silva de Almeida Macedo e Carvalho, e de sua m.er Dona Madalena de Bourbon, a ser mencionado na «*História Genealógica da Casa Real*» de Dom António Caetano de Sousa, Tomo XI.

bon, mãe de Dom João de Almeida, Dama da Rainha Maria Francisca de Saboia, condessa de Avintes pelo seu casamento; a trisavó, Dona Madalena de Brito e Bourbon, condessa dos Arcos, mulher de Dom Tomás de Noronha; a 4.^a Avó, Vitória de Cardaillac, Dama da Rainha de Espanha Isabel Farnésio, casada com Dom Luís de Lima e Brito, 1.^o conde dos Arcos, filha de Gilberto Francisco de Cardaillac, Barão de la Chapelle Marival, senhor de Cardaillac, e de sua mulher Madalena de Bourbon. Por fim, pelo pai desta Senhora, Henrique de Bourbon, visconde de Lavedan, barão de Malause, chegamos à linha varonil dos Duques de Bourbon (174), ao esplendor da Côrte de França. Sopra o vento, a água do chafariz salpica o jardim. Como o sangue de S. Luís, Rei de França, corre nas veias da sua muita descendência portuguesa, por sua 10.^a neta, Madalena de Bourbon, baronesa de La Chapelle Marival (175).

Três filhos têm Joaquim Leite de Azevedo e Araújo, «*Fidalgo da Casa Real, senhor dos Direitos Reais das Terras e Castelo de Lindoso e seu Alcaide-Mor, Mestre de Campo de Infantaria Auxiliar na Província do Minho e sua mulher Dona Leocádia Semeana de Norbon, da quinta do Salvador*», três alegrias para a sua Casa. É ler os assentos. A 5-1-1777 nasce Gaspar, baptizado a 7 de Fevereiro na Capela do Salvador (176), afilhado, por procuração, de «*Sua Alteza Real o Serenissimo Senhor Infante Dom Pedro do Paço da Ajuda da cidade de Lisboa*» (177) e de Nossa Senhora do Carmo. A 6-9-1779 vem Gonçalo, que recebe o baptismo, por licença especial, a 28, no oratório da Casa; a 11-11-1780, a última, «*Dona Magnadela Leocádia Joaquina de Borbão*» (178). E depois tentar acompanhar as suas vidas por Guimarães, por Alenquer, por onde os encontremos.

(174) Esta genealogia vem toda descrita na «*A Casa da Graciosa*», de Luís de Bivar Guerra, *Árvore*, N.º 21.

(175) De Victória de Cardaillac e seu marido, o 1.^o conde dos Arcos, descendem, entre muitos outros, os Marqueses de Castelo Melhor, de Ponte do Lima, de Ficalho, de Alegrete, de Lindoso, da Graciosa e os condes dos Arcos, de S. Vicente, de Mafra, de Sobral, de Bertandos e Avintes. In obra citada na nota anterior.

(176) Esta capela que se encontrava no princípio do Largo do Cano ou Salvador foi demolida nos primeiros anos do séc. XIX. V. «*Guimarães e Santa Maria*», do Abade de Tagilde, pp. 95 e 111. Na capela particu'ar da Casa do Cano existe a imagem do Salvador do Mundo.

(177) Dom Pedro III, marido da Rainha Dona Maria I.

(178) N 3 Azurém, Arq. Mun. A. Pimenta.

Há guerra na Europa. Aliado da Grã-Bretanha, Portugal procura manter a neutralidade, negocia com a França e a Espanha. Em 1798 desaparecem as esperanças dum entendimento. Alastra sobre a terra portuguesa uma sombra muito negra, muito espessa. O exército está gasto, desmembrado pela não distante Campanha do Russilhão. Procuram reorganizá-lo. Raia o século XIX. Ao não ver atendida a sua vontade, o Rei espanhol invade Portugal. Caiem Olivença, Juromenha, Campo-Maior, Castelo de Vide. Soa depois a paz. Uma paz precária, triste, como Olivença desde então cativa. Mas que alivia, alegre, entra muitas outras, a Casa do Salvador. Seu sucessor, o primogénito Gaspar Leite de Azevedo e Araújo, aos doze anos de idade sentara praça de cadete, em março de 1789, em Cavalaria 12. Fôra depois, a 2-5-1797, promovido a Tenente Coronel das Milícias da Barca; a 5-5-1802 é Coronel do mesmo Regimento⁽¹⁷⁹⁾. A 4-7 do mesmo ano, por um alvará do Príncipe Regente, é-lhe conferida a mercê de Alcaide-Mor e Senhor do Castelo de Lindoso⁽¹⁸⁰⁾.

Em Guimarães constroem-se novos edifícios no Toural, junto à Porta da Vila. Plantam-se e cuidam-se amoreiras para o cultivo do bicho da seda, gastam-se 12 contos de reis nas festas do Descimento da Cruz e 18 alqueires de trigo para os Pães Bentos, no dia do Espírito Santo⁽¹⁸¹⁾. Destroi a Câmara grandes troços das der-

(179) «Requerimento em que Gaspar Leite de Azevedo e Araújo pede ao Rei para ser reformado em brigadeiro. Informação sobre o assunto do Governador de Armas da Província do Minho (Visconde de S. João da Pesqueira), a 29.4.1824. Arquivo Histórico Militar, Caixa 405. Todas as pesquisas nesse Arquivo foram amavelmente feitas pelo Ex.mo Sr. Coronel Carlos Beça, a pedido do Ex.mo Sr. Manuel Alves de Oliveira, Dig.mo Director do Arq. Mun. A. Pimenta; a ambos os meus agradecimentos.

(180) «*Ephemerides Vimaraneses*», de João Lopes de Faria, vol. III, ms. na Soc. Martins Sarmento.

(181) Na festa do Espírito Santo, gastaram-se, em 1805, 18 alqueires de trigo para os Pães Bentos. A do Descimento da Cruz, a 8.4.1803, vem assim descrita nas «*Ephemerides*», vol. II: «Fez-se nesta villa no sitio do Arco de S. Francisco, um riquíssimo e aparatoso Descimento da Cruz com o qual se gastaram mais de 12 contos de reis, além de outras muitas despezas, que algumas casas fizeram com figurado. Não consta que haveria outra igual em Portugal nem anterior nem posterior. O grande monte elevava-se quase até ao cimo das carvalhas que lhe ficavam na recta-guarda. Em quase todos os telhados do terreiro de S. Francisco afora os da Rua de Couros foram improvisados terraços (balcões) (até as Beatas do Anjo fizeram um no seu Recolhimento pois as casas do terreiro eram

ruídas muralhas e torres; nos Palheiros, na Misericórdia, à Porta de Santa Cruz, na Rua do Gado; vende a pedra, calceta as ruas. De vitória em vitória, avançam por toda a Europa as forças de Napoleão, Imperador dos franceses. Em Novembro de 1807 invadem Portugal!

Fujam! Fujam! São os franceses! É o terror! Saqueiam Castelo Branco, tomam Abrantes, reinam em Lisboa! Transformam os caminhos em rios de sangue, de corpos mortos. Já longe, balouçam as naus; vai a Côrte para o Brasil, a continuar Portugal do outro lado do mar. Submetem-se as Câmaras⁽¹⁸²⁾, pagam-se pesa-baixas e não excediam a muralha) para acomodar as famílias da terra como muitas outras que vieram de várias partes do Reino, até de Lisboa. Foi uma das melhores festas que neste género se tem feito em Portugal. A Guarda Romana era toda de estudantes e as figuras principais eram frades e padres, notando-se entre estes o Padre Bernardo Pinto Rolla, depois Cônego, que representava a figura de S. João, que pella sua posição forçada de 3 horas quasi extático se tornou um facto extraordinário e assombroso, a ponto de muitos dizerem que não era figura viva mas de pasta».

(182) A 19.5.1808 «a Camara recebe um officio do secretário d'Estado dos negócios interiores e das finanças Francisco António Nermam de 13 deste mez enviando impresso o exemplar de Aviso do duque d'Abrantes, general em chefe do exercito de Portugal, de 12 de Maio de 1808 com a proclamação dirigida aos portuguezes pelos membros da deputação portuguesa aconselhando-os a submissão ao imperador dos francezes, ao qual foi enviada, sendo datada de Bayona a 27 de Abril de 1808. A Camara nesse mesmo dia respondeu ao officio o seguinte: «A participação que V. Ex.ª hoje se digna fazer-nos das Beneficas e Magnânimas intenções de S. Mag.de Imperial e Real communicadas a esta Nação pelos representantes perante o mesmo Senhor; dando-nos as mais bem fundamentadas esperanças de um futuro venturoso, não pode deixar de produzir em nós sentimentos de prazer com os mais vivos desejos de um profundo reconhecimento. Nós temos pois, Ex.mo Sr, a honra de certificar a V. Ex.cia a nossa alegria e a do povo d'esta villa, a quem acaba de publicar-se o exemplar que V. Ex.cia fez a honra de dirigir-nos; e ao mesmo tempo fazendo os protestos de submissão e obediencia a S. M. Imperial e Real e ao illustrissimo e excelentissimo senhor duque d'Abrantes, general em chefe, que tão dignamente o respeita neste reino às leis e V. excelencia igualmente os fazermos de procurar e por em execução os meios de manifestarmos publicamente os nossos obedientes respetos, e o nosso reconhecimento por tão Beneficas disposições. Deus Guarde V. Excelencia. Guimarães, em Camara, 19 de Maio de 1808. — Ill.mo e Ex.mo Sr. Francisco António Nermam secretario d'estado dos negocios do Interior e Finanças por S. Mag. Imperador dos Franceses Rei de Itália. O vereador mais velho, Leandro de Sá Sotto Maior Araujo Ayalla, Vereador Francisco Pinto de Carvalho Bezerra, Vereador Domingos Peixoto do Amaral e Freitas, Procurador António de Souza da Silva Guimarães.»

dos tributos como contribuição de guerra (183). Em Junho, a Pátria desperta! De Melgaço vem o primeiro grito. O clero anima o povo, aclama-se Rei Dom João VI, com lágrimas de alegria, procissões e cortejos (184). Tudo se levanta!

Em Guimarães escolhe-se uma Junta Governativa para preparar a resistência a Loison. No Terreiro das Dominicadas ardem fornos, colocam-se bigornas. Dia e noite trabalham ferreiros, cutileiros, espingardeiros, preparam-se as armas. Abastecem-se as tropas em formação: «*pão fresco excelente, peixe magnífico, pescada e sardinha fresca, vinho do melhor do paiz*». Todos dão: «*os conventos de frades e freiras, muitos lavradores ricos, abades e párocos que, cosendo o pão e abrindo as adegas, mandam gratuitamente o pão aos carros e o vinho às pipas*». Frei António Pacheco incita e clama (185). Enche-se a Praça da Senhora da Oliveira.

(183) Só a Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira foi obrigada a entregar ao exército invasor 1.647 marcos e 3 onças e meia de prata (13, K 804).

(184) A 18.6.1808 fez-se em Guimarães a aclamação do Príncipe Regente. Saiu em procissão de acção de graças a imagem de Nossa Senhora do Rosário da Igreja de S. Domingos. No dia seguinte houve outra procissão ordenada pela Câmara e um cortejo assim descrito no manuscrito de Frei António Pacheco (nota 186): «*Naus triunfantes puxadas por eclesiásticos e estudantes, em duas alas, vestidos de tritões, de golfinhos, de sereias e vários peixes, cantando a música e instrumentos as canções mais festivas e análogas com letra e solfa, toda propria de tais objectos e tais maritimos, tal e qual se pode isto fingir, indo adiante o Deus Neptuno com seu tridente todo alegre e risonho, vestido de gala, com um grande manto azul riquissimo, rodeado de um cardume de peixes, todos alegres. Nunca se viu procissão tão nobre e festiva, correndo todas as praças e ruas da villa que estavam iluminadas com primor, indo em diversos lugares acompanhando outros concertos de musica e infinito povo até de madrugada. Clérigos, Nobreza e Povo desta villa, apareceram desde a primeira hora da aclamação com tope e armados, e até as mesmas mulheres e crianças trazem topes e punhais*». O P.^o Caldas no seu «*Guimarães*» descreve outras comemorações pelo mesmo motivo.

(185) Frei António Pacheco foi um frade dominicano que muito se distinguiu na 1.^a invasão francesa. Acompanhou como capelão o exército de Bernardim Freire, foi agente de ligação entre as tropas portuguesas e inglesas e missionário no Brasil. Mandado prender por Junot, pelos seus sermões contra o domínio francês, dele existe diversa correspondência. É célebre o seu protesto contra a Convenção de Sintra. Chamavam-lhe o Padre Indio (v. nota 186). É citado na «*Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*», vol. XIX. Na «*Ilustração Portuguesa*», n.º 139 de 19.10.1908 vem um artigo sem ser assinado sobre Frei António Pacheco, intitulado «*O Frade Branco*».

Nós paramos por momentos. Ficamos a olhá-la. Bela, rica de cor, de movimento, de exaltação patriótica.

A companhia comandada pelo Prior de São Domingos é composta de 120 soldados e muitos religiosos. A do Cabido de Nossa Senhora da Oliveira; a dos 200 voluntários, a do Regimento de Milícias. «*Centos de cavaladuras para o transporte das bagagens*», todos os sinos a tocar a rebate, os tambores a rufar, muitas bandeiras e guiões ao vento. Reza-se alto, «*vão muitos soldados que tinham baixa, vão excelentes atiradores e caçadores de perdizes; turmas de rapazes e mulheres com pedras nas mãos*». Põem nos chapéus raminhos de oliveira. E marcham. Acorre gente de todas as freguesias: «*amoladas grandes foices roçadeiras, alabardas, chuços, piques encavados em paus de 15 a 20 palmos de comprido, seguros malhos com prisões de ferro, espadas, pistolas, bacamartes e espingardas*». Foi o clero, a nobreza e o povo. E senhoras, muitas senhoras, com suas jóias, o seu linho, o seu dinheiro a animar quem partia.

Chegam a Amarante. A gente é tanta, ninguém se pode mexer no Convento e nas ruas. Invocam S. Gonçalo «*patricio de Guimarães e protector dos minhotos*» por seu «*capitão e general desta empresa tão Santa e justa e que com o seu bordão e correia desse muita pancada naquela maldita canalha*». Atacam os franceses, depois deles terem saqueado a Régua, perseguem-os até à Cruz de Comba, para lá de Lamego. Combatem. E ao ver fugir as forças de Loison sobem ao alto dos montes: gritam e apupam. Na volta a Guimarães, ao darem graças à Senhora da Oliveira, Frei António Pacheco, em seu exaltado sermão, dá no púlpito uma surra de pau a uma das fardas abandonadas pelo odiado «*Maneta*» na sua fuga ⁽¹⁸⁶⁾. Entre as muitas famílias vimaranenses que se destacaram nesta ocasião, ressalta também no manuscrito a do Cano, já chamada dos Bourbons, sem explicar se marcharam, se combateram, se deram bens.

Acabara a Primeira Invasão. Bernardim Freire de Andrade, Marechal de Campo, Comandante em Chefe de todas as forças de Entre-Douro, Minho e Trás-os-Montes visita as suas Praças.

(186) «*Guimarães e a Aclamação de D. João VI — num código inédito do Arq. Histórico Militar*» por Manuel Mendes, in «*Revista de Guimarães*», vol. LXIX, Jan-Jun. 1959. Neste excelente estudo analisam-se as 700 págs. do manuscrito de Frei António Pacheco, e dá-se, além de muitos dados sobre Frei António e vários chefes militares, um vivo retrato daquela agitada época. Dele copio as frases entre aspas.

Ao Reino visinho, convulsionado pela Guerra, envia gente a observar, a levantar. Em 1808 dá ordens a Gaspar Leite de Azevedo e Araújo «para levar presos à Galiza»; a 29-9 desse mesmo ano a Junta do Porto, promove-o a Governador Agregado à Praça de Monção (187).

A 13-2-1809, ali à vista, sobre a nossa fronteira, está 1.^a Divisão francesa. A 14 tentam entrar por Vila Nova da Cerveira; a 15 experimentam Caminha. Fazem-lhe frente, espalhadas pelo pinhal do Camarido (188), a população e as forças de Bernardim Freire, Soult ataca então Valença; desiste. A 9-3-1809 entra finalmente em Portugal, pela raia de Monterrey e Chaves. Eles aí vêm! Outra vez! A espalhar a dor, a matar, a saquear.

A 15 de Março já estão em Ruivães. O exército de Bernardim Freire espera-os em Salamonde, e com ele o Batalhão dos Privilegiados de Nossa Senhora d'Oliveira (189) e as Milícias de Vila do Conde. Em cada curva, em cada pedra, fica à morte, o

(187) Arq. Histórico Militar — caixa 1833, que contém as informações semestrais dos Oficiais do Estado Maior da Praça de Monção. Como «serviços extraordinários de campanha» cita-se o levar presos à Galiza.

(188) Nuno Freire de Andrade e Castro de Sousa Falcão de Figueiredo, militar, foi feito Conde de Camarido em duas vidas por dec. de 16.7. e Carta de 10.8.1822 (D. João VI), «para lembrar o feito de seu irmão o General Bernardim Freire de Andrade na defeza da foz do Minho contra o invasor francez, resistindo heroicamente, emboscado no pinhal desse nome que se estende para o sul de Caminha com reduzidas forças, às do invasor em numero muito superior», in «*Nobreza de Portugal*», II vol. — Camarido (Conde...).

(189) 23.2.1809 — «Oficio do General, em Ponte de Lima, ordenando ao comandante dos Privilegiados de Nossa Senhora da Oliveira, João do Couto Ribeiro de Abreu, que com o corpo do seu comando marche imediatamente para a Caniçada (Vieira) pronto a acudir à Portela do Homem, pelo caminho de Covide, ou Salamonde, seguindo os avisos que tivesse d'uma e d'outra parte tendo a cautela de recorrer aos Magistrados Civis para ser fornecido, que seria pago pela administração dos viveres de Estado, logo que legalizasse por vales competentes o seu consumo e bem entendido o Corpo devia ir fornecido de pólvora e bala, e quando o não tivesse recorresse a Braga ao Coronel Gaspar de Sousa Pizarro». 27.2: — «Partiu para a Caniçada o batalhão dos Privilegiados. Está anotado no livro da contagem do Coro, a fim de serem contados como presentes os cônegos e os padres coreiros que foram com o mesmo como seus officiais». 8.3 — João do Couto Ribeiro recebe ordens para reforçar Salamonde. A 9.3 recebe a felicitação de Bernardim Freire pelo batalhão dos Privilegiados. In «*Ephemerides Vimaraneses*».

testemunho dum nosso soldado, mal armado com chuços e armas ferrugentas a defender o seu chão. Eles passam. A 19 perdemos mais um combate: Carvalho d'Este. Continuam: saqueiam Vilar de Frades, violam sacrários. A 20 acampam em S. Martinho de Sande; nos campos matam os seus homens indefesos. ⁽¹⁹⁰⁾. Escaramuça-se na Penha; há baixas ⁽¹⁹¹⁾. Roubam, destroem. A plebe desvairada levada pela ignorância, às vezes sabe Deus de quem, inconformada com tanta derrota, assassina Bernardim Freire de Andrade ⁽¹⁹²⁾. E Braga, a Primaz das Espanhas, cai, ajoelha, frente à Águia de Napoleão. Em Guimarães, os Dragões de La Haussaye entram a 23 de Março ⁽¹⁹³⁾.

⁽¹⁹⁰⁾ «Na entrada dos Francezes nesta freg.^a aonde acamparão desde o dia vinte pella tarde até vinte e três as des oras q principiarão a sahir p^a G.es matarão António solteiro da Rocha de sima o qual ficou sepultado no dito sitio aonde apareceo morto em Março de 1809 está enterrado ao pé do coberto da Eira chamado da Chamusca vierão os seus ossos para a Igreja. No mesmo tempo matarão António José Duarte casado com Joana Maria desta freg.^a, José Miguel Velho do lugar da Carreira, Manuel Gomes casado com Maria José Antunes do lugar da Carreira, Bento Fernandes, viúvo, do lugar de Pontes, Gualter Manuel, do lugar das Antigas, Martinho José Barbosa casado com Maria Josefa do lugar de Pedregalhães, Bartolo Garcia casado com Joana Marques do lugar de Taburno, António Francisco casado com Ana Marques do lugar das Galas e Jerónimo Ferreira morto em sua casa. Todos estes, menos o ultimo ficarão enterrados nos diversos lugares aonde se acharão mortos». O 1 S. Martinho de Sande. Arq. Mun. A. Pimenta.

⁽¹⁹¹⁾ «Foi sepultado em St.^a Marinha da Costa António Pinheiro casado com Maria Joaquina, da freg.^a de St^o Estevão de Vila Chã, lugar de Passo, conc. de Gestaçô, falecido no combate de Nossa Senhora da Penha, desta freg.^a». Igualmente com os mesmos termos é o assento de Manuel Ribeiro, solt^o, da freg.^a de Agoadella de Marão (L^o da freg.^a da Costa), in «*Ephemerides*», 27.3.1809.

⁽¹⁹²⁾ «*Um soldado da Guerra Peninsular — Bernardim Freire de Andrade e Castro*», de António Pedro Vicente, sep. do «*Boletim do Arquivo Histórico Militar*», n.º 40 — Lisboa — 1970.

⁽¹⁹³⁾ «*Guimarães*», do P.^o António Ferreira Caldas, p. 147. Noticia tirada d'um L^o de Termos da Irmandade de S. Pedro, onde tambem vem o rol das pratas roubadas pelos francezes à Irmandade e os desacatos feitos na Igreja quando a ocuparam. As pratas tinham sido escondidas em Salvador de Pinheiro, tendo sido desenterradas pelo invasor na sua passagem; eram bastantes. Na Igreja de S. Pedro entraram a 13 de Maio; transformaram-na em cavaleriça. Violaram o sacrário; os altares apareceram cheios de milho e toucinho, os «caixões de guardar os paramentos cheios de milho e palha, os esguichos de lavar as mãos quebrados, o supedaneo, onde se assentam os Padres às missas cantadas, cheio de cinzas e carbões que ahí cozinham...». Todas as freguesias esconderam

Agora a população em pânico mata os seus chefes, persegue todos os que julga jacobinos (194). Lá em cima surge uma luz: Silveira retoma Chaves. Aqui há as guerrilhas. Nas margens do Ave, junto à Ponte de Negrelos, os guerrilheiros cortam a ponte. A 25-3 disparam sobre os franceses, numa tentativa de impedir a avançada. Matam o General Jardon (195) logo ali enterrado. Além

os seus tesouros, muitos foram levados. No Museu Alberto Sampaio encontra-se a Cruz da Igreja de S. Miguel do Castelo, escondida até 1818. Em cumprimento dum decreto de Junot, quando da 1.^a invasão a obrigar a entrega de todo o ouro e prata elaboraram-se as listas publicadas por Alfredo Pimenta no «*Boletim de Trabalhos Históricos*»: «Termos das entregas das Pratas das Igrejas, Capellas, Confrarias e Irmandades do Termo da Villa de Guimarães em execução do Decreto de 1.^o de Fevereiro do anno de 1808», vol. II, n.^{os} 1 a 4; vol. IV, n.^{os} 2 e 3; vol. V n.^o 3.

(194) Além do General Bernardim Freire de Andrade, foram só no Minho, entre outros, chacinados pela população: no Mosteiro de Tibães, Custódio Gomes Villas Boas, Quartel-Mestre, sogro da Sr.^a da Casa de Fundevila, Vila Verde; nas Neves, junto a Viana, a 20.5.1809, Pedro da Cunha Soutomaior, Morgado do Belinho, em Esposende, Sarg.^o Mor de Infantaria, ajudante do General Bernardim Freire; em St.^o Tirso, Manuel Ferreira Sarmento e D. João Corrêa de Sá, neto de Sebastião Corrêa de Sá e Benevides, da nota 158; em Vila de Punhe, António Sarmento Pimentel, e na Póvoa do Lanhoso António José de Macedo e Cunha, Sargento-Mor do Regimento de Milícias de Guimarães e Bernardo José de Passos, Corregedor em Braga.

Perseguidos e vexados foram: Aires Pinto de Sousa, Ajudante de Bernardim Freire; Gonçalo Barba Alardo, Ajudante de Campo; João Malheiro de Abreu, idem; Sebastião Pereira da Cunha, Cor.^o agregado do Regimento de Milícias de Viana; José Joaquim Pereira Cibrão, Major de Milícias; Pedro Paulo, T.te de Cav.^a 6; Francisco Lopes de Calheiros, Cor.^o do Reg.^o de Milícias de Vila do Conde; Francisco Xavier Pereira Caldas, Cap. de Cav.^a 12; António Manuel Moraes Passanha, Cap. do mesmo Reg.^o; Francisco Manuel da Silva, Cad. do 9; Francisco Cardoso de Menezes Barreto, Cap.-Mor de Guimarães e Com.te duma Brigada; Leandro de Sá Soutomaior e Ayalla, Cor.^o Agreg. ao Reg.^o de Milícias de Guimarães; Estevão de Queiroz Machado, Sarg.^o Mor da Praça de Monção; Felipe António Freitas Machado, Juiz de Fora de Melgaço. In L.^o citado na nota 192.

(195) «*Le Général Jardon (1768-1809)*», de Pierre Dervaux, in «*Bulletin des collectionneurs de Figurines et des amis de l'Histoire militaire* — Cernat de la Sobretache — nev.^o serie n.^o 17 — 2.^o Trimestre, 1979». Biografia do General Henri Antoine Jardon, belga de nascimento, general aos 26 anos, que depois de muitas campanhas gloriosas no exército imperial, foi morto no combate da Ponte de Negrelos.

Nas «*Ephemerides*» lê-se: «25.3.1809 — É morto em combate em Moreira de Cónegos por uma guerrilha um oficial superior do exército

da ponte param as tropas imperiais. No dia seguinte, rio passado a vau, apanham o povo pela rectaguarda; fazem um massacre (196). Santo Tirso procura resistir. O Porto defende-se durante dois dias. Entrega-se a 29-3, aos gritos das mães, dos meninos, das gentes tragadas pelo Douro no desastre das Barcas.

Soult, Senhor do Porto, manda os seus generais correrem o Norte. Losges vai pela costa até Vila do Conde. Heudelet vem de Braga. Reunem-se a 6 de Abril em Barcelos. Comandante em chefe das tropas destinadas à defesa do Minho, José António de Sousa Botelho e Vasconcelos, passa aos Arcos de Valdevez. Ajuda as milícias da vila. A 9 de Abril junta-se aos de Ponte de Lima, heróicos a defenderem o seu lar, os seus solares e conventos, «a Casa do Outeiro capela assaltada pelos esquadrões dos generais Lorges e Heudelet (197).» Depois, estrategicamente, retira para a Labruja. Desviam-se os franceses sobre Refoios e seu Mosteiro, direitos a Viana. E Viana do Castelo, azul do rio, azul do mar, verde do monte, talvez abandonada, mas sem garra, deixa a cor da vergonha trepar por suas ruas e casas. Entrega-se a 14 de Abril (198).

Também entraram em Monção. Gaspar Leite de Azevedo e Araújo, Governador Agregado, «*desamparado da tropa e do povo*», vê-se só nos seis dias que dura a ocupação. «*Cuidou de salvar tudo que hera da Fazenda Real e quase tudo dos particulares*» (199).

francez. Pertencia a 1.^a coluna das tropas que avançavam sobre o Porto e fazia parte da divisão Franceschi a qual tivera por objectivo forçar a passagem do Ave de Cima e ocupar em seguida os campos pelo lado de Pombeiro. O combate deu-se junto à Ponte de Negrelos, e o oficial morto foi sepultado num campo próximo.» O Abade de Tagilde no seu «*Guimaraães-Apontamentos para a sua História (concelho)*» situa a Ponte de Negrelos na freg.^a de S. Tiago de Lordelo e diz: «Em 1809 o povo agrupado cortou a ponte de Negrelos, por causa dos francezes que por aqui tinham de passar, disparou-se algum fogo sendo morto um oficial francéz. Acamparam estes além da ponte e na manhã seguinte passaram o rio a vau, 1 Km. abaixo da ponte e tomando a rectaguarda ao povo mataram mais de 100 pessoas assolando esta freguesia durante a sua permanência aqui.»

(196) V. nota anterior.

(197) «*Segundo Centenário da Capela de Nossa Senhora da Conceição, da Casa do Outeiro*», por João Gomes d'Abreu.

(198) «*História de Um Fogo Morto*», de José Caldas.

(199) Requerimento de 25.4.1809, constando do Processo onde Gaspar Leite pede para ser reformado em Brigadeiro. Arq. Hist. Militar, Caixa 405.

Que escondeu, que mandou enterrar, que vexames sofreu? «*Depois da sahida do inimigo desta praça se foi unir ao Exército do Minho que comandava o Ex.^{mo} Marechal de Campo José António Botelho pello qual foi nomeado Ajudante General do mesmo exército*» (200). Á nova do próximo desembarque em Lisboa de Sir Arthur Wellesley, começam a movimentar-se as tropas francesas pelas aldeias e caminhos (201): abandonam vilas, concentram-se, preparam a defesa.

Para Amarante converge a divisão de Soult e suas brigadas, a assegurar a passagem por Trás-os-Montes e Alto Douro. Lá está Silveira, lá estão as guerrilhas. Defendem a ponte. Combatem de 18 de Abril a 2 de Maio. Por fim, a vila em chamas, voa a ponte, ao estourar dos barris de pólvora, para lá levados, a rolar, embulhados em grossos panos. Soult triunfante volta ao Porto. Aos poucos, para poder resistir abandona o Minho: a 24 de Abril já dera ordens para deixar Viana. A 13 de Maio, Wellesley, a comandar as forças anglo-lusas, a triunfar desde Lisboa, entra no Porto! É a vitória! É a debandada.

Dizimados, em marchas forçadas, vêm Soult e seus homens. A fugir, pelo alto dos montes, por Baltar, Cristelos, Barrosas (202). Juntam-se com Loison em Penafiel. Rápidos, mal avistam Vizela. A 14 de Maio estão em Guimarães, ocupado desde Março, a tentar Braga, pois Amarante já não lhes dá passagem. Sabem então que por Braga também já não passam. Partem a toda a brida. No dia seguinte, cascos a faíscarem nas pedras, atravessa Guimarães, em sua perseguição, a Legião Hanoveriana de Sir Murray (203).

(200) Doc. citado na nota anterior. Deste processo consta também um atestado de José António de Sousa Botelho de Vasconcelos, Marechal de Campo dos Reais Exércitos do Príncipe Regente Nosso Senhor e Chefe do Reg^o de Cavalaria 11, a confirmar ter o Coronel de Infantaria Gaspar Leite de Azevedo e Araújo, estado unido ao seu quartel «com exercicio de ordens nele em todo o tempo desde a entrada do Inimigo nesta provincia do Minho athe ao presente». O atestado é dado no Quartel de Viana a 9.11.1809.

(201) «Foi no dia 18 de Abril de 1809; vinham as tropas (francesas) de Valença para Barcelos, e, ao passar no vale de Aguiar...» in «*Poeira do Caminho — notas de História e de Arte*», de Eugénio de Andrea da Cunha e Freitas, p. 7.

(202) «*Velho Minho*» de Sant'Anna Dionisio, p. 149 e 150. Neste livro estão primorosamente descritos, em bellissimo estilo, vários episódios das invasões francesas no Minho. Penso que quem quiser ver e «sentir» o Minho terá que o ler.

(203) «*Ephemerides*» de João Lopes de Faria, 15.5.1809.

Na fuga, a tropa napoleónica queima o Convento de Pombeiro, obriga o povo de Mondim a carregar-lhe a artilharia, depois abandonada. Vieira, espantada, vê-os ir, fantasmas do exército que a aterrara meses atrás. Pelos penhascos do Mizarela, do Alto Rabagão, lá vão, com fome, em trapos, a escarrar a dor da derrota rumo à raia; escapam com habilidade aos batalhões anglo-lusos. Já a 21 de Maio, os sinos da Real Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira festejam alegres o fim da ocupação⁽²⁰⁴⁾.

Gaspar Leite de Azevedo e Araújo, Moço-Fidalgo com exercício, professo na Ordem de Cristo, Alcaide-Mor do Castelo de Lindoso, Senhor dos Direitos Reais do mesmo concelho, Coronel e Governador agregado na Praça de Monção, lê a procuração passada em Alenquer, a 17-11-1709, no tabelião Joaquim António Borges de Vilhena, por seu primo co-irmão Gonçalo Manuel Peixoto da Silva Almeida Macedo Carvalho, Moço-Fidalgo da Casa Real. Dá-lhe os poderes para em seu nome receber em qualquer Igreja a sua prima Dona Madalena de Bourbon Almeida e Noronha, irmã dele Gaspar Leite, como sua legítima mulher. A 9.12 do mesmo ano na Casa do Salvador, ao Cano, Gonçalo Peixoto da Silva e Alarcão recebe de sua irmã Dona Madalena uma procuração para, em nome dela, poder aceitar por seu marido o primo Gonçalo Manuel Peixoto. Dispensa-os o Senhor Arcebispo dos Proclamas, dá ordem para que qualquer pároco os case. A 1-1-1810, «*as duas horas e três quartos da tarde*», em S. Martinho de Britelo, paróquia onde tantos bens tem⁽²⁰⁵⁾, Gaspar Leite, em nome de seu primo, recebe por mulher a sua irmã Dona Mada-

(204) Ms. citado na nota anterior. Nesse dia abriu o Coro da Colegiada fechado durante a invasão.

(205) Na freg.^a de S. Martinho de Britelo, termo da vila da Barca, possuíam as seg.tes propriedades: «a Q.t^a do Paço, cabeça do Morgadio com nobres casas e capella de Santo António, casas d'adega, cavalharices, casa do engenho d'azeite e casas de caseiros», quase toda murada, composta de campos, virhas, hortas e devezas. Noutros lugares tinham mais campos, vinhedos, pinheirais, carvalheiras, bouças e terras de mato. No sítio do Ribeiro dos Moinhos «hum moinho negreiro». Na passagem pública do rio, abaixo da Q.t^a do Paço, «hum barco de passage publica». Por baixo do lugar da Parada do Monte «hum caneiro chamado o Caneiro Baú, que he o melhor que tem o Rio Lima pela abundancia de caça de Salmões e mais qualidade de peixe». Uma insua. 4 Pesqueiras contendo diversos «bloqueiros». No distrito do Castelo de Lindoso tinham tapadas, (numa delas uma casa arruinada), e as propriedades instituidas em Morgadio por D. Leonor Vitória de Magalhães e Menezes unidas ao Morgadio de Bri-

lena, representada pelo outro irmão. Gonçalo Peixoto da Silva⁽²⁰⁶⁾. De Guimarães parte a noiva para Alenquer, casa de seu marido; leva a mãe e o mano mais novo. Só em Monção, em Britelo, no Salvador, sem a família, fica Gaspar Leite, Alcaide-Mor do Castelo de Lindoso.

Talvez pelas brancas igrejinhas a rezarem no verde dos montes, pelas contas desfiadas nas enrugadas mãos das velhas, Deus tenha poupado o Minho aos horrores da terceira invasão. Mas nas Beiras também havia muitas igrejas, em cada alto, em cada colina que a mesma Fé alumia. E sofreram, mais do que as outras províncias, assassinadas as suas gentes, arrazado o seu chão. Foi a guerra, a pior das três, só terminada em Maio de 1811. Gaspar Leite mantém-se em Monção. 1812 traz-lhe mais um cargo: encarregado do Depósito de Recrutadas da Vila de Guimarães⁽²⁰⁷⁾. Vila onde chegam «as notícias sertas» da morte de seus filhos nas Campanhas da Guerra Peninsular, onde há peditórios para os quartéis e hospitais, onde continua a demolição das torres e muros.

Agora ouvem-se duas vozes fortes, de dois homens notáveis, ambos Encarregados do Governo das Armas do Minho. Uma, a de José Joaquim Champalimaud, brilhantíssima folha de serviços, um dos a quem se deve a tomada de Badajoz na Guerra Peninsular. Outra, carregada de sotaque inglês, sua língua pátria, a do *Brigadeiro John Wilson*. — Gaspar Leite? é «*magro, alto, de saude interrompida*», troveja o herói de Badajoz, «*tem boa conduta civil. mas é alguma cousa altivo e pouco bemquisto*». — «Tem boa constituição física, é bastante activo, muito boa conduta civil, e todos os que o conhecem tem dele muito boa opinião», comenta no seu estranho português o Brigadeiro Wilson. Ambos discordam no «*juízo opinativo*». Champalimaud «*é francamente reservado*», Wilson declara que Gaspar Leite «*tem muito boas qualidades e faz*

telo. «Cópia do documento que o Visconde de Lindoso, actual (1906) administrador do Morgado de Britelo, possui em relação ao mesmo vínculo». Doc. n.º 69 da «*Delimitação da Fronteira Luso-Espanhola*», pelo Cor. José Baptista Barreiros, in «*O Distrito de Braga*», vol. III, 1965.

(206) C 1 S. Martinho de Britelo, Ponte da Barca, p. 58 — Arq. Dist. de Braga. Além da certidão de casamento, transcrevem-se as procurações e a licença para se celebrar a cerimónia. As testas foram: Francisco de Lemos e Seixas Castelo Branco, F. C. R. e Abade de S. Miguel das Aves, José do Vale Peixoto, nat. de G. es, Sarg.º Mor do Reg.º de Milícias da Barca, e Joaquim Soares, cap. de Ordenanças de Britelo. O assento também vem copiado no C 3 S. Pedro de Azurém (Arq. Mun. A. Pimenta).

(207) Doc. citado na nota 199.

delle todo o conceito por ser elle homem de bem (208). E a sua própria ao pedir ao Rei para ser reformado em Brigadeiro, cheio de desgosto «*ao ver desatendidos os serviços de tanto amor e athe degradado da primeira Linha a que V. Mag.de o havia elevado q.do o despachou para o Governo da Praça de Monção, em cuja consideração em Coronel de Linha foi sempre reconhecido e chamado por seus Superiores para conselhos e outros objectos exclusivos d'officiaes que não fossem de primeira Linha. O Supp.te Real Senhor, em todas as épocas servio sempre V. Mag.de com muita honra e sem a mais leve nota e fez despezas avultadas em sua casa ao serviço de V. Mag.de*» (209). Voz que não é escutada, «*porque mesmo o seu estado de saúde é tão precário, com Assidentes diários que sempre tem estado em sua casa e de muito tempo sem fazer algum serviço*» informa a 29-4-1824 o Governador das Armas do Minho, Visconde de S. João da Pesqueira, rematando com esta frase dura e pouco verdadeira: «*ou propriamente nunca fez serviço*» A 11-6-1824 é reformado em Coronel de Milicias (210).

Que se passa nestes anos? Há muito tinham regressado os exércitos das Campanhas da Guerra Peninsular. Havia paz. No Brasil nascia uma cidade, Nova Friburgo, fundada por um vimezanense. Em Lisboa instalaram-se as Cortes, festejara-se a Constituição, o regresso do Rei, o seu juramento. Em Guimarães matraqueavam os teares, preparavam-se couros em fabriquetas a ostentarem o título de Real. Entretiveram-se as gentes com funções religiosas, «máquinas» e touros. Ouvira-se o hino constitucional e as luminárias tremelicaram a comemorar o aniversário das Cortes. Houve teatros, copos d'água, cortejos. Todas as autoridades civis e religiosas tinham jurado a Constituição.

Em 1823, chega a Guimarães o General Champalimaud para passar revista ao Regimento 15. Dois dias de mascaradas, organizadas pelos estudantes, a cantarem o hino constitucional, acompanhados por um carro com o retrato d'el Rei D. João VI. Em Fevereiro chega a proclamação do Conde de Amarante a levantar o povo contra a Constituição; reage o administrador, fixa editais

(208) Doc. citado na nota 187 «que contém as informações semestrais dos officiaes do Estado Maior da Praça de Monção, abrangendo o período de 30.7.1813 a 1.1.1816 subscriptas curiosamente por dois officiaes encarregados do governo das Armas do Minho, o Brigadeiro Champalimaud e o Brigadeiro Wilson.»

(209) Nota 199.

(210) Id.

e manda reunir o Regimento de Milícias e aclama-se El Rei absoluto (211). Começa o movimento. Para Chaves, para combater Silveira, passam as companhias. Só setenta habitantes da vila é que apoiam as cortes numa mensagem. Não sai a procissão do Senhor da Cana Verde, erguem-se o retábulo e tribuna no Convento das Trinas, principia o recrutamento para a Guarda Nacional. Em Maio voltam os regimentos de Trás-os-Montes; o de Milícias é recebido com vivas e foguetes; uma ou outra coberta nas varandas, assinala a pouca alegria. Em Agosto, a mudança esperada, na vila entra o Visconde de Azenha; há 3 dias de corridas de touros. Em Setembro, ao toque dos sinos e girândolas de foguetes, queimam-se na Praça da Oliveira, entre o contentamento geral, o livro onde se jurara a Constituição e a ordem geral para a a jurar; aspa-se o auto. Em Outubro sabe-se do triunfo do realismo em Espanha, ilumina-se por três dias a vila, — ruas percorridas pelos frades e pelo povo a tocarem o hino realista. Da Baía chegam duas companhias do 15. Instala-se a aflição em alguns lares, naufragara o paquete Lisboa-Porto e havia vimaranenses entre os passageiros.

Em 1824 morre no Porto a viscondessa de Balsemão, poetisa, natural de Guimarães. Repicam as Igrejas pelo casamento do Príncipe do Brasil. Ilumina-se a Torre da Colegiada pela Restauração de Chaves. Constroi-se o novo polígono da Oliveira. Com colchas às janelas e flores pelas ruas, recebe-se o Príncipe de Hesse que se vai juntar à tropa realista. Aqui deixa o seu filho natural, o pintor Roquemont, o pincel a encharcar-se no colorido minhoto. E a pompa nunca vista dos festejos na capela dos Terceiros Fran-

(211) A 5.6.1823 «as autoridades Civis e Militares abaixo assignadas e as pessoas da principal Nobreza, Clero Regular, Secular e Povo e tão bem a Camara actual aclamam o Governo Monarchico absoluto na forma que era antes das instituições constitucionais». «Auto de aclamação de El-Rey absoluto que se acha a fls. 107 a 111 do livro das vereações da Camara Municipal (1822-25)». Cópia no arq. particular de D. Virgínia Adelaide Sampaio de Meyra Allen, que pertenceu a seu pai, o Dr. João de Meyra. Gaspar Leite é um dos que assinam o documento. Nesse dia correram-se as ruas aos vivas a El-Rei absoluto, à Rainha, ao Sereníssimo Infante Dom Miguel, ao Príncipe, à Santa Religião e a todos os fieis e honrados portugueses.

A 30.8.1820 tinham todos jurado «obediência à Junta Provisional do Governo Supremo do Reyno que se acaba de instaurar e que em nome d'el Rey Nosso Senhor Dom João VI nos ha de governar athe a Instalação das Cortes». L^o de Vereações da Camara (1818-22), cópia no mesmo Arquivo.

ciscanos, encomendados pelo marido da Joanhinha Pasteleira, nos anos d'el Rei D. João VI.

Na farda, do Coronel Gaspar Leite de Azevedo e Araújo uma medalha: a da Fidelidade, concedida por decreto de 10-12-1824⁽²¹²⁾ e criada em 1823, «para os que nas suas Provincias se anteciparão antes de receberem ordem alguma a proclamar os inauferíveis direitos da Real Coroa de V. Mag.de». Fôra dos primeiros. Mais nenhuma. Não recebe a «*decoração da Campanha da Guerra Peninsular para lhe ser feita a gratificação da Medalha da Torre e Espada*». Lê-se a informação de 7-7-1826: «*os serviços foram praticados no anno de 1808 o que não he contado para a referida decoração*»⁽²¹³⁾. Protesta Gaspar Leite contra a sua reforma em coronel. É de 19.6.1826 o parecer do Conselho de Guerra, assinado por José Cláudio Velho da Silveira: «*...parece ao conselho conformando-se com o informe do General do Minho e tendo em vista os serviços do Supp.te e o haver exemplos da mesma natureza que deve ser reformado em Brigadeiro de Milicias*»⁽²¹⁴⁾. Nunca o foi.

Morre Dom João VI. Morre o Rei que, nesta época tão agitada, amara, guiara e servira o Reino. Logo o fervilhar das ideias opostas estoura a separar Portugal em dois campos. Em Guimarães também se jura a nova Constituição. Em Setembro de 1826 já há muita desordem, prendem-se vários realistas. As Milícias e o Fidalgo do Toural festejam os anos de Dom Pedro IV, saúdam o Marquês de Angeja, o juramento em Viena feito pelo Infante Dom Miguel. No final do ano, apesar dos esponsais da Rainha com o Infante seu Tio, «para estabelecer a paz entre os portugueses», já há combates. Enche-se o hospital da Misericórdia de militares feridos. Ao romper por Salamonde o Marquês de Chaves, começam a debandar as poucas famílias constitucionais de Guimarães. Em fins de Janeiro aclama-se nas ruas da vila por Rei a Dom Miguel, soltam-se os realistas, prendem-se os da Constituição. No mês seguinte entra o Marquês de Angeja; a vila fecha-se nas suas rótulas a Câmara renega a Dom Miguel, são presos todos os que assinaram a aclamação. Estabelecem-se tréguas. A 7-9-827 «*morre o feitor da Casa do Cano José da Costa. É sepultado*

(212) Nota 199, doc. que se encontra na mesma caixa.

(213) Id.

(214) Id.

com toda a pompa e grandeza na Igreja dos Capuchos» (215). E na Casa do Salvador, começa a notar-se no dia a dia, Rosa, sua filha, para já uma das muitas protegidas da Casa. Casa que abraçou de corpo e alma a Causa de El-Rei Dom Miguel.

Casa que chora ao saber que em Alenquer, Dona Madalena Leocádia de Bourbon, daqui saída menina, entregara a alma a Deus, deixando filhos pequeninos, entregues aos cuidados do pai seu marido e primo, aos cuidados da avó, que com eles vivia. Ano e meio tem apenas João Peixoto da Silva Almeida Macedo e Carvalho, seu filho, sucessor da Casa. A 26-1-1828, na igreja de S. Francisco, em Guimarães, manda Gaspar Leite, Senhor do Salvador, ou Cano, celebrar as exéquias «por sua irmã falecida em Alenquer para onde tinha ido casar» (216).

Plantam os constitucionais um pinheiro no Largo da Oliveira; arrancam-no os miguelistas. Logo surgem muitos pinheirinhos postos pelos entusiastas de Dom Pedro. São imediatamente cortados. Assim continuam. Árvore a desaparecer numa noite; árvore plantada na noite seguinte. Infelizmente esta rixa no Largo da Senhora da Oliveira nada é; Portugal dividido em duas Pátrias já luta entre si. Constantemente passam os regimentos. Ouve o Tournal vivas a Dom Miguel, escuta as aclamações a Dom Pedro, conforme os avanços ou recuos das respectivas forças. Em Maio estão em festa, engalanadas, a Casa do Arco e outras casas miguelistas.

(215) «*Velharias Vimaraneses*», in «*Gil Vicente*», 3.º vol., n.ºs 9 e 10. José da Costa, feitor da Casa do Salvador, era f.º de Lourenço da Costa e de sua m.er Joana Francisca, m.ores no lugar das Aléns, freg.ª de S. Lourenço de Selho. X na freg.ª de S. Pedro de Azurém a 17.8.1776 c. Ana Luísa, nat. da mesma freg.ª, f.ª de Bento Fernandes e de sua m.er Susana Salgada. Tiv. muitos f.ºs e foram avós mat.s da 1.ª Marquesa de Lindoso.

(216) «*Velharias Vimaraneses*» in «*Gil Vicente*», 4.º vol., n.ºs 3 e 4. Embora não tivesse consultado os livros de Alenquer, vejo nas «*Últimas Gerações*» de José de Sousa Machado, 1.º vol. Cost. 78 Casa do Cano, que os f.ºs de D. Madalena Leocádia de Bourbon e de seu marido e primo Gonçalo Manuel Peixoto da Silva e Almeida Macedo e Carvalho foram: a) D. Leocádia * a 24.6.1813 em Triana, Alenquer, † m. b) D. Maria da Piedade n. 12.10.1814, † nova e solt.ª. c) João † m. d) D. Leonor Emília Peixoto da Silva e Bourbon, * a 14.5.1817. No «*Vimaranesense*» de 12.5.1891 vem o seu falecimento em Alenquer, sol.ª e D. Emília, † solt.ª. f) D. Madalena Carolina, n. a 7.8.1819 † 9.7.1866, x. c. António Joaquim de Barros Lima de Alpoim e Menezes s. g. g) D. Joana Guilhermina, n. a 4.4.1822 x c. João Baptista Rebelo Pereira, s. g. h) João Peixoto da Silva de Almeida Macedo e Carvalho, 1.º Visconde, 1.º Conde e 1.º Marquês de Lindoso (no texto), n. a 10.6.1825.

A 17 há sessão extraordinária na Câmara, pois chegara uma Carta Régia a convocar cortes dos 3 estados em Lisboa. Elegem-se os dois procuradores. Gaspar Leite de Azevedo e Araújo sai eleito com 44 votos. Não pode ir. O Dr. Manuel José do Souto Coelho e Oliveira lê o seu atestado médico: «*valetudinário da maior ponderação e melindre com perda de sentidos, e movimentos voluntários que o tornam incapaz do mais pequeno esforço*» (217). Em Junho a Câmara aclama Dom Pedro; prendem-se os seus contrários. Escaramuça-se em Santa Luzia. Ao entrar a exaltada tropa liberal na vila, levam a ferros os frades de S. Domingos; alguns são feridos pela soldadesca. A 27-6 dá-se o primeiro combate em Guimarães. A Guarda Nacional, o 18 e outros corpos envolvem-se com a guerrilha miguelista. De Santa Luzia ao Toural, noutros pontos, guerreia-se durante todo o dia. Há mortos. Socegam à noite. No dia seguinte os constitucionais incendeiam as cavalariças da Casa do Proposto que os atacara na véspera.

Em Julho chegam os realistas. Há muitas festas na vila. A 13-4-1828 andam pelas ruas aos vivas a El-Rei. Não param os foguetes e repiques. Num carro triunfal o retrato do Senhor Dom Miguel. — Viva El-Rei Dom Miguel! — Vivaa...! — Viva o Senhor Infante! Vivaa...! De repente o sibilar duma bala. «*A 18-4 falece na Misericórdia, de um tiro que lhe haviam dado, um rapaz filho do ex-servo dos Terceiros de S. Francisco, quando os realistas andavam na rua aos vivas ao Senhor Dom Miguel*» (218). O funeral é todo à custa do Senhor do Salvador, inspirador destes cortejos e outros sucessos, onde faz muitos gastos.

Há paradas, Te-Deums, correm-se touros no Largo da Misericórdia. Numeram-se as casas, e nas esquinas escrevem-se o nome das ruas. Riscam-se os constitucionais do número dos irmãos da Misericórdia, por andarem ausentes. Cercam-se as casas dos Padres envolvidos na Devassa Eclesiástica de Braga. A 14-10-1829 um Alvará Régio faz saber ao «*Ill.mo Gaspar Leite de Azevedo e Araújo que a Imperatriz e Rainha, atendendo ao digno, fiel e honrado comportamento que ele sempre tem tido com a Augusta Pessoa do Seu Muito Amado Filho, o Senhor Dom Miguel I e da justa causa da Nação, — concede-lhe, como pediu a graça de poder usar da Sua Imperial Real Efigie, em medalha de ouro, pendente da fita com as cores da Casa Real*» (219).

(217) «*Velharias Vimaranenses*» in «*Gil Vicente*», 4.º vol. n.ºs 7 e 8.

(218) Id.

(219) Id. 6.º vol., n.ºs 5 e 6.

Custoso é por vezes o abastecimento da vila de Guimarães. Só há 4 a 5 talhos de carne fresca, de vaca e boi. «Consumida a precisa para 8 conventos e outros recolhimentos e Santa Casa da Misericórdia, pouco ou nada resta para os outros habitantes»... A pedido de Gaspar Leite chega uma provisão d'el Rei Dom Miguel a autorizar «a pretendida liberdade de cada um vender carne fresca na sobredita vila...»⁽²²⁰⁾. Desde então as mesas bem fornecidas podem sem esforço apresentar, sobre os brancos linhos, entre os peixes, as aves, as diversas cobertas, vitela e lombo assados e guisados, a língua estofada, o perfume dos pratos quentes ao levantar das tampas⁽²²¹⁾. Cada vez mais junto a Gaspar Leite, Rosa Delfina, «sua familiar», filha de José da Costa, a aparecer em baptizados, madrinha sendo ele padrinho, com ele moradora «na sua quinta do Verdelho, ao Salvador», no Cano⁽²²²⁾.

(220) Id. 6.º vol., n.ºs 11 e 12. A provisão é de 5.6.1830.

(221) Sem se cair no exagero da época pombalina onde um decreto *reduz* as refeições dos oficiais de maior graduação a «uma coberta de vinte pratos sorteados de cozinha e outra coberta respectiva de doces», e as dos ajudantes de campo a «uma sopa, um prato de cozinha, outro de assado, outro de guisado e quatro pratos de sobremesa», in «*História de Portugal*», ed. Mon., dir. literária do Prof. Damião Peres, vol. VI, p. 239, podemos fazer ideia do muito que se comia ao relancear a vista pelas ementas do dia a dia, em data posterior às Guerras Liberais num caderno que temos. Ex.: «Jantar — Sopa de massa, Carne Guisada com Couve Flor e Cenouras, Arroz com Almondegas, Frango assado com Ervilhas, Vitela assada com Vagens de Salada, Doces de Ovos, Pudim de Chocolate e Frutas.» Outro jantar: — «Sopa de Pérolas, Peixe cosido com Batatas, Cenouras e Hortalças, Vitela Guisada com Ervilhas, Arroz de Cabrito assado, Língua de Fiambre com Ervas, Vitela assada com Batatas, Doces e fruta» E já agora mais outro: — «Sopa, Rolo de farinha triga com picado dentro, Linguados fritos em filetes acompanhados de Puré, Galinha cosida com Arroz, Mão de Vaca guisada, Vitela assada com Ervas.» Nesta não constam os doces.

(222) No N 4, Azurém de 1816 a 1825, há os assentos de baptizados de 5 Rosas e 9 Gaspares, afilhados de Gaspar Leite e de Rosa Delfina. Até 1822 «Gaspar Leite das Casas Novas» e «Rosa f.ª de José da Costa» ou «sua criada Rosa» e «Rosa Delfina» não assistem aos bap.s; passam procurações. A partir daí aparecem como «Gaspar Leite e sua criada Rosa Delfina da Costa, do lugar do Salvador». No N 13, da Oliveira, Gaspar Leite de Azevedo e Araujo e Rosa Delfina da Costa Pereira «familiar do padrinho» têm 3 afilhados: Gaspar, a p. 54 v.º, Rosa Delfina, a p. 100, e outro Gaspar, a p. 107. No N 14, da mesma freg.ª, o «ilustríssimo Gaspar Leite de Azevedo e Araújo, m.or na sua Casa do Cano ou Verdelho e Rosa Delfina da Costa Pereira, sol.ª, sua familiar» são padrinhos de António, p. 14, Gaspar, p. 17 v.º e de Rosa, p. 73. O 1.º e 3.º são sobrinhos maternos da madrinha.

Escondem-se os constitucionais; a Alçada principia o seu triste trabalho. Em fins de 1831 para a remonta da cavalaria da Guarda Real da Polícia da Cidade do Porto, vão treze cavalos de Guimarães, um deles oferecido pelo alcaide-mor de Lindoso (223). Encarna-se a luta. Ouve-se muita artilharia para os lados do Porto, entram na vila feridos dos vários combates. A 6-2-1833 Gaspar Leite de Azevedo e Araújo é nomeado Governador Militar de Guimarães (224). Ano dos grandes recrutamentos para o exército miguelista (225), dos aboletamentos, da cólera, da «maligna», das requisições a todos de seus cavalos e carros (226). A 20-5 uma alegria: sem séquito, sem aviso entra em Guimarães o Senhor Dom Miguel! O quadro pitoresco e já descrito, aparece também nestas páginas. «*A cavalo numa besta de albarda, trazendo chapéu desabado, uma veste de peles e um pau às costas*», o novo Chantre da Colegiada. Também montados: El Rei, dois titulares, dois criados de farda e «*um cavalaria*». Repiques, foguetes, correrias, cobertores, colchas, o que houvesse, a guarnecer as janelas. «*Entrou pela rua de Santa Luzia, passou pela rua de Mata-Diabos, e foi pela rua dos Mercadores à Senhora da Oliveira onde viu as coisas mais célebres daquela Colegiada, demorando-se pouco tempo na observação das mesmas. Da Sr.^a da Oliveira foi pela rua dos Açoiados (que ficou a ser e ainda é conhecida pela viela de D. Miguel) na qual a Maria da loja levantou um «viva ao meu reisinho»; seguiu pela rua de Santa Maria e Carmo aos quartéis, onde também se demorou pouco tempo, voltando outra vez pelo Carmo, rua de Santa Maria, Praça da Sr.^a da Oliveira, Sr.^a da Guia, Trás-*

(223) «*Velharias Vimaraneses*», in «*Gil Vicente*», VIII vol. n.º 5 e 6.

(224) «Foi nomeado governador militar desta vila o coronel reformado Gaspar Leite do Cano, sendo exonerado o seu antecessor Fortunato Cardoso, e mandado recolher ao seu corpo (não foi porque estava doente) isto por o Coronel efectivo Bernardo Correia vir com licença para se tratar», in «*Velharias Vimaraneses*», «*Gil Vicente*», vol. IX, n.º 5.

(225) Por todo o volume IX de «*Gil Vicente*» nas «*Velharias Vimaraneses*», durante o ano de 1833, podemos ver as constantes levas de homens para trabalharem nas trincheiras do exército miguelista. Prendiam-se aos 200, e lá iam, por vezes atados com cordas, para não fugirem, o que não raramente acontecia.

(226) «28.9.1833 — O corregedor interino e o governador militar Gaspar Leite de Azevedo, da Casa do Cano, ordenam que as corporações da vila e comarca, e pessoas particulares deem roupas, capotes, calças, mantas etc., para o exército realista indicando a cada um o que havia de dar». Os coches e cavalos já tinham sido requisitados. «*Velharias Vimaraneses*», in «*Gil Vicente*», IX vol. n.º 7 e 8.

-o-Muro, terreiro de S. Francisco, Praça do Toural, rua de Mata-Diabos, rua de Santa Luzia» (227), e a galope, outra vez pela Conceição, por Caneiros, dispara para Braga. E o povo, os fidalgos, os eclesiásticos, o Governador Militar, roucos, exaustos, de tanto entusiasmo, descansam das lides, da glória duma manhã, da passagem dum Rei que não sente a fadiga.

Se estivéssemos no Cerco do Porto teríamos visto o Senhor Dom Pedro, constantemente a inspeccionar as baterias da cidade, a animar os seus homens, um valente oficial entre os muitos. Sentiríamos a aflição de lá estar, meses e meses, com falta de víveres, cercados pelas trincheiras de Dom Miguel, bombardeados pelas suas peças. Nas frequentes sortidas teríamos visto ambos os campos juncados de mortos, de gemidos de feridos, de olhares de cavalos moribundos. (229). A infantaria com as pesadas espingardas de carregamento pela boca com fechos de pederneira, as espadas dos Dragões para as cargas de Cavalaria, as pistolas, os machados dos sapadores, o vomitar dos projectéis, as fardas azuis, as castanhas, a guerra violenta e encarniçada, Não vimos. Ficamos em Guimarães, a ouvir, a estremecer com «o vivissimo fogo de artilharia para as partes do Porto».

Guimarães, 8-9-1833. Formam alas 200 oficiais e sargentos com tochas acesas. No meio, reza a Comunidade de S. Domingos. Avançam lentamente. Depois, o caixão do Coronel Sardinha, a que pegam 1 brigadeiro e 5 coroneis (vai Gaspar Leite?). Atrás o General francês, conde de Almer, e todo o seu Estado Maior. Segue-se o cavalo do defunto, coberto com uma baeta preta, desferrado, para não quebrar o silêncio com o seu passo. Fecha o cortejo Infantaria 12, pois o 5 está para Barrosas, com todas as bandeiras enlutadas. Toca a banda marchas fúnebres. Vão devagar, entre o povo deslumbrado, assombrado com o enterro (229). Povo que, dias depois, a 17-10 vai jubiloso ver o Senhor Bispo de Pinhel, chegado de Braga para visitar, na Casa do Arco, a Senhora Condessa de Basto. Aproveita o Senhor Bispo esta visita para honrar as Freiras Capuchinhas, as Recolhidas do Anjo e Gaspar Leite (230) na sua Casa do Salvador. Continua o deslocar das tropas. A 14 de Novembro, «toma posse de governador militar desta vila o major

(227) Id., id., n.ºs 5 e 6.

(228) V. «Portugal Antigo e Moderno», Dicionário por Augusto Soares de Azevedo Pinho Leal, em — Porto —, 7.º vol., págs. 321 a 365.

(229) «Velharias Vimaraneses», in «Gil Vicente», IX vol. n.ºs 11 e 12.

(230) Id.

do exército Sousa Raivoso, natural de Fafe, sendo exonerado o seu antecessor, Gaspar Leite de Azevedo, do Cano» (231).

Em Alenquer, onde vive com seus netos e seu filho mais novo Gonçalo Peixoto, morre Dona Leocádia Semeana de Bourbon. Em Guimarães, na Igreja de S. Francisco, a 24-1-1834, manda seu filho primogénito Gaspar Leite, celebrar pomposas exéquias. «Foram feitas com toda a grandeza tendo boa armação e música, excedendo a tudo a eloquente oração recitada por frei Jerónimo de Santa Teresa de Jesus Basto franciscano, irmão do médico Basto» (232). Inclina-se a vitória para os liberais. A 23-2 «são avisados pelas autoridades militares de Guimarães todos os oficiais reformados de 1.^a e 2.^a linha para se apresentarem em Braga ao General da Província para serem empregados em alguns corpos. Foram avisados alguns de 90 anos». Dias depois «passam-se ordens para se embargarem todos os cavalos e éguas tanto de marca como sem ela, para irem para Braga para se formar uma guerrilha realista a cavalo» (233). A 27-3-1834 começa a entrar a tropa liberal na vila; os soldados saqueiam o convento de S. Domingos. Quase toda a nobreza e as autoridades retiram de Guimarães. O Barão de Vila Pouca aclama Rainha a Senhora Dona Maria II. Fecha-se a Casa do Salvador. Em Maio é a convenção de Évora-Monte. Começa o calvário dos miguelistas. Para muitos, o Portugal verdadeiro, o dos seus avós, o que gostariam que fosse de seus filhos, entra na agonia. (234).

Domingo, 10-5-1846. — Fechem as portas! Aproximam-se as Guerrilhas!». Lamparinas acesas, orações nos lábios, trancam-se depressa as portas e janelas. Parte da tropa defende as entradas

(231) Id.

(232) Id., X Vol. n.ºs 1 e 2.

(233) Id.

(234) 1836-46: — Proclamada a Constituição de 1820 (Setembrismo) há desordens em Guimarães, alguns miguelistas são presos. Estala mais uma vez a Guerra Civil, combatem por todo o país os setembristas (mijados) e os cartistas (chamorros) fiéis à Rainha e à Carta. Na vila, embora sem autoridades, há calma. Nas freguesias há tumultos por o povo achar os párcos muito «progressistas», e ir contra a lei a proibir os enterros nas Igrejas. Em 1838 fazem-se eleições. Ganham os cartistas, mas a urna é roubada e queimada pelos setembristas. Em 1839 é estabelecido o correio entre Guimarães e Braga. Nesse ano há uma aproximação entre os setembristas, chefiados pelo Barão de Almargem, e os miguelistas, do Visconde de Azenha, incendeiam por «acinte» o teatro do Barão de Vila Pouca (cartista). Espalham-se os conflitos e desordens. É assassinada a sobrinha do Barão do Costeado (setembrista). Em 1845 os cartistas abando-

da vila, a outra está nos quartéis e em S. Sebastião. Posta-se a cavalaria, atrás do Tanque. Esperam a entrada dos guerrilheiros para melhor os dizimar pelas ruas. Mas não entram os bandos armados: fazem fogo dos montes de S. Pedro, da Conceição, dos lados do Cano. Só aí é que se aproximam. Da Casa do Salvador dispara-se contra a tropa. — «Arrombem-na! Desfaçam-na!» — Aos palavrões, entra a soldadesca na casa de Gaspar Leite. Nada encontram, não está lá ninguém! ⁽²³⁵⁾.

No fim do ano entra Mac-Donell em Guimarães e aclama D. Miguel! Em Braga forma-se a Junta Miguelista. — Que foi? Que grande desgraça! Chacinadas em Braga pelas forças cartistas, comandadas pelo Barão de Casal, as de Mac-Donell que daqui saíram. E agora, e agora? Entra Casal, pela Rainha e a Carta, em Guimarães, mas em princípios de 1847 já os miguelistas estabelecem o seu governo na vila. Retiram em Fevereiro. Aliam-se alguns aos patuleias da Junta do Porto. Generais duma e doutra facção, combates, lutas entre os setembristas, cartistas e guerrilhas. Governam agora os primeiros. Chega o exército espanhol a favor da Rainha. Vencem os Voluntários da Rainha, recuam os patuleias. — «Que todos entreguem as armas! Não há mais luta! Serão presos os que as guardarem». Com 1848 vem finalmente a paz. A suas casas regressam muitos miguelistas. Entre eles, volta Gaspar Leite, Alcaide-Mor do Lindoso, Senhor do Salvador, ausente desde 1834 ⁽²³⁶⁾. Fiel às suas convicções não assiste aos festejos da visita dessa admirável Rainha — desde menina sacrificada — Dona Maria II, não toma parte no regozijo da elevação de Guimarães a cidade, vive retirado.

nam as eleições. No poder, os setembristas fazem planos para abrir estradas. Em 1846 aos gritos «— Tributos abaixo! Nada de estradas!» — subleva-se a freguesia de Balazar, logo seguida por Sande, Caldeias (Tais), S. João de Ponte, Fermentões. Consta haver levantamentos em Ronfe e Brito, tocam a rebate em Silvares e Creixomil. Começa a Revolução do Minho, a Maria da Fonte. De todas as bandas chegam homens e mulheres aos vivas à Rainha, morras aos Cabrais, abaixo os tributos e estradas! A 15 de Abril já há tiroteio entre o povo e a tropa; a 16 há um recontro, com baixas, no Largo de Santa Clara. Começara com foices, paus, velhas espingardas. Estende-se nos tiroteios, nos tumultos, nos aboletamentos!

⁽²³⁵⁾ «Velharias Vimaraneses», in *Gil Vicente*, X vol.

⁽²³⁶⁾ «20.10.1848. — Recolhe-se a sua Casa do Cano Gaspar Leite de Azevedo que se tinha retirado desta (vila) para a dos Arcos em 1834 quando foi restaurada a Rainha e a Carta Constitucional». «*Velharias Vimaraneses*» in «*Gil Vicente*», vol. XXIV, n.ºs 1 a 12.

«Estando perigosamente enfermo Gaspar Leite de Azevedo e Araújo, a 10-7-1852, recebe por sua legítima mulher a sua doméstica Rosa Delfina da Costa Pereira» (237). São testemunhas o coadjutor de S. Pedro de Azurém, o cirurgião assistente, António Joaquim Pinheiro de Miranda, e o boticário, Raimundo Álvares Torres. Revive. «Revalidado o matrimónio são abençoados a 18 de Agosto». Poucos anos depois está de luto a Casa do Salvador. D. Rosa Delfina Leite de Azevedo aí entrega a alma a Deus a 7-2-1855; é sepultada nos Capuchos «na campa da familia de seu marido Gaspar Leite de Azevedo Araújo» (238). A 12-9 do mesmo ano morre o viúvo, Alcaide-Mor de Lindoso (239). No Arquivo Histórico Militar, na caixa 868, «há um officio do Marechal Duque de Saldanha, Comandante em Chefe do Exército, Secretário de Estado dos Negócios da Guerra, de 25-9, a comunicar o seu falecimento, a 12, em Guimarães (240), sendo Coronel de Milicias, reformado. Repousa, na Igreja de S. Francisco, numa das sepulturas dos da Rua Escura, a segunda (241), na capela do Senhor Jesus frente ao altar de Santa Ana. Seu universal herdeiro é o seu único sobrinho varão, o filho de sua irmã Dona Madalena de Bourbon, Dom João Peixoto da Silva de Almeida Macedo e Carvalho,

(237) C 3 Azurém. Arq. Mun. A. Pimenta.

(238) Ob. Azurém.

(239) Id.

(240) Arq. Histórico Militar.

(241) Lê-se em «O Setembrismo em Guimarães — Extratos dos livros das sepulturas de várias igrejas», manuscrito do arq. particular de D. Virginia Adelaide Sampaio de Meyra Allen (nota 211): «Sepulturas da Rua Escura — 2.^a que fica no meio da capella do sr. Jesus. Ocupou-se esta sepultura com o corpo de N. C. I. o Ex.^{mo} Gaspar Leite de Azevedo e Araújo, em 12.9.1855». — «Sepulturas da Rua Escura — Nesta Igreja (S. Francisco de Guimarães) ao sahir da sacristhia fica por cima do cruzeiro a capella do Sr. Jesus e Altar da Snr.^a Sant'Anna que he da Casa da Rua Escura e tem três sepulturas os mesmos senhores que nella se teem enterrado. Duas são grandes e hua mais pequena: todas três rasas e sem paredes e só cobertas com sua pedra inteira com suas armas já bem gastas. Se alguém daquela casa quizesse enterrar, o P.^e Sacristão fará aqui neste livro seu assento do dia mez e anno e em qual das sepulturas fica jazendo p.^a não andar quebrando e bulindo as campas athe acertar».

Hoje não há vestígios de Armas; nas paredes da Capela, dentro dum arco, encontra-se um túmulo de granito, sem tampa.

recém-casado com D. Rosa Leocádia da Costa Alves Ribeiro⁽²⁴²⁾, sobrinha de D. Rosa Delfina e afilhada de ambos os tios.

Numa mesa comprida, sólida, de castanho, abrimos um a um os livros que nos falam da ascendência paterna de D. João Peixoto, dos muitos morgadios que representa. Livros grandes, pesados, páginas iluminadas com delicadeza. Edições modernas, trabalhos de pesquisa. Nobiliários, dicionários, livros raros, belas encadernações. Manuscritos, quantos? Alguns com as folhas descosidas, noutros a caligrafia a correr, nítida, com elegância. Folheamos, lemos. Abertos para a consulta, entre os apontamentos, os papelinhos, a desordem: páginas a ler, a verificar. O português belo e cru dos primeiros tempos da monarquia, a soar como música fresca. Naqueles, já está rebuscado, cheio de vénias e cortesias, o de oitocentos. Ali, condensado na fala actual. Na mesa comprida, sólida, de castanho, a língua portuguesa, viva, a acompanhar os séculos, a falar duma gente, dos seus feitos e bens.

Qual é a varonia de Dom João Peixoto? É Meireles, de Nuno de Meireles, a quem o Gayo faz filho de João Rodrigues de Chacim «*q dizem ser Sr. de Chacim foi sr. da q.t^a de Meireles na Provincia de Tras-os-Montes donde tomarão os apelidos os seus descendentes*

(242) C Azurém, Cons. de Registo Civil de Guimarães. D. Rosa Leocádia, senhora de rara beleza como se vê num quadro na Casa do Salvador, * no lugar de Travassos, Rua do Cano, freg.^a da Oliv.^a, a 9.12.1830, f.^a de Francisco Alves Ribeiro e sua m.er Joana Margarida da Costa (rec. em Azurém a 19.2.1821, C 3 Azurém), foi Bap. em S. Miguel do Castelo e foram seus pad.os o «Ilm^o Gaspar Leite de Azevedo e Araujo e sua familiar Rosa Delfina, tia mat. da Bap. e com o padrinho moradora na sua Casa e Quinta de Verdelho», p. 89 do N 14 da freg.^a da Oliv.^a, — Arq. Mun. A. Pimenta.

Seu Pai, Francisco Alves Ribeiro Guimarães, era nat. da freg.^a de S. Paio, † na Rua das Oliveiras da Santa Cruz, lugar de Travassos, a 27.12.1843 (Ob. 5 Oliv.^a, Arq. Mun. A. Pimenta) e fez testamento que se encontra a fl. 179 do L^o 9 do Registo dos Testamentos no mesmo Arq. Possuía o Domínio Util do Prazo de casas, campos e pertenças da Seara, freg.^a da Oliv.^a, foreiro ao Dom Prior com seu Privilégio e o foro annual de seis mil reis que se lhe pagava por uma propriedade «na freg.^a de S. João de Airão ou Leitões». Era irmão das Irmandades de Castro d'Aire, Almas, St.^a Eulália de Fermentões e Nossa Senhora da Penha da França. Ao fazer o seu testamento (14.7.1839) tinha cinco f.os: Francisco e Domingos ausentes no Brasil (cujos embarques tinham cada um excedido os 60\$000), Gaspar, António e Rosa. As «*Ephemerides*» registam o seu falecimento: «27.12.1843 Morreu no Cano Francisco Alves, cunhado da Rosa do Cano, e parente dos Castros. Morreu de uma apoplexia» (P. L.), in «*Velharias Vimaraneses*», «*Gil Vicente*», vol. XIX,

tes» (243)? Omite-o o Conde Dom Pedro no seu «*Nobiliário*», só dando a Rui Nunes Chacim, pai, no dizer de Gayo, de João Rodrigues, dois filhos: uma senhora «*baregãa del-Rei Dom Deniz e depois casada*», um varão «*morto em Riba Douro sobre Miranda a par de hus moinhos, hu andava em companhia de D. Álvaro Nunes de Lara e ia em partimento duma peleja*». Rui Nunes foi filho de D. Nuno Martins de Chacim «*homem muito honrado, privado del Rey Dom Deniz e seu Adiantado entre Douro e Minho e em a Beira*», casado 3.^a vez com «*D. Maria Gomes de Briteyros que tinha sido Freira em Arouca*», e neto paterno de Dom Martim Paes de Chacim (244).

Oriundo dos Chacins, também na opinião da «*Pedatura*» (245), Nuno Meireles teve a Fernão Nunes de Meireles, Letrado, Cavaleiro de Cristo, morador em Guimarães, casado com Maria Rebelo, filha de João Álvares Rebelo, apresentador da igreja de Golães. Foram estes os pais de Diogo Rebelo de Meireles, marido de D. Leonor de Carvalho, dos de Abadim, filha do Patagana (246). Deste casamento nasceu Fernão Rebelo de Carvalho, Escudeiro Fidalgo, marido de D. Ana de Almeida, herdeira do Morgadio dos Almeidas, da Rua Escura, cuja cabeça é a quinta de Pinheiro, na freguesia de Salvador de Pinheiro, concelho de Guimarães, anexada à Capela de Jesus, do convento de S. Francisco.

Abrimos o «*Itenerario de noticias e demonstração de clare-*

n.^{os} 11 e 12 onde se acrescenta: «A Rosa do Cano veio a ser Marquesa de Lindoso». Isto como sabemos é engano pois a Rosa do Cano foi mulher de Gaspar Leite, Alcaide Mor de Lindoso, e Marquesa de Lindoso foi sua sobrinha D. Rosa Leocádia, f.^a de Francisco Alves.

Sua mãe Joana Margarida da Costa, n. no lugar de Azurém, a 24.1.1792 (N 3 Azurém), f.^a de José da Costa e de sua m.er Ana Luísa, v. nota 215.

(243) «*Nobiliário das Famílias de Portugal*», de Felgueiras Gayo, vol. XVIII, Meireles, & 1.^o, N 4.

(244) «*Nobiliário de D. Pedro Conde de Barcelos*», ordenado e ilustrado com notas e índices por Juan Bautista Lavaná, MDCXL. Chacins, título XXX-VIII, p. 209.

(245) «*Pedatura Lusitana*», de Christovão Alão de Moraes, Tomo I, II parte, p. 69 e Tomo IV, 1.^a parte, p. 122, Meireles e Rebelo-Meireles.

(246) F.^a de Gonçalo Dias Patagana, Copeiro-Mor do Duque de Bragança e de sua m.er Brites Lopes de Carvalho, Herd.^a, e neta mat. de Lopo Sanches e m.er D. Leonor Afonso de Carvalho. Era também sobrinha materna do Dr. Diogo Lopes de Carvalho, inst. do Morgadio de Abadim e Negrelos, e meia irmã de D. Maria Nunes de Carvalho, v nota 56.

sas», manuscrito visto pelo Abade de Tagilde (247). Copiamos de suas folhas a origem deste morgadio representado por Dom João Peixoto. João Martins, Anadel-Mor de Besteiros, embarcou com seu irmão Fernão Martins, numa nau armada fretada à sua custa, na jornada a Azamor. Por escritura feita em Lisboa a 15-8-1513 institui o morgado de Pinheiro. A cabeça é na sua quinta do mesmo nome, em Salvador de Pinheiro; anexa-lhe a capela de Jesus no convento de S. Francisco de Guimarães, com obrigação de uma missa rezada todas as sextas-feiras. Será sempre a sucessão na linha primogénita, a excluir clérigo, frade ou freira. Faz testamento a 26-7-1525, ordena mais missas e, pagas estas, manda os futuros morgados empregarem no vínculo, os rendimentos do primeiro ano da sua administração. Sua mulher, Violante Lopes de Almeida, descendente, segundo os nobiliários (248), de Paio Guterres, o Almeidão, que no tempo de Dom Afonso II, o Gordo, toma aos Mouros o Castelo de Almeida de Riba Coa, incorpora algumas propriedades ao Morgadio, legando-lhe mais missas e obrigações (249).

Sucede-lhes seu filho Fernão Martins de Almeida, casado com Catarina Barbosa, dos Morgados de Aborim (250). Na manda

(247) Este L.^o manuscrito, foi feito entre 27.9.1706 e 25.8.1707 por João Peixoto da Silva Almeida Macedo e Carvalho. Leu-o o Abade de Tagilde em 1884 no Arquivo da Casa do Salvador, e dele tirou notas para o seu estudo do Morg.^o dos Almeidas, in «*Guimarães Apontamentos para a sua história (concelho)*», freg.^a de O Salvador de Pinheiro.

(248) No *Gayo*, Almeidas & 48 dá-se a Violante de Almeida como bastarda de Diogo Fernandes de Almeida, Suc., Vedor da Fazenda dos Reis D. João I, D. Duarte e D. Afonso V, Rico Homem, Reposteiro-Mor de D. Duarte, armado Cavaleiro em Ceuta. No & 14 N 13 lê-se que é f.^a de D. Diogo Fernandes de Almeida e sua m.^{er} Leonor Fernandes Farta. Ambos estes Diogos descendiam, segundo a mesma fonte, de Paio Guterres.

(249) Deixou diferentes propriedades para incorporar ao morgadio, com obrigação de Missa diária e 3 cantadas «em dia de Janeiro, dia de Todos os Santos e em um dia de Nossa Senhora», todas na Capela do Sr. Jesus, e no fim delas um responso sobre a sua sepultura e outro responso em dia de S. Francisco. In «*Guimarães, Apontamentos para a sua história*», nota 246.

(250) F.^a de Álvaro Barbosa, sr. do Paço de Aborim, e de sua m.^{er} Maria Gonçalves Maciel, que vincularam a Casa para evitar partilhas; net. pat. de Fernão Gonçalves Barbosa que seguiu o Infante em Alfaro-beira, v. *Gayo*, Tomo V, Barbosas, & 1, Catarina Barbosa, ao enviivar, passou a 2.^{as} núpcias c. Pedro Machado de Miranda, c. g., v. o meu «*Eugénia da Cunha Peixoto ou o Morgado do Parto Suposto*», texto e quadro genealógico.

comum, de 11-7-1558, acrescentam mais duas missas cantadas na Páscoa e outra no Natal à capela do Anadel. São pais de Dona Ana de Almeida, herdeira, mulher de Fernão Rebelo de Carvalho. O primeiro filho destes? Chama-se Gaspar Rebelo de Carvalho. Além dele, têm duas senhoras: Dona Isabel de Carvalho, avó dos senhores de Sezim, para onde casa, e Dona Leonor de Carvalho, freira professa em S. Francisco de Vale de Pereiras⁽²⁵¹⁾. Nos livros de linhagem surge mais um: Gregório Rebelo, seguido do desolador «sem mais noticia», a não dar saída, a deixar a dúvida. Gaspar Rebelo de Carvalho herda o Morgadio; casa com Dona Ana Machado de Almeida, oriunda do Solar dos Machados de S. Clemente de Sande⁽²⁵²⁾; em sua geração segue o Morgado de Pinheiro. Faz-lhe Dona Ana muitas doações, incluindo a casa da Rua Escura, em Guimarães, onde vive com seu marido.

Seis filhas têm Gaspar Rebelo e sua mulher. Casam a mais velha, Dona Catarina, para Braga, na Casa do Real. Recolhem três, D. Guiomar, Dona Maria e Dona Antónia, ao convento de Vairão. Baptizam na Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, a 5-10-1591 e 26-2-1594, as duas mais novas: Dona Jerónima e Dona Margarida.⁽²⁵³⁾ Restam os dois filhos: Fernão Rebelo de Almeida e Manuel Machado de Miranda.

O mais novo, Manuel Machado de Miranda «grandes serviços no Reino e fora delle nas conquistas»⁽²⁵⁴⁾, rapta da casa de

(251) «Doação q faz a Sr.^a Isabel Carvalho ao Sr. Coneguo Fr.^{co} de Freitas», a 5.12.1597. L.^o de notas (10-1-53), Arq. Mun. A. Pimenta. Na Rua Escura, pousadas da Sr.^a Isabel de Carvalho, dona viúva de Fernão de Freitas do Amaral, diz ela que tem a legítima que lhe ficara de seus Pais Snr. Fernão Rebelo de Carvalho e Sr.^a Ana de Almeida e a legítima que coube a sua Irmã Sr.^a Leonor de Carvalho, freira em S. Francisco do Val de Pereiras. Dessas legítimas faz doação a seu f.^o o Cónego Francisco de Freitas.

(252) F.^a de António Machado Vilas Boas, sr. do Solar de S. Clemente de Sande, e de sua m.er D. Madalena Vasques da Maya, neta pat. de Diogo Machado da Maya, sr. do mesmo solar, e de sua m.er D. Guiomar Vieira, dos Vieiras de Guimarães, e neta mat. de António Ferreira da Maya e de sua m.er D. Isabel de Miranda Peixoto. V. «Eugénia da Cunha Peixoto», nota 9. Ana Machado, em seu testamento de 16.6.1631, deixa todos os seus bens, incluindo a casa da Rua Escura «para formarem vínculo com o do Pinheiro com obrigação dos antecedentes», nota 247.

(253) M 1 Oliv.^a, Arq. Mun. A. Pimenta.

(254) L.^o citado na nota 46. Juntamente com sua m.er, Manuel Machado de Miranda, a 12.4.1621, «instituiu vínculo, por doação feita a seu irmão Fernão Rebelo de Almeida» com obrigação de 5 Missas rezadas e 1 cantada na Capela do Senhor Jesus, nota 247.

seus pais, a do Arco, na rua de Santa Maria, Dona Jerónima Ferreira de Eça, herdeira do Morgado de Cavaleiros. Fogem para a Galiza. Em 1605 chega a Alçada a Guimarães. Manuel Machado de Miranda «*he degollado em estatua*». Algumas pessoas são presas «*por ajudarem a fuga*», entre elas sua mãe, Dona Ana Machado de Miranda. Imaginemos um quarto, grande pé direito, paredes de pedra, graves aias a entrarem e saírem, oratório todo alumiado. Num estrado, sentada num coxim, a viúva de Gaspar Rebelo. «*Prestam-lhe homenagem*»; tiram-a⁽²⁵⁵⁾. Encarcerada na casa da Rua Escura fica até «*tudo socegar*». Da Galiza, voltam a

(255) «1.1.1607 Cosme Machado de Miranda, thio de Dionisio do Amaral de Barbosa, capitão duma das companhias de infantaria da villa, preso na correição e o casteo destelhado, (sic) e tinha sido dada homenagem em sua casa a Ana Machado também a pedia e foi mandado justificar a nobreza e o fez em 1606. Era auctor na questão porque estava presa D. Brites. Estava preso por causa de morte. Já tinha estado preso por crimes mais vezes. D. Brites Pereira era f^a legitima de Manoel Pereira, fidalgo e foi casada com Estevão Ferreira de Eça.

Cosme, preso em Ponte de Lima pela morte de Miguel de Miranda, Chantre de Braga em que os inimigos o envolveram, mas foi livre. Ele não deu auxilio aos delinquentes, e Ana Machado, dona viuva de Gaspar Rebelo de Carvalho, presa pelo mesmo, teve homenagem. Era caso de rapto de D. Jerónima Ferreira de Eça a quem ele deu ajuda e favor e furto de 6 a 7 mil crusados que com ella levaram (N. B. Este trecho tem duas entrelinhas sem os signaes de encaixe mas parece-me estar bem com fica escripto).

Provou Cosme ser f^o legitimo de Gonçalo Machado de Miranda e Leonor Barbosa, já defuntos, Gonçalo Machado, f^o leg^o de Fernão Machado e Inês de Miranda. Leonor Barbosa era f^a de Alvaro Barbosa e de Maria havida de legitimo matrimónio. Os delinquentes eram filhos de Ana Machado. Negada a homenagem a 2.1.1607, foi condemnado em um ano de degredo para além dos lugares de além, pela Alçada. Permitido a cumprir em sua casa donde não sahira e intimada esta concessão em 4.1.1607» — Do cartório do Barão do Pombeiro. Copiada integralmente nas «*Ephemerides*», de João Lopes de Faria, dia 4 de Janeiro, onde está transcrita.

Dionísio do Amaral († 1695) teve duas bisavós, primas co-irmãs de Cosme Machado. Este, que foi sr. da Casa da Mogada, em S. Clemente de Sande, vem no meu «*Eugénia da Cunha Peixota ou o Morgado do Parto Suposto*». Pela leitura do doc. julgo poder deduzir que Cosme Machado e Ana Machado (f^o e nora de duas das suas primas co-irmãs), mãe do raptor de D. Jerónima Ferreira de Eça, foram condenados a prisão como cúmplices no rapto. Quanto a D. Brites Pereira, mãe da raptada, também presa, segundo o confuso doc., não terá sido antes a autora da questão?

Guimarães, já casados e com um menino nos braços, os novos senhores de Cavaleiros⁽²⁵⁶⁾.

Fernão Rebelo de Almeida, o primogénito de Gaspar Rebelo de Carvalho e de Dona Ana Machado, casa com Dona Guiomar da Silva Peixoto, herdeira de grande casa, filha de Manuel Peixoto da Silva, senhor de Penafiel, suas terras e reguengos, da Honra de Canelas, da Casa da Calçada, Chefe do nome das armas dos Peixotos, Adail-Mor do Reino, e de sua mulher Dona Isabel de Macedo, irmã dos Senhores dos Macedos e Carvalhos, em ALENQUER. Com seus avós, seus senhorios e representações podemos iluminar um pergaminho, brasões coloridos da nobreza de antanho. Faltam-nos as tintas, a mão certa. Voltamos aos livros, a ensinar-nos, a refrescar-nos a memória, aí na pesada mesa de castanho.

Melhor será não ler as anotações de Álvaro Ferreira de Vera ao «*Nobiliário do Conde D. Pedro*» e todos os que o copiaram, misturando a origem dos Peixotos com a dos Portacarreiros. Ficamos com o moderno «*Peixotos-subsídios para a sua Genealogia*»⁽²⁵⁷⁾, a provar, minuciosamente, estarem certos o «*Livro das Linhagens do Conde D. Pedro*» e o «*Livro Velho 3*», ao começarem esta família — a dos Peixotos, em Gomes Peixoto, o Velho. Foi seu primogénito Gonçalo Gomes Peixoto, rico-homem, senhor de Pardelhas, perto de Fafe, casado com uma filha de Dona Urraca Nunes Manteiga, possuidora de muitas terras em Guimarães. Logo, nos «*Peixotos*», a representação é abandonada, para seguir outras linhas. O mesmo fiz nas minhas «*Velhas Casas V*», ao falar dos Peixotos de Pousada⁽²⁵⁸⁾.

Abertos estão o «*Gaio*», a «*Monarchia Lusitana*», as «*De-*

(256) Era Gregório Ferreira de Eça, sr. de Cavaleiros, Capitão-Mor de Guimarães e Gov. da Comarca, x c. g. Os outros f.os, todos nascidos em Guimarães, na Casa do Arco, foram: João Machado de Eça, que se distinguiu na fronteira do Alentejo, na Guerra da Aclamação, x c. g.; Estevão Ferreira de Eça, Abade de Cosourado; Gaspar † m.; Fernão Rebelo de Carvalho, † em Goa numa batalha naval; Francisco Machado de Miranda, Capitão das Naus da Índia, † na Barra de Goa na Guerra contra os holandezes; Gualter Machado, da O. de S. João de Rodes (O. de Malta), † em Malta «a pellejar contra os turcos»; Frei Martim Pereira de Eça, da O. de S. João de Rodes, Visitador da mesma O., Capitão de Couraças «com muita glória»; Gov. do Priorado do Crato, e várias senhoras, Freiras em Vairão.

(257) «*Peixotos Subsídios para a sua genealogia*», de Vaz-Osório da Nobrega, págs. 11 a 20.

(258) «*Velhas Casas (V), Casa de Pousada*», da minha autoria, págs. 1 a 5.

cadás», muitos outros. É já João Vasques Peixoto, neto de Gonçalo Gomes Peixoto, seu sucessor e «*bom cavaleiro*». Segue-se-lhe seu filho Gonçalo Anes Peixoto, em Aljubarrota pelo Mestre de Aviz, e seu neto Diogo Gonçalves Peixoto, Alcaide-Mor de Miranda, a defendê-la de muitos cercos, a receber em recompensa as terras da Maia e Travassos, confiscadas a Gil Vaz da Cunha que seguira as partes de Castela. Depois o bisneto, Diogo Gonçalves Peixoto como seu pai, a trocar com El-Rei as terras da Maia, devolvidas a seu primeiro senhor, pelo concelho e julgado de Penafiel e terras de Arrifana de Sousa. A casa a continuar em seu filho João Peixoto, o da Calçada, Mordomo Mor em 1475, bens confiscados em Alfarrobeira, Vedor de D. João II. Terceiro Donatário das terras e Reguengos de Penafiel de Souza e dos direitos reais dela, a honra de Canelas e Casas de Melres. Padroeiro de muitas igrejas é seu primogénito Duarte Peixoto da Silva, Vedor da Casa d'el Rei, duas vezes casado.

A sua primeira mulher é Dona Joana de Mello, Dama da Rainha Dona Leonor. Deste casamento nasce Lopo Peixoto, sucessor, casado com Dona Ambrósia Loureiro. Folhear a «*Vida do Famoso Heróe Luis de Loureiro*»⁽²⁵⁹⁾, pai desta senhora, Adail-Mor do Reino, é ir a Cafim, Arzila, Mazagão e Tanger, é reviver as glórias portuguesas nestas praças de África. Lopo Peixoto e D. Ambrósia Loureiro só têm uma filha, Dona Joana de Mello, herdeira de toda a Casa de seus Pais, mulher de Dom Álvaro de Castro. Não deixam geração. Vamos então aos filhos do segundo casamento do avô com Dona Isabel da Silva, bisneta do Senhor Dom Fernando, Senhor de Eça⁽²⁶⁰⁾. Abrimos com alegria, tão bela é a edição, o volume XI da «*História Genealógica da Casa Real*». Logo encontramos a Pedro Peixoto da Silva, filho de Duarte Peixoto e de Dona Isabel da Silva, grande soldado, capitão em África, na Ásia, e na América, general das Galés, cativo em Alcácer-Quibir «*e vindo do cativo fez taes servissos q el Rey Felipe lhe fêz mercè das Terras e Caza de Penafiel e por morte de sua so-*

(259) «*Vida do Famoso Heróe Luiz de Loureiro*», por Lourenço Anastasio Mexia Galvão.

(260) «*História Genealógica da Casa Real*», de D. António Caetano de Sousa, Tomo XI, Livro XIII, Cap. XV. D. Isabel da Silva era f^a de Duarte de Azevedo, sr. do Morg. dos Olivais e de sua m.er D. Maria da Silva; neta pat. de João Rodrigues de Azevedo, sr. do mesmo morg., e de sua m.er D. Branca de Eça (f^a de D. Fernando, senhor de Eça (Cap. III), e da sua m.er D. Maria Teles de Menezes) e mat. de Pedro da Silva e de sua m.er D. Isabel Paes.

brinha D. Joana lhe deu toda a Caza e cargo de Adail-Mor» (261). Casa-se com sua prima Dona Guiomar de Eça, filha de seu primo co-irmão Dom Duarte de Eça. Ficamos então, por longos momentos com a «*História Genealógica*» (262), a mostrar a sua ascendência, a relatar a sua sucessão.

Pedro Peixoto da Silva e Dona Guiomar de Eça são pais de Manuel Peixoto da Silva, sucessor, «*que estava servindo na Flandres ao tempo da feliz aclamação do Sr. D. João 4.º*» (263). Tudo larga! «*Oferece-se a seu Rei*»; Mestre de Campo em Trás-os-Montes «*sosteve o pezo da campanha sem ter tropa paga a seu serviço*»; recolhe-se depois a Guimarães onde falece, viúvo de Dona Isabel de Macedo. São seus filhos Dona Guiomar da Silva Peixoto e Pedro Peixoto, como seu avô, morto sem sucessão. Não é só pelo pai que Dona Guiomar da Silva Peixoto herdou uma nobre Casa. Pelo lado da mãe recebeu também muitos vínculos, todos nela recaindo por morte dos tios maternos. O dos Carvalhos, em Alenquer, instituído por seu bisavô João Gomes «*q. se ignora de q.m era fº foi para a India donde veyo m.tº rico e dizem tivera em hua Turca mtº formosa*, a António Gomes de Carvalho, Padroeiro do Convento de Nossa Senhora da Conceição em Alenquer, casado com Dona Briolanja de Macedo, Senhora dos Morgados e Herdades da Igreja, Montinho e Macedos de Évora e Alenquer (264), avós de Dona Guiomar.

Procuremos nos livros a Alenquer; brancas casas a galgarem

(261) O alvará da mercê das Terras de Penafiel é de 16.9.1581 — Gaio, Tomo XXII, Peixotos, & 1, N 10. Para a mercê do cargo de Adail-Mor v. «*Livro de Oiro da Nobreza*», por Domingos de Araújo Afonso e Rui Dique Travassos Valdez, III vol. p. 26.

(262) D. Guiomar de Eça era fª de D. Duarte de Eça, † solt.º na Índia, e de Catarina Mendes de Azevedo, neta pat. de D. Vasco de Eça (fº de D. João de Eça e de sua m.er D. Maria de Mello, e neto pat. de D. Fernando, sr. de Eça, Capitão de Cananor e Cochim), e de sua m.er D. Guiomar da Silva, irmã de D. Isabel da Silva (na nota 260), foi herd.ª de seu Pai. A sua descendência vem na «*História Genealógica da Casa Real*», Tomo XI, Livro XIII, Cap. VI, págs. 676 e 684.

(263) «*Memórias Resuscitadas da Antigua Guimarães*», p. 400 (v. nota 46).

(264) Nota 53, «*Nobiliário das Famílias de Portugal*», Tomo IX, Carvalhos, & 120, Carvalhos de Alenquer. D. Isabel de Macedo era fª de António Gomes de Carvalho, Fid., suc. a seu Pai, e de sua m.er D. Briolanja de Macedo, Herd.ª, neta pat. de João Gomes, instº do morgº dos Carvalhos em Alenquer, e de uma turca ou «*de hua abexina da India*» (Gayo, titº de Macedos) e mat. de Sebastião de Macedo, Camareiro-Mor do Inf. D. Henrique, mandado por El-Rei D. Manuel «*sacret.mte a Affrica*

a colina, ternura dum presépio, a fundação do convento em 1533 por João Gomes, as freiras Franciscanas, a sucessão do Padroado nos Peixotos, a obrigação dos padroeiros de admitirem a professor de graça duas meninas pobres, a destruição do convento pelos franceses em 1811 ⁽²⁶⁵⁾. Vejamos também na mesma vila, na Igreja de Nossa Senhora da Conceição, em 1572, o testemunho de Dona Briolanja de Macedo no processo da Santa Inquisição de seu tio-avô, o grande Damião de Goes.

«— *Sobrinha, não haveis de comer isso só; que havemos de comer todos.*

E ela testemunha, por ser dia de sábado, disse:

— *Vossa Mercê também-há-de comer?*

Por lhe não parecer bem o que ele assim dizia; e ele lhe respondeu:

— *Sobrinha, o que vai para dentro não faz nojo». Come Damião de Goes a linguiça e a carne de porco, por ele mandada vir para matar os desejos de Dona Briolanja «preinha». «E acabada a dita carne, se pos a comer do pescado que havia na mesa, sem pejo de comer a dita carne em dia de sábado»* ⁽²⁶⁶⁾. De resto, parecera-lhe

espiar como se podia tomar Tituão», sr. do Casal de Fornos em Alenquer, e de sua m.er Helena Jorge. L.^o acima citado, Tomo XIX, Macedos, & 30, Macedos de Alenquer donde vem os de Évora.

⁽²⁶⁵⁾ «*Portugal Antigo e Moderno*», na nota 228, vol. I Alenquer.

⁽²⁶⁶⁾ O texto entre aspas é copiado de «*O Processo de Damião de Goes na Inquisição*», de Raul Rego. É o testemunho de D. Briolanja, págs. 66 a 70. Além de outros, vem também o testemunho de António Gomes e de Helena Jorge.

«E assim, mais era lembrado, contar-lhe o dito Manuel Correia como o dito Bastião de Macedo, lhe dissera, vindo pelo mesmo caminho, que achando-se sua mãe dele Bastião de Macedo, que se chama Helena Jorge, e assim sua irmã Dona Briolanja, mulher de António Gomes, moradores em Alenquer, em casa do dito Damião de Goes, um dia de sexta-feira ou outro dia em que se não comia carne, e sendo convidados pelo dito Damião de Goes, para o jantar, sendo ainda viva sua mulher, dona Joana, estando bem apercebido de pescado para os agasalhar, disse a sobredita Dona Briolanja que não havia de comer pescado porque estava preinha e não lhe tinha vontade para comer. E que seu tio, Damião de Goes, vendo isto, mandou logo buscar um pedaço de lombo de porco a uma taverna; e o comendo ela a dita carne e os mais pescado, à mesa, ele Damião de Goes deitou mão ao prato onde a sobrinha comia e tomou uma talhada de carne e pôs-se a comê-la. Ao que a dita sua sobrinha lhe disse, vendo isto:— Tá, senhor, que não é dia de carne.

E que ele, Damião de Goes, lhe respondera:

— *Calai-vos, senhora sobrinha, que o que entra pela boca não mata a alma». O mesmo episódio acima, contado por outra testemunha, págs. 62 e 63.*

sempre o tio bom cristão; mas recorda-se de ouvir a seu pai, Sebastião de Macedo, estranhar mandar o tio os filhos para a Flandres onde tão mal andavam as coisas da Fé: «— *Não cre mais em Deus Damião de Gois que nessa parede*». Confirmam este testemunho seu próprio marido, António Gomes de Carvalho, «*fidalgão da Casa d'el Rei Nosso Senhor e sua mãe Helena Jorge, viuva de Sebastião de Macedo*». Em Évora, em Lisboa, a sua própria filha, o seu genro, muitos fidalgos depõem contra Damião de Gois, seu conhecimento com Lutero, a sua estadia na Flandres, as suas relações com Erasmo. Não importa a sua vida piedosa, as enormes dádivas às igrejas. Longo, medonho cárcere, sofre o grande cronista e humanista. Anos depois, cheio de sarna e moléstias de pele, talvez assassinado como mostra a fractura de seu crânio⁽²⁶⁷⁾, vem morrer a Alenquer, à Casa dos Macedos⁽²⁶⁸⁾.

Dona Guiomar da Silva, ao casar com Fernão Rebelo de Almeida, larga a Casa da Calçada, em Penafiel; não sei se terá voltado a Alenquer. Vem para Guimarães, para a rua Escura, casa de seu marido. Nascem-lhes os filhos: Dona Ana da Silva de Almeida, baptisada a 7.6.1628 na Real Colegiada⁽²⁶⁹⁾, futura

⁽²⁶⁷⁾ Mesmo L^o, págs. 208 e 209, entre elas está a reprodução fotográfica do crânio.

⁽²⁶⁸⁾ Damião de Gois era irmão de Francisco de Macedo, sr. do Casal de Fornos, junto a Alenquer, pai de Sebastião de Macedo da nota 264. Ambos eram f.os de Rui Dias de Gois, Cav^o Fid., e almoxarife da Rainha em Alenquer, sr. das Saboarias de Abreca e Arruda: — Francisco de sua 1.^a m.er Inês de Macedo (cuja ascendência além de vir em Gayo em Macedos, & 30, vem em «*Um dogma anti-geográfico*» de Ayres de Sá, Tábua I — onde a dizem irmã da mãe de Luís de Camões) e Damião, da 4.^a, Isabel Gomes de Aley ou Limi, e netos pat.s de Lopo Dias, que deixou o apelido Gois com o desgosto de não ir ao Cerco de Tânger, sr. das saboarias de Alenquer, Arruda, Azambuja, Aldeia Galega, Óbidos, Atouguia e outras, Provedor da Gafaria de Coimbra, e de sua m.er Maria Dias de Almaça, «semilhera» da Rainha D. Leonor. V. «*Pedatura Lusitana*», Terceiro Tomo, 1.^a parte, p. 383, Gois e Gayo, Tomo XV, Gois, & 3. O vínculo de Gois, inst^o por Baltazar de Gois, irmão inteiro de Damião de Gois é hoje representado pelos Gois Soutomayor du Bocage, v. «*Anuário da Nobreza de Portugal*» — II — 1964. A representação da casa de seu pai, Rui de Gois, está na descendência do irmão de Dona Briolanja, Sebastião de Macedo, e unida à Casa dos Marqueses de Castelo Melhor.

⁽²⁶⁹⁾ M 2 Oliv^a, Arq. Mun. A. Pimenta, os pad.os foram o avô mat. e a tia D. Jerónima Ferreira de Eça. Casou D. Ana com seu primo Luís Lopes de Carvalho da Fonseca e Camões, sr. de Abadim e Negrelos, e, além de 3 f.os que † meninos, teve a D Guiomar da Silva, † solt.^a e Gonçalo Lopes de Carvalho da Fonseca e Camões, suc.

viúva, com geração, de Luís Lopes de Carvalho da Fonseca e Camões, Senhor de Abadim, Negrelos e morgado dos Carvalhos, em Guimarães, assassinado por mascarados em 1648; Francisco Rebelo de Carvalho, sucessor a seu pai, nascido a 4.10.1629⁽²⁷⁰⁾, casado também na Oliveira com a herdeira do vínculo de Aborrim⁽²⁷¹⁾, falecido sem descendência; Manuel Peixoto, nascido a 1.1.1631; Dona Guiomar e Fernão Rebelo que se vão meninos; Gaspar Peixoto, baptisado a 21.2.1636, morto na Guerra da Aclamação, prisioneiro na Galiza; Dona Josefa Maria, freira em Torres Vedras, e Gonçalo Peixoto da Silva de Almeida que sucederá à mãe e ao irmão. Casa a 8.12.1668. A noiva é Dona Paula Maria Cardoso de Alarcão, Senhora de Casa. Pela esposada, seu padraсто João Machado de Eça, pelo noivo, seu sobrinho Gonçalo Lopes de Carvalho da Fonseca e Camões. Assim na Insigne e Real Colegiada⁽²⁷²⁾, unem-se à grandesa dos Senhores de Penafiel mais uns morgadios: o da Taipa, em Lamego, os de Lamaçais, Lagiosa e Juízo em Marialva e Viseu⁽²⁷³⁾. Deste casamento nascerão 15 filhos⁽²⁷⁴⁾.

(270) N 1 Olv^a, os pad.os foram a avó pat. e o tio Manuel Machado de Miranda. No mesmo L^o estão os assentos de nascimento de Manuel e de Gaspar.

(271) Sendo já sr. da Casa de seu pai, que falecera a 1.1.1658 (M 3 Olv^a), casou Francisco Rebelo a 16.2 do mesmo ano c. D. Vicência Barbosa (M 3 Olv^a), Herd^a, f^a de António de Barbosa de Faria, sr. de Morg.^o de Aborrim, e de sua m.er D. Isabel de Miranda, neta pat. de Bartolomeu de Barbosa, sr. do mesmo Morg.^o, e de sua m.er Maria da Costa Gayfar, e neta mat. de Carlos de Araujo e Vasconcelos, sr. de Lobios, (Gayo, Barbosas & 1), e de sua m.er D. Maria de Azevedo.

(272) M 3 Olv^a.

(273) D. Paula Maria Cardoso de Alarcão era f^a herd^a de Gonçalo Cardoso Pereira de Vasconcelos, Suc. a seus pais, Gov.or da cidade e comarca de Lamego, e de sua m.er D. Inês Maria de Alarcão, neta pat. de Luís Cardoso Pereira de Vasconcelos, sr. do Morg.^o da Taipa em Lamego, e do Prazo do Juizo, em Marialva, Pinhel, e de sua m.er D. Bernarda Soares, sr.^a do Morgado da Lagiosa, junto a Vizeu, e neta mat. de Francisco de Barros e Vasconcelos, sr. do Morg.^o de Santa Iria, e de sua m.er D. Paula de Alarcão. A mãe, D. Inês Maria, ao enviuar, passou a 2.^{as} núpcias c. João Machado de Eça, vindo viver para Guimarães; deste matrimónio também teve g.

(274) D. Inês Teresa Francisca da Silva, * 21.9.1669, foi afilhada de seu primo co-irmão Gonçalo Lopes de Carvalho da Fonseca e Camões e da avó materna (N 2 Olv^a) † solt^a, sem test^a, a 15.7.1748, sep. na Colegiada (O 3 Olv^a); D. Guiomar Bernarda da Silva Alarcão, * 1670, x c. g. na nota 278; D. Margarida Luiza Peixoto da Silva, * 1671, † solt^a a 18.8.1741, c. test, sep. na Colegiada (O 3 Olv^a); Fernando, * 1672, † m.;

Bateu-se Gonçalo Peixoto da Silva de Almeida «na guerra da Aclamação; achou-se no sítio de Valença e Monção, e na restauração de Évora, havendo-se bem em todas as occasioens (275)». Deixa-lhe sua mãe, por testamento, a terça, com obrigação de 12 missas anuais na capela de Jesus, em S. Francisco (276). Passam os anos. Rodeiam-no as filhas solteiras: Dona Inês Teresa Francisca, Dona Margarida Luísa, Dona Isabel Francisca, Dona Ana Josefa e Dona Joana Inês. Umas mais, outras menos, chegarão a uma idade avançada (277), a animar a casa da Rua Escura com seus bordados, suas aias e escravos, suas devoções. Têm saudades das irmãs freiras: Dona Luísa Inês de Castro e Dona Bernarda Francisca da Silva, religiosas em Santa Clara do Porto e em Vairão.

(destes 3 não encontrei o assento de nascimento) D. Isabel Francisca da Silva Alarcão, * a 16.1.1674, os seus padrinhos foram Manuel Ferreira de Eça e a avó mat. (N 1 Castelo), † solt^a a 23.4.1733 c. test^o (O 2 Oliv^a); João Peixoto da Silva de Almeida Macedo e Carvalho, suc., * a 24.6.1675, afilhado do padrasto de sua mãe e de D. Jerónima Ferreira de Eça (N 1 Castelo); D. Ana Josefa Peixoto, * a 29.7.1676: os pad.os foram Manuel Machado e D. Guiomar da Silva (N 3 Oliv^a) † solt^a, sem test^o, a 21.7.1756, sep. na Capela de Santa Ana em S. Francisco (O 3 Oliv^a); Fernando Peixoto da Silva, Abade, * 12.7.1678, era afilhado do Rev.do Nicolau Dias de Matos e de D. Madalena de Alarcão, sua tia mat., † a 15.9.1766 (O 3 Oliv^a); Frei José Peixoto, * a 9.4.1680, os seus padrinhos foram seu primo Gonçalo Lopes de Carvalho e sua tia D. Antónia Teresa de Alarcão, † a 31.5.1744 (O 2 Oliv^a); Frei Manuel Peixoto, * a 11.5.1681, afilhado do Abade da Lageosa, Manuel da Silva de Menezes, e de sua tia D. Ana Micaela de Alarcão (N 3 Oliv^a) † na Ilha de Malta em Março de 1725; D. Luísa Inês de Castro, * 25.8.1682, afilhada de D. José de Barros de Alarcão, Bispo do Rio de Janeiro, e de D. Catarina Luísa de Vilhena Coutinho, foi Religiosa em St^a Clara do Porto. onde † em 1732; D. Maria Joana da Silva, * a 5.5.1685, sua mad. foi sua irmã D. Guiomar Bernarda (N 3 Oliv^a), x (ver nota 278); D. Joana Inês de Castro, * a 20.5.1687, os pad.os foram Pedro Machado de Miranda e por proc. a Religiosa no Conv^o do Espírito Santo em Torres Novas, D. Josefa Peixoto da Silva, sua tia, † a 24.1.1735, solt^a, c. test^o (O 2 Oliv^a); D. Bernarda Francisca da Silva, freira em Vairão, * a 1.6.1689, os pad.os foram Felipe de Sousa e D. Francisca, m.er de Manuel Ferreira de Eça (N 3 Oliv^a); e Francisco Cardoso de Alarcão, * a 16.11.1690, afilhado de seus irmãos João e D. Guiomar (N 3 Oliv^a), x c. g. na nota 280.

Todos nasceram, e os solteiros também † na Rua Escura, menos os que, por não aparecerem os assentos, não posso provar onde fosse.

(275) «*Nobiliário das Famílias de Portugal*», nota 242, Tomo XIX, Machados, & 36.

(276) «*Guimarães, Apontamentos para a sua História (Concelho)*», notas 246 e 248.

(277) V. nota 274.

Alvorçam-se com as visitas das casadas: Dona Guiomar Bernarda da Silva, bem cedo viúva de seu primo co-irmão Gonçalo Lopes de Carvalho da Fonseca e Camões (278), e Dona Maria Joana da Silva, mulher de Fernando de Pina e Lemos (279). Chegam cartas dos irmãos. Do mais velho, João Peixoto da Silva Almeida Macedo de Carvalho, Capitão de Cavalos, Voluntário das Armas das Reais, Mestre de Campo da Província do Minho. Do Reverendo Fernando Peixoto da Silva, abade da Lagiosa e de S. Vicente de Pinheiro. De Frei José Peixoto, Cavaleiro de Malta, Comendador de Ansemil e de outras comendas, Grã-Chanceler de Malta, Balio de Negro-Ponte, Acre e Leça. Também de Malta as de Frei Manoel, cavaleiro e lá falecido. Cartas ouvidas e comentadas mas que não fazem parar os desvelos de todas as manas com o mais novo, Francisco Cardoso de Alarcão, ainda menino, e que depois, embora casado com a herdeira dos Senhores de Felgueiras e Vieira, encherá a casa da rua Escura com o calor e a vida da sua descendência (280).

(278) D. Guiomar Bernarda, † a 17.9.1729 (O 1 Oliv^a). Estando já dispensada por Sua Santidade, a 11.12.1690, deu-lhe seu pai em dote, para casar com seu primo co-irmão Gonçalo Lopes de Carvalho da Fonseca e Camões, (nota 269) (24 anos mais velho que ela e viuvo s. g. de D. Jerónima Ferreira de Eça, recebido a 2.10.1669 na Capela da Casa do Arco, M 3 Oliv^a), dois mil e quinhentos cruzados «que é mais do que lhe vem a caber da legitima». O noivo não achou o dote «suficiente para sustentação da noiva», acrescentou-lhe a Qt da Torre em S. Salvador de Galegos, Penafiel, no valor de cinco mil cruzados, 4 casas na Praça da Oliveira, umas casas na Rua da Cadeia e 200 marcos de prata lavrada. L^o de notas do Tab. D.os da Cunha (14-1-6), Arq. Mun. A. Pimenta. Gonçalo Lopes † a 19.11.1693. Tiv. 2 filhos: Tadeu Luís António Lopes de Carvalho da Fonseca e Camões, B. a 21.2.1692, x c. g. notas 158 e 169) e D. Paula Jerónima de Alarcão Castro e Eça, n. a 29.9.1693, x c. g. (Costas de Argamil, vínculo de Pomares).

(279) «*História Genealógica da Casa Real*», nota 260, não tiveram geração. Fernando de Pina e Lemos, era dos Pinas Marrecos, Morgados da Matrena.

(280) Francisco Cardoso de Alarcão, † na Rua Escura a .17. ., x c. D. Josefa Margarida Antónia da Silveira, f^a herd^a de António Luís Vaz Pinto Coelho Pereira da Silva, 11.^o sr. de Felgueiras e Vieira, 12.^o de Fervedo, vila de Cabeçais e Préstimo da Marinha, e de sua 2.^a m.er e prima D. Mariana de Sousa da Silveira, meta pat. de João Pinto Coelho, 10.^o sr. de Felgueiras e Vieira, e de sua m.er e prima D. Mariana Francisca Pereira da Silva, sr.^a de Fervedo, vila de Cabeçais e Préstimo da Marinha, meta mat. de Martim Teixeira Coelho, sr. de Teixeira e Sergude, e de sua m.er D. Ana Maria de Mesquita, sr.^a da Casa de Aباças. Tiv.: (todos nascidos na Rua Escura), D. Antónia Bernarda, * a 2.2.1724, aí † a 6.10.1733;

Aqui o manuscrito de «*Árvores genealógicas compreendendo as famílias dos Senhores de Abadim com as armas e brasões ilumi-*

Gonçalo José Peixoto Coelho Pinto Pereira da Silva, * a 28.8.1728, suc. a sua mãe, q. s.; António Luís Peixoto da Silva, * 21.6.1730, † m.; D. Mariana Peixoto da Silva, * 20.11.1731, x c. seu primo José Pinto Coelho Cardoso de Menezes, c. g. (Pinto Coelho de Simões); Manuel Peixoto, Frei na O. de Cristo, * 11.8.1738; José Peixoto Pinto Coelho da Silva Portugal, Pároco de Fermedo, Com. do Stº Ofício, * a 19.2.1733; D. Francisca Joana Luísa Manuel de Noronha Portugal, * a 11.5.1743, x c. seu primo Gonçalo Cristovão Teixeira Coelho, sr. de Sergude, S. Braz e Abaças, c. g. (Teixeiras Coelhos, srs, desses morg.s). Fora do matrimónio, Francisco Cardoso de Alarcão teve D. Paula, mencª no testº de suas tias. — Gonçalo José Peixoto Coelho Pinto Pereira da Silva, suc., x c. D. Ana Benedita de Vilhena Pinto da Fonseca de Sousa Manoel e tiv.: Francisco António Luís Peixoto Pinto Coelho Pereira da Silva da Fonseca e Melo, suc., q. s.; D. Josefa Engrácia de Noronha Vilhena Manoel de Portugal, x c. José de Melo Pereira Coelho Correia, c. g. (Melos da Rua Chã, no Porto); e 2 sr.as solt.as. Fora do casamento, teve Gonçalo José a D. Maria de Portugal x c. Pedro de Magalhães e Sousa, c. g. (Morg. de Sabroso), e Bento Peixoto da Silva x c. D. Maria Benedita Durães, c. g.

— Francisco António Luís Peixoto Pinto Coelho Pereira da Silva da Fonseca e Melo, suc. x c. D. Maria do Carmo Pinto de Sousa e Melo, herdª. Tiv.: D. Maria Henriqueta Peixoto Pinto Coelho Pereira da Silva de Sousa e Melo, * em 1785, x 2 vezes, a 1.ª c. João Osório Pinto da Fonseca, oficial da Leal Legião Lusitana, s. g., e a 2.ª c. Anselmo de Andrade Sá Pereira Carneiro, cadete de infª, c. g. extª; D. Maria Adelaide, x c. Silvério Paes de Sande e Castro, s. g. e Francisco Peixoto Pinto Coelho da Fonseca e Sousa, * em 1790, † em 6.1837, x c. D. Maria da Madre de Deus Rita de Sousa Padilha Seixas d'Haucourt, e tiv. a D. Maria da Conceição Peixoto Coelho d'Haucourt de Sousa Padilha, x c. João Maria Lobo de Castro Pimentel, c. g. (Viscondes de Ervedal); Pedro Maria Peixoto Coelho Pinto da Fonseca Pereira da Silva, suc., † soltº deixando 1 fº; António Peixoto Pinto Coelho Pereira da Silva de Sousa Padilha Seixas d'Haucourt q. s.; D. Maria Dorotheia, † soltª; e D. Maria da Madre de Deus Peixoto Coelho d'Haucourt de Sousa Padilha, x c. D. João Pereira Coutinho de Sousa Pacheco, c. g. (Dias Coutinho).

— António Peixoto Pinto Coelho Pereira da Silva de Sousa Padilha Seixas d'Haucourt, mais conhecido por D. António Padilha, * a 23.8.1828 e † no Porto a 21.4.1902. Teve uma vida aventureira: ao jogo perdeu a sua enorme Casa, por um duelo mal sucedido tentou o suicídio atirando-se abaixo da ponte pensil do Douro, junto ao Porto, e salvou-se, pois caiu dentro dum barco rabelo. Emigrou para a Argentina, aí exerceu clínica, valendo-se de conhecimentos médicos, conseguiu refazer a sua fortuna, etc., etc. (V. «*Fermedo, Aspectos da sua História*», de Alfredo G. Azevedo e Domingos A. Moreira, Porto, 1973, donde tirei algumas datas e elementos) X 2 vezes: a 1.ª c. D. Berta Soares de Albergaria Pereira de Roxas e Menezes, herdª, † em 1899 e a 2.ª c. Laura de Jesus. Do 1.º

nados», escrito por Gonçalo Lopes de Carvalho e Camões⁽²⁸¹⁾, já falecido, que numa verba do seu testamento manda fazer «*procedido do seu terço hua capella na sacristhia do Conv^o de S. D.^{os} nesta v^a para nella se porem seus ossos e de sua primeira mulher D. Hjmr^a Fer^a de Eça*». Como tutor de seus filhos dirige a obra o avô materno, seu sogro e tio, «*Gonçalo Px.1^o da Silva de Macedo de Carvalho fidalgo da Caza de Sua Mag.de Donatario do concelho de Pennafiel de Souza Senhor dos Dr.tos Reais delle*». O risco é do imaginário António de Andrade. A 8.5.1697 Gonçalo Peixoto encarrega os «*mestres de obra de pedraria*» Manuel Fernandes, morador em Braga, e João Moreira, de Vila Nova da Telha, termo da Maia, de fazerem a nova sacristia⁽²⁸²⁾. A sair dum pátio

matrimónio teve: Egas Muniz Coelho, † solt^o em África; Pedro, † m.; D. Berta, x c. Manuel Gonçalves Gomes Jacques Pires (Cost. 183 das «*Ultimas Gerações*») e outra senhora † solt^a. O último donatário de todos estes senhorios foi o avô de D. António Padilha, Francisco António Luis Pinto Coelho Pereira da Silva da Fonseca e Melo (acima), que fa^l. sem test^o nem f.os varões. Deixou 2 f.as e os netos menores, f.os do f^o já falecido. «*Iniciou-se uma acção civil, que deu brado no paiz — durou uns 50 anos ou mais — por motivo dos bens vinculares e de prazos, sobre a qual se publicaram vários folhetos, hoje raros, intitulados — A Questão Peixotos e Padilhas — onde se discute a genealogia desta ilustre e antiquíssima familia*». In «*Nobiliário Alentem*», fl. 100. O autor da questão foi Miguel Peixoto Pinto Coelho de Sá Carneiro, neto mat. de Francisco António (f^o de D. Maria Henriqueta), e réu seu primo António Peixoto Pinto Coelho Pereira da Silva de Sousa Padilha Seixas d'Haucourt (acima). V. «*40 annos de contenda Judicial — A Questão Peixotos e Padilhas no Supremo Tribunal de Justiça em Terceiro Recurso de Revista*», Porto, Tip. Occidental, 1885, onde, além do processo, vêm notas genealógicas de interesse.

(281) «*Biblioteca Lusitana*», de Diogo Barbosa Machado, Tomo II, p. 394.

(282) Contrato q fes G^o Pxt^o da Silva desta Villa como tutor de seu neto cõ João moreira e m.el frz mestres de pedraria sobre a capella da sacristia de são D.os», a 8.5.1697. Tab. Ant^o Ribeiro (14-1-8), p. 22 e 23 v^o, Arq. Mun. A. Pimenta. Descreve-se com minúcia a obra. escadaria, portais, altar, «*almários*», pia, colocação das Armas, colunas, etc. Mandou também abrir dous tumulos, tudo ajustado por 430\$000, incluindo «*lavar a pedra e quebralla*». Além dessa quantia, Gonçalo Peixoto pagará toda a cal, madeiras e carros necessários. Hoje, na sacristia, as Armas estão em cima dum altar trabalhado em granito, entre colunas. Gravado na parede, há um letreiro, também em pedra, a recordar as obras. Condição com a descrição na escritura, mas a sacristia devia ter sido maior. A escada (a que desce para o claustro na Sociedade Martins Sarmento) e o pátio fazem hoje parte do edificio da Sociedade, e estão divididos da actual sacristia por uma parede.

de dous degraus, lança-se a escada «*a despedir na varanda*», com seu corrimão, «*moldura corrida nelle e sua quartella no prinsipio*». Rasga-se um portal de capitéis, pilares e arcos lisos. Abre-se outro, «*com seus pillares e capiteis e baras doricos e seu friso trabalhado no remate*». Curva-se a abobeda com arco ao meio, nela as armas da Casa (283). Aparecem os túmulos, os «*almarios*», o lavatório com suas carrancas, a pia de água benta, o pórtico. É tudo trabalhado em pedra fina e de «*galho*» nas linhas da renascença clássica. Depois o «*letreiro a lembrar*», o dourado do retábulo, as mesas para os cálices, os corporais, os sanguinhos (284). Surge a sacristia dos descendentes de Gonçalo Lopes, «*para todo o sempre*» na ingénua vontade de seu sogro, Gonçalo Peixoto.

No exército do Marquês das Minas, na Batalha da Beira, combate João Peixoto da Silva Almeida Macedo de Carvalho, sucessor da casa. Aí, na trégua, a preparar o inverno, vêm-lhe a nova da morte do pai, Gonçalo Peixoto, em Guimarães, na Rua Escura, a 23.10.1705 (285), com testamento a unir todos os seus bens, sem obrigação alguma, ao Morgado dos Pinheiros (286). Regressado a casa, junta-lhe também João Peixoto, a 25.9.1706, todos os seus padroados, e três anos depois diversas propriedades (287). Para Lisboa vai. Fidalgo com exercício no Paço, lá casa com Dona Isabel Bárbara Henriques de Menezes, dos Viscondes de Fonte

(283) Armas esquarteladas: no 1.º Carvalho, no 2.º Peixotos, no 3.º a leitura, por gasto, está muito difícil. Visto cá de baixo parece uma águia, mas devem ser as armas dos Lopes (de azul, com uma palmeira de ouro, rematada por um corvo de negro, levantando voo); no 4.º Silva. Timbre: um pássaro. Má interpretação do cisne, timbre dos Carvalhos?

Deduzo que ao mandar fazer a sacristia, Gonçalo Peixoto esquartejou as armas de seu genro com o Peixoto e Silva de sua Casa, uma vez que fez as obras em nome de seu neto Tadeu Luís António Lopes de Carvalho da Fonseca e Camões, embora este, como senhor de Casa, não devesse esquartelar as suas armas com as maternas.

(284) «Contrato da obrigação da Capella feita na sacristia do Conv.º de São D.ºs desta villa de G.es», a 2.12.1697. L.º de notas do Tab. André Ribeiro (14-1-8), págs. 29 vº e 31 vº. Arq. Mun. A. Pimenta.

(285) O 1 Olvª, Arq. Mun. A. Pimenta.

(286) O testº é de 22.10.1705 «por si e seu falecido irmão Francisco Rebelo de Almeida une ao dito Morgado do Pinheiro todos os seus bens sem obrigação alguma», in L.º citado na nota 276.

(287) Os padroados são: os das Igrejas de S. João de Luzim, S. Vicente de Pinheiro, S. Martinho de Avedas e S. Romão de Vila Cova, anexas à Casa da Calçada em Penafiel. L.º acima citado.

Arcada, filha do Governador de Angola e Mazagão (288). Na nota do tabelião Manuel Gomes de Carvalho, em Lisboa, fazem nova instituição: a do Morgado dos Peixotos (289). Têm muitos filhos (290). Não andam pela rua Escura, liteirinhas apressadas entre as lajes. Na Corte vivem, para Alenquer voltarão.

Continuam os livros em cima da mesa. Na rua Escura dão vida à casa as senhoras solteiras, as filhas de Gonçalo Peixoto. Poderemos visitá-las? Mexer na sua prata e no seu estanho? Acender os seus candieiros de metal branco e de bronze? Sentar-nos nos seus tamboretos, escrever com os seus objectos de escritório, abrir as suas «*arcas de moscovia*»? Fazer doce na sua «*cozinha aparelhada*»? Tudo apartamos. A sua roupa, os seus muitos vestidos, alegres coloridos, vivos, chamam-nos e fazem-nos parar. De lado pomos as luvas, as meias, as camisas de uso, o muito linho fiado. Deliciemo-nos. O vestido de damasco amarelo. Os sapatos de linho. O «*reguingo*» grande com galões de prata, o encarnado com rendas também de prata. O chapelinho de veludo. As véstias. O capote de «*camelam*». A mantilha de veludo vermelho com rendas de ouro. A mantilha e o capotinho de melania de prata roxa com rendas de prata. As saias de crepe, o capotinho de pano de pelo. Um encanto! Arrumemos tudo. Guardemos também o

(288) F^a de Henrique Jacques de Magalhães, General da Armada, que foi socorrer Mombaça e lá † em 1700, Governador de Angola, F. C. R., do cons. de S. M., Gov. de Mazagão, alcaide-Mor de Castelo Rodrigo, sr. do Paúl da Bordeira Bordelete, em Lagos, e de vários vínculos na Estremadura e na Madeira, e de sua m.er D. Lourença Antónia de Menezes, e neta pat. de Pedro Jacques de Magalhães, 1.º Visconde de Fonte Arcada, etc., etc., e de sua 1.ª m.er D. Luísa da Silva de Andrade, e mat. de João Lobo e de sua m.er D. Isabel Henriques.

(289) Test^o de D. Margarida Luíza Peixoto da Silva, v. nota 274.

(290) Foram: Gonçalo Tomás Peixoto da Silva de Almeida Macedo e Carvalho, no texto; Henrique José Jacques de Magalhães, Frei Prof. na O. de S. Bento de Aviz, † na Rua Escura, em Guimarães a 29.4.1793; D. Paula Josefa de Menezes x no ano de 1740 c. D. Felipe de Alarcão Mascarenhas, Gov. e Capitão General da Ilha da Madeira, Brig^o dos Exércitos de S. M., Cor. de Inf^o na Praça de Rio Maior, e tiv., pelo menos, a D. Ana Quitéria de Alarcão Mascarenhas, * 28.6.1741; D. Lourença Vitória de Menezes, freira na Madre de Deus de Lisboa; José Pedro de Magalhães, Cav^o de Malta; Pedro Peixoto da Silva, também Cav^o de Malta; D. Antónia Policena de Menezes, freira na Madre de Deus em Lisboa, e João Pedro Jacques de Magalhães, * póstumo a 8.1725, in «*História Genealógica*». Além destes f.os do casamento teve João Peixoto, ilegítimos, a Luís Peixoto da Silva, Abade da Lageosa, e D. Ana Margarida Luísa, freira em Vairão.

relicário de diamantes que tem parte do Sudário, as toalhas de linho com rendas, as mangas do camisote, os retalhos de seda, as muitas teias de pano fino e grosso, a saia e a mantilha preta deixadas às diversas Imagens, a algumas confrarias ⁽²⁹¹⁾.

Viviam das suas legítimas, do prazo do Juízo em Pinhel, das vinhas de Mosteirô, das terras de que eram usufrutuárias, Tinham dívidas ⁽²⁹²⁾. Mandavam dourar imagens, ofereciam cera e canadas de azeite aos santos ⁽²⁹³⁾. E uma delas, Dona Ana Josefa Peixoto da Silva, dá à capela do Anadel, a do Senhor Jesus, em S. Francisco, a 26.7.1735 a nova imagem de Santa Ana ⁽²⁹⁴⁾. Lá está ainda hoje no seu altar. É de madeira: sobre uma nuvem incrustada com cabeças de anjinhos sentam-se Santa Ana e Nossa Senhora. A primeira de véu e manto, muito serena. A Virgem, muito nova, traços doces, olhos parados das imagens seiscentistas. Douradas, estofadas de belo colorido, seguram entre ambas o Menino, bricalhão. Santos para consolar com ternura os tristes, os olhares que os buscam, a Fé que se lhes implora. Para receberem esmolas, rosários de ouro, continhas de madreperola. Altares para encher de flores, arranjadas em jarrinhas, para refrescar com toalhas de linho enfeitadas a rendas. Como fizeram em suas vidas

⁽²⁹¹⁾ Elementos tirados dos testos das f.as de Gonçalo Tomás Peixoto, principalmente do de D. Joana Inês de Castro, v. nota 274.

⁽²⁹²⁾ Tanto elas como sua mãe, D. Paula de Alarcão, deixaram dívidas. No test^o desta senhora, † a 27.2.1726, e sep. na Colegiada, fala-se de 3 cordões de ouro que sua f^a D. Guiomar lhe emprestára para empenhar (O 1 Oliv^a) e no test^o de Jerónima de Sousa, sua criada, de 8.4.1730 no «cordão de ouro que peza quarenta mil reis q emprestou a D. Paula sua ama que o tinha para empenhar e ela declarou no seu testamento que o desempenhasse para mo entregar» (mesmo L^o).

⁽²⁹³⁾ «uma canada de azeite a N. Sr.^a da Embaixada»; «dourassem a imagem de Santa Ana, Nossa Senhora e o Menino da Colegiada»; «dourassem o resplandor de S. Vicente Ferreira e dessem um brandão de cera ao mesmo Santo»; «uma cabeça de cera a S. Bento», test^o de D. Joana Inês de Castro (nota 274).

⁽²⁹⁴⁾ «...a irmã D. Ana Josefa Peixoto da Silva foy primeira Juiza elleita p^a o festejo da Sr^a St^a Ana que se fes em o Conv^o de S. Fr.^c desta vila e por nelle não haver a sua imagem, a mandou fazer à sua custa com todo o primor e magnificencia que se acha feita e fabricada com suas nobres coroas de prata que a mesma Juiza quiz que fosse colocada na Capela do Sr. Jesus por ser Morg.do de seu pai e avô e deu mais duas toalhas de renda p^a a Irmandade e servisso d'altar do mesmo santo» in «*Irmandade de St^a Ana, L^o das entradas dos Irmãos — Velharias das Irmandades Vimaranenses*», p. 274 v^o, m. s. por João Lopes de Faria.

as filhas solteiras de Gonçalo Peixoto, Padroeiro da Capela de Jesus, também chamada de Santa Ana, na Igreja de S. Francisco.

Voltamos aos livros. Aos «*Diversos Títulos de Famílias Portuguesas*», manuscrito de João Peixoto da Silva Almeida Macedo de Carvalho «*muito instruído nas letras humanas, história profana e na Genealogia*»⁽²⁹⁵⁾, falecido em Lisboa a 15.5.1725⁽²⁹⁶⁾. À «*História Genealógica*». Ao Gayo. Ao «*Livro de Ouro da Nobreza*»⁽²⁹⁷⁾. Neles, Gonçalo Tomaz Peixoto da Silva de Almeida Macedo e Carvalho, filho e sucessor de João Peixoto. Passeamos outra vez pelo jardim de buxo, por onde andamos, páginas atrás, ao falarmos dos avós de sua mulher, Dona Madalena Luísa de Bourbon⁽²⁹⁸⁾. Revemos sua filha mais nova, Dona Leocádia Semeana de Bourbon, casada para Guimarães, na Casa do Salvador, com o Alcaide Mor de Lindoso. Abrimos «*A Casa da Graciosa*» para saber da filha terceira, Dona Joana Rita de Bourbon de Almeida Peixoto⁽²⁹⁹⁾, indagamos dos outros⁽³⁰⁰⁾. Con-

(295) «*Biblioteca Lusitana*», nota 281, p. 719.

(296) Id.

(297) «*Livro de Ouro da Nobreza*», de Domingos de Araujo Affonso e Ruy Dique Travassos Valdez, Tomo III, p. 25, onde, ao tratarem dos Condes de Redinha, vem um estudo sobre as representações dos Marqueses de Lindoso.

(298) págs. 47 e 48. Era f.^a de D. João de Almeida, vedor da Rainha Maria Ana de Austria, Com.or de Fornos na O. de S. Tiago, Brig.^o dos Exércitos e Gov.or da Torre de Outão, e de sua m.er D. Joana Cecilia de Noronha, herd.^a, neta pat. de D. António de Almeida Portugal, 2.^o Conde de Avintes, Cap. General do Reino do Algarve e Gov. de Armas de Trás-os-Montes durante a Guerra da Sucessão, e de sua m.er D. Maria Antónia de Bourbon (Arcos); neta mat. de Fernão Jacques da Silva e de sua m.er D. Sebastiana de Noronha (v. nota seg.te).

(299) «*A Casa da Graciosa*», de Luís de Bivar Guerra, p. 307. D. Joana Rita, x a 7.9.1766 c. José de Melo Sampaio Pereira Figueiredo, 9.^o Morg. do Casainho, sr. do Morg.^o da Graciosa, etc., de quem foi 2.^a m.er. Teve uma f.^a única, nascida um dia antes da morte do pai: D. Maria Joana das Dores de Melo Sampayo Pereira Figueiredo e Bourbon, herd.^a, x aos 13 anos c. Fernando Afonso Giraldes de Andrade e Menezes, 13.^o Morg.^o dos Giraldes, etc., c. g. (Marqueses da Graciosa, Condes de Foz de Arouce, Vaz Preto Giraldes, Condes da Borraça, etc.). Mesmo L.^o, págs. 179 e seguintes.

(300) F.os de D. Madalena Luísa de Bourbon e seu marido: João Tomaz Peixoto da Silva de Almeida, suc., * a 2.2.1734 (no texto); D. Ana Isabel de Bourbon, * a 5.5.1735, † m.; D. Isabel Teresa de Bourbon, * a 14.10.1736, † solt.^a; D. Joana Rita de Bourbon de Almeida Peixoto, (nota anterior); D. António Peixoto da Silva de Almeida, * 2.7.1741, F. C. R. (alv. de 20.7.1756, in «*Dicionário Aristocrático*»); D. Joaquim Manuel

tinuamos com o primogénito João Tomaz Peixoto da Silva de Almeida, Fidalgo da Casa Real, ainda solteiro ao sair a monumental obra de Dom António Caetano de Sousa. Casa depois com sua prima Dona Maria da Piedade de São Payo, filha bastarda de João António de São Payo Mello e Castro, e neta paterna de Manuel António de São Payo, 13.º Senhor de Vila Flor, e de sua mulher Dona Vitória Josefa de Bourbon (301).

Peixoto da Silva de Almeida, * a 15.8.1742; D. Fernando Peixoto da Silva de Almeida, * em Alenquer a 15.11.1743, Cónego prebendado na Colegiada de N. Sr.ª da Oliveira «tomou posse por ele seu tio Fr. Henrique José Jacques de Magalhães e depois entrou na residência a 22.7.1774» (in «*Bol. de Trabalhos Históricos*», vol. VII, n.º 3, no «*Catálogo dos Chantres, Tesoureiros, Mestres-Escolas, Cónegos Prebendados e Meios Prebendados da Colegiada de Guimarães*», p. 126); e D. Leocádia Semeana de Bourbon, * depois de 1745 (no texto).

(301) D. Maria da Piedade de São Payo, * a 25.11.1772, era f.ª ilegítima de João António de São Payo de Mello e Castro, Of. de Cav.º de Mecklemburgo, Brig. e Marechal de Campo, Porteiro Mor do Reino e neta pat. de Manuel António de São Payo, 13.º Sr. de Vila Flor, etc., e de sua m.ª e prima co-irmã D. Vitória Josefa de Bourbon (Avintes). Desconheço o nome de sua mãe.

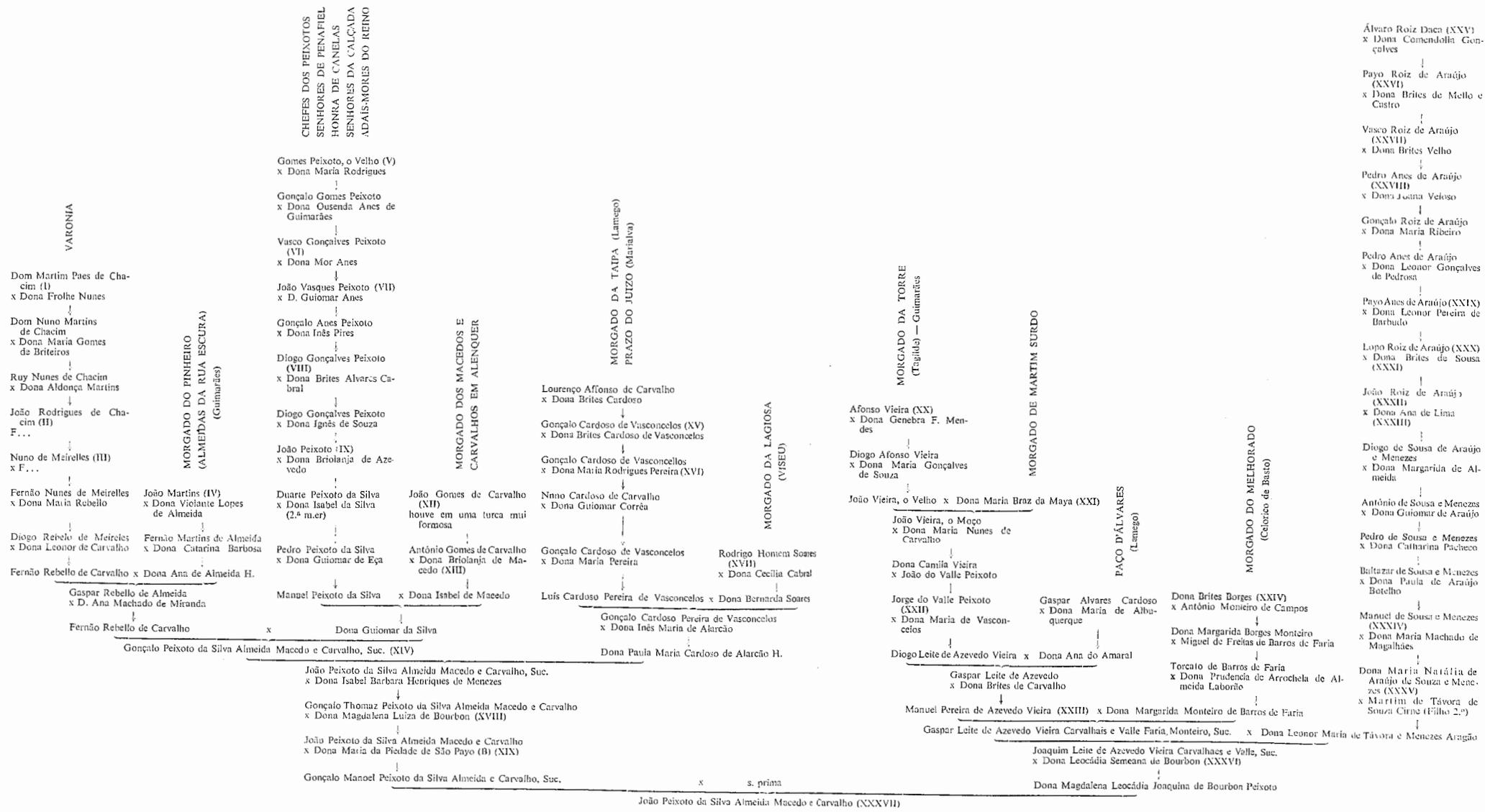
«No seu precioso livro *«Últimas Gerações de Entre Douro e Minho»*, José de Sousa Machado na apóstila ao costado 78, dos senhores do vínculo do Salvador (Casa do Cano), em Guimarães, equivocou-se nos pais que atribue a Gonçalo Manuel Peixoto de Almeida Macedo e Carvalho, Senhor do Morgado da Rua Escura, etc., que foi casado com sua prima Dona Magdalena Leocádia Joaquina de Bourbon Peixoto, da mencionada Casa do Cano. Os pais de Gonçalo Manuel, acima, foram João Peixoto da Silva de Almeida Macedo e Carvalho e sua mulher Dona Maria da Piedade de São Payo e não os que indica, por haver repetido os nomes de Gonçalo Manuel e de sua mulher, (ver certidão de casamento citada na nota 206 e o folheto mencionado na nota 280, onde a pág. 38 vem indicada a filiação verdadeira).

Este equívoco, até hoje nunca corrigido, foi repetido na monumental obra *«Livro de Ouro da Nobreza»*, da autoria de Domingos de Araujo Affonso e Ruy Dique Travassos Valdez, a páginas 27 do Tomo III.

Também Fernando de Castro da Silva Canedo, por desconhecer a filiação de Gonçalo Manuel, no seu vasto estudo *«A Descendência Portuguesa de El-Rei Dom João II»*, ao referir-se, na página 253 do III volume, a Dona Maria da Piedade de São Payo, embora indicando a pessoa com quem casou acrescenta «com geração que não podemos apurar». Ora tal geração é, além do irmão de Gonçalo Manuel, † s. g., toda a sua numerosíssima descendência descrita nas *«Últimas Gerações de Entre Douro e Minho»* e que deveria também constar da *«Descendência Portuguesa de El-Rei Dom João II»*. Assim é de salientar que todos os actuais Lindoso, descendem d'El-Rei D. João II, através de Dona Maria da Piedade de São Payo, e não só os que provêm do Coronel de Engenharia João

VARONIA, MORGADIOS E VINCULOS DO MARQUÊS DE LINDOSO

ALCAIDES-MORES E SENHORES DE LINDOSO
SENHORES DE BRITELLO
REVORINDO



(I) Viveu no reinado de Dom Afonso III — vide plana 208 do Nobiliário do Conde Dom Pedro. (II) Felgueiras Gato afirma que foi Sr. da Quinta de Meirelles em Tróvão-Antes; não vem no Nobiliário do Conde Dom Pedro. (III) O primeiro a usar do apelido Meirelles. (IV) Instuidor do Morgado do Pinheiro (rua Escura), de Guimarães. (V) O primeiro a usar o apelido Peixoto, (vide Nobiliário do Conde Dom Pedro, plana 159). (VI) Foi Sr. da Calçada, em Penafiel, e de Pardellas; (vide plana 336 do Nobiliário do Conde Dom Pedro). (VII) Foi Sr. de Pardellas e Honra de Canelas. (VIII) Francisco Donatário do Conselho de Penafiel (mês de El-Rey Dom Fernando II) por carta passada em Tuy. (IX) Actuouse na Batalha de Alfarrobeira, aos fossos do Infante Dom Pedro. (X) Irmão de Lopo (XII) Do Morgado dos Macedos (Alenquer). (XIV) Sucessor a seu pai no Morgado do Pinheiro, em Guimarães e por falecimento de seu primo André Peixoto x D. Legitima, filha do nome dos Peixotos, Sr. de Penafiel, da Calçada, etc. (XVI) Sr. de Casa da Taipa (Lamego) e Prato do Juizo. (XVII) Irmã de Justa Rodrigues Pereira, am. de El-Rei Dom Manuel I e am. de El-Rei Dom João II, e por outra filha dos Reis meiros de Granada. (XVIII) De quem vêm os Vieiras de Guimarães. (XIX) Senhores do Morgado de Martim-Surdo. (XXII) Herdeiro de seu pai materno Baltazar Vieira de Carvalho, Instuidor do Morgado da Torre, em Tagilde. (XXIII) Sr. por compra da Casa de Salvador (Guimarães). (XXIV) Senhora do Morgado do Melhorado. (XXV) Senhor do Morgado de Lindoso. (XXVI) Herdeiro de seu pai materno Baltazar Vieira de Carvalho. (XXVII) Senhor do Morgado de Lindoso. (XXVIII) Instuidor do Morgado do Pinheiro (rua Escura), de Guimarães. (XXIX) Herdeiro de seu pai materno Baltazar Vieira de Carvalho. (XXX) Herdeiro de seu pai materno Baltazar Vieira de Carvalho. (XXXI) Herdeiro de seu pai materno Baltazar Vieira de Carvalho. (XXXII) Herdeiro de seu pai materno Baltazar Vieira de Carvalho. (XXXIII) Herdeiro de seu pai materno Baltazar Vieira de Carvalho. (XXXIV) Herdeiro de seu pai materno Baltazar Vieira de Carvalho. (XXXV) Herdeiro de seu pai materno Baltazar Vieira de Carvalho. (XXXVI) Herdeiro de seu pai materno Baltazar Vieira de Carvalho. (XXXVII) Herdeiro de seu pai materno Baltazar Vieira de Carvalho.

São estes os pais ⁽³⁰²⁾ de Gonçalo Manuel Peixoto da Silva de Almeida Macedo e Carvalho. Assistimos ao seu casamento, a 1.1.1810, em S. Martinho de Britelo, com sua prima co-irmã Dona Madalena de Bourbon de Almeida e Noronha. Sabemos também que a sua grande Casa segue no único varão que lhes sobrevive⁽³⁰³⁾: Dom João Peixoto da Silva Almeida Macedo e Carvalho, nascido a 10.6.1826, em Triana, Alenquer, já casado, a viver em Guimarães, quando da morte de seu tio materno Gaspar Leite, a quem também sucede. A casa dos Peixotos, Senhores de Penafiel e seu Reguengo ⁽³⁰⁴⁾, Adais-Mores do Reino, Morgados do Pinheiro em Guimarães (Rua Escura), Carvalhos e Macedos em Alenquer, Taipa em Lamego, Lageosa em Viseu, senhores dos Solares da Pesqueira e de Melres em Entre-os-Rios, prazos do Juízo e Lamasais em Pinhel, etc., une-se assim à dos Alcaldes-Mores de Lindoso, Morgados de Britelo, da Torre, ou Espírito Santo, em Tagilde, Paço de Alvares em Lamego, Martim Surdo, Melhorado, em Basto, Senhores das Casas do Revorido, em Barcelos, e do Salvador, em Guimarães.

À casa do Salvador, caiada, tetos dos salões pintados ⁽³⁰⁵⁾, ampla chaminé na farta cozinha, chega, quase todos os anos, mais

Pedro Peixoto da Silva e Bourbon (vide texto), pelo seu casamento com sua prima Dona Maria Victória da Conceição do Carmo do Sacramento de Carvalho Daun e Lorena. (Ver páginas 239 e seguintes do III volume de «*A Descendência Portuguesa de El-Rei Dom João II*»).

⁽³⁰²⁾ Por não ter consultado os livros de Alenquer ignoro quantos fossem. Gayo, além de Gonçalo Manuel, menciona outro, sem dar o nome; ainda não devia ter nascido quando colheu as informações para o «*Nobiliário*». Penso que dele ou de'a não terá ficado geração.

⁽³⁰³⁾ V. nota 216.

⁽³⁰⁴⁾ Sobre o Senhorio de Penafiel, lê-se no folheto citado na nota 280, «*A Questão Peixotos e Padilhas*»: «Gonçalo Peixoto da Silva, ainda foi Senhor do Reguengo de Penafiel de Sousa, mas indevidamente, pois não lhe pertencia por direito, visto, haver acabado a linha de sucessão, e proceder por fêmea do ante-penúltimo donatário. A Corôa reivindicou estes bens da mão de seus descendentes e deu-os a José da Mata de Sousa Coutinho, 5.º Correio-Mor do Reino, com o título de Conde de Penafiel, e a pensão de 6.000\$000 anuais, tudo em troca do lugar de correio-mor, que foi criado por el-rei D. Phillippe II de Portugal e III de Castela em 19 de Julho de 1608 e dado em privilégio a esta família Matta, de que é representante e actual Marquês de Penafiel».

⁽³⁰⁵⁾ São duas salas. Numa um escudo oval esquartelado: no 1.º Pereira, no 2.º Vales, no 3.º partido de Vieiras e Araujos da Galiza, no 4.º Carvalhões. Sobre o Todo Azevedo, Coroa de Nobreza. Na outra sala há dois escudos no tecto: as armas plenas de Pereiras e Vales.

um fidalguinho, filho de seus senhores ⁽³⁰⁶⁾. A 23.3.1859 Dom João Peixoto da Silva dá à Câmara um tanque de pedra que tinha no quintal da sua casa, na Rua Escura. Coloca-o a Câmara no Terreiro do Cano ⁽³⁰⁷⁾. Filiado no Partido Histórico, Dom João Peixoto, é, a 27.10.1863, agraciado com o título de Visconde de Lindoso ⁽³⁰⁸⁾. Nos portais do Salvador exibem-se as armas de seus apelidos, numa composição conjugada. Na 1.^a esquartelada, Silva, Peixoto, Almeida e Macedo; Na 2.^a, partida, Carvalhal e Leite Pereira, com uma estrela por diferença ⁽³⁰⁹⁾. Avança a segunda metade do século XIX. ⁽³¹⁰⁾

⁽³⁰⁶⁾ Foram: Gonçalo Manuel Peixoto da Silva Almeida Macedo e Carvalho (v. nota 318), * no Salvador a 24.9.1856; o seu padrinho foi Nicolau de Arrochela; Gaspar Tomás Peixoto da Silva e Bourbon (v. texto), * ib. a 24.12.1857, afillhado dos 2.^{os} Condes de Vila Pouca; D. Madalena Carolina Peixoto da Silva e Bourbon (v. nota 323), * ib., a 16.3.1860, B. no Oratório part. da Casa (assim como todos os seus irmãos mais novos); os pad.os foram Nossa Senhora e o Conde de Azenha; D. Maria da Piedade, * 14.1.1861, afillhada do Conde de Vila Pouca e de Nossa Senhora, † a 20.8.1861 e foi sep. em S. Francisco; João Pedro Peixoto da Silva e Bourbon, (V. texto), * 19.7.1862; os seus pad.os foram Nossa Senhora do Carmo e o Conde de Vila Pouca; Joaquim Manuel Peixoto da Silva e Bourbon (v. nota 233), * a 20.3.1864, afillhado de Nossa Senhora do Carmo e do Conde de Azenha; D. Maria da Piedade Peixoto da Silva e Bourbon (nota 325), * 22.7.1865; os seus padrinhos foram Nossa Senhora e o Conde de Vila Pouca (até aqui no N Azurém 1825-1866, Arq. Mun. A. Pimenta); Francisco de Paula Peixoto da Silva de Bourbon (nota 328), * a 23.8.1866, afillhado de seu tio mat. Francisco Alves da Costa Guimarães, capitalista, que passou proc. ao Conde de Azenha, e Nossa Senhora; D. Leocádia Joaquina Peixoto da Silva de Bourbon (v. nota 326), * 8.4.1869; os pad.os foram José Pedro António Nogueira, com proc. ao Conde de Azenha, e Nossa Senhora; Fernando Afonso Peixoto da Silva de Bourbon (v. nota 310), * a 30.6.1871; os seus pad.os foram Nossa Senhora do Rosário e Francisco de Assis Gamboa por proc. ao Conde de Vila Pouca; D. Joana Margarida Peixoto da Silva de Bourbon (nota 327), * a 3.9.1872, afillhada de seus irmãos Gonçalo e D. Madalena. Nas «*Últimas Gerações*» há mais um: Fernando Afonso, * a 10.4.1868, † m. Não encontrei a sua certidão no N Azurém 1866-1880, nem na Cons. do Registo Civil de Guimarães, que é onde estão estes últimos assentos.

⁽³⁰⁷⁾ «*Velharias Vimaraneses*», de João Lopes de Faria. in «*Gil Vicente*», X vol., 2.^a série, n.^{os} 3 e 4.

⁽³⁰⁸⁾ Id., ib., vol. XIV, 2.^a série, n.^{os} 9 e 10.

⁽³⁰⁹⁾ Leitura de Armando de Matos em «*Pedras de Armas de Portugal*», p. 206, onde estão retratadas. Porque não incluía o Visconde, neste brasão as armas dos Araujos, senhores de Lindoso? Estes, segundo o

A 16.11.1867 chega a esta cidade o redactor da «*Gazeta de Portugal*»; hospeda-se na casa do Arco. Em sua honra, no Salvador, dá o Visconde de Lindoso um animado sarau⁽³¹¹⁾. A 16.6.1868 é louvado por uma portaria do Ministro do Reino, por oferecer ao Governo, juntamente com alguns vimaranenses⁽³¹²⁾, 25 moedas romanas de prata, achadas na freguesia de Pedraça e por eles compradas na cidade. Parte por vezes para Lisboa, a visitar amigos, a conversar com correligionários. Rosna a imprensa contrária⁽³¹³⁾. A 7.8.1871, sendo Ministro do Reino o Marquês de Ávila, faz-se-lhe mercê de mais uma vida no título para desde logo se verificar na

«*Armorial Lusitano*», «parece que usaram armas diversas (dos Araújos portugueses) semelhantes às dos Velosos».

No «*Nobiliário Español*», de Julio de Atienza, leio que alguns Araújos trouxeram em campo vermelho, um castelo de ouro, com duas águias de negro saindo da sua porta, chefe de azul com duas pontas de ouro, o que lembra as dos Velosos, e que os de Orense traziam por armas: de ouro três ramos de negro. Na «*Nobiliarquia Gallega*» há diversos braços de Araújos, com mais ou menos estrelas e sempre com o castelo. Será muita fantasia minha, «ver» em vez de Carvalhais, apelidos do qual descendem mas não têm representação, as dos Araújos, Senhores de Lindoso, que não estou certa como eram, mas que podiam incluir o ramo, o castelo e a estrela, tudo em campo vermelho como estão representadas nestas armas?

(310) Por Guimarães já vigora o sistema métrico decimal, há telégrafo para Braga e para o Porto, inaugura-se a Feira da Rosa no terreiro do Cano. Depois de muita discussão sobre o local, coloca-se, aos Capuchos, a 1.ª pedra para o novo Hospital. Principia a reconstrução da Rua dos Gatos para ficar uma entrada condigna da cidade, começam-se a abrir estradas: para Fafe, para Braga, para o Porto. Há motins pelas contribuições, arrombam as portas da Repartição de Finanças, então no Convento de S. Domingos, pouco depois arrasado em nome do Progresso. Inaugura-se o Asilo de Santa Estefânia, vêm-se surgir as torres da Igreja do Campo da Feira. Ruas iluminadas a petróleo, pensa-se na fundação duma companhia para a construção do Caminho de Ferro. Numa loja do Convento de S. Francisco abre-se uma pequena exposição zoológica. Alastra a febre dos balões. Sobem de todos os pontos da cidade. Leva-os o vento, a subirem, a irem, a porem em perigo a vida dos seus astronautas...

(311) «*Velharias Vimaranenses*», in «*Gil Vicente*», vol. XVIII 2.ª série, n.º 9 e 10. O redactor era Miguel Eduardo Lobo de Bulhões escritor e comentador político.

(312) Além do Visconde de Lindoso foram Manuel Joaquim da Cruz, João Dias de Castro e José Luís Dias, in «*Velharias Vimaranenses*», «*Gil Vicente*», vol. XIX, 2.ª série, n.º 5 e 6.

(313) Podemos confirmar, ao ler os jornais locais da época.

pessoa de seu primogénito, Gonçalo Manuel Peixoto da Silva (314). Um ano depois ao I Visconde de Lindoso é-lhe concedida licença régia para aceitar a comenda de número extraordinário da Real e Distinta Ordem de Carlos III de Espanha (315).

É Junho. Desce Nossa Senhora da Lapinha à «vila». À frente os tambores, levantados ao alto, tocados com toda a força a atroar, a entusiasmar! Num galope, a gente, a muita gente, viva, colorida, a limpar o suor com os lenços, acompanha a procissão. O andor da Senhora, a faiscar de lantejoulas, a trazer as primeiras espigas, os primeiros cachos de uvas já pintados! Uma chuva de pétalas, de fé, de entusiasmo. De roldão, quase a correr, aproximam-se da cidade, muitos de cravo entre os dentes, símbolo de silêncio que guardam durante a procissão. Por vezes estaca a multidão. Assim na casa do Salvador. Chega-se o andor às janelas da casa, inclina-se, numa vénia, a Senhora. Correspondem os fidalgos; lançam-lhe uma moeda de ouro. Era a posse (316). Segue a ronda, no auge da fé, de fervor, a pedir a bênção para as colheitas, a entrar na cidade, a Senhora coberta de promessas e oiro, o povo apertar-se pelas ruas, na pressa, na correria de quem passa, debaixo do sol quente, para voltar depois à Lapinha, o dia a esvaír-se, os pés desfeitos, os foguetes a estralejar, a alma a rir-se contente.

Ao Visconde, agora Conde de Lindoso (317), acompanhamo-lo pelos jornais da época: às recepções reais em casa do Conde de Margaride, seu adversário político, aos comícios, às muitas festas de Guimarães de outrora. Chefe do Partido Progressista no concelho, «*recusa sempre obstinadamente a aceder as instâncias da política*». Reserva-lhe a vida um tremendo desgosto: a 19.10.1880, às golfadas de sangue, morre seu primogénito Gonçalo Manuel Peixoto da Silva Almeida Macedo e Carvalho, 2.º Visconde de Lindoso, Moço-Fidalgo com exercício, Bacharel em direito (318),

(314) «*Velharias Vimaranenses*» in «*Gil Vicente*», vol. XXII, 2.ª série, n.ºs 5 e 6.

(315) Id., ib., vol. XXIII, 2.ª série, n.ºs 3 e 4. O dec. é de 18, o título de 27.2.1872 e a licença de 26.4.

(316) Inf. de meu Primo Ex.º Sr. João Maria Rodrigues Martins da Costa (Aldão).

(317) Dec. de 10.2.1887.

(318) A 21.7.1880 foi o corpo do 2.º Visconde de Lindoso trasladado para o Cemitério Municipal para o jazigo que mandaram fazer seus pais. As participações, notícia e agradecimentos, estão no jornal «*O Imparcial*» do mês de Julho de 1880. É o jazigo dos Marquesses de Lindoso, que tem as seg'tes armas: escudo partido, no 1.º Carvalhal, no 2.º Leite do Porto,

orgulho e esperança dos seus dias. Vai, então, a Casa da Calçada, em Penafiel, na freguesia de Oldrões, símbolo da sua Raça, a 5.6.1881, em do'te para o filho segundo, Gaspar Tomaz Peixoto da Silva e Bourbon, ao casar⁽³¹⁹⁾ com Dona Amélia Augusta Baptista de Sampayo, senhora miudinha, de lindos olhos, sua muito remota e vaga parente⁽³²⁰⁾. Gaspar Tomaz Peixoto, esplendida

com uma estrela por diferença. Corôa de Visconde (leitura de Armando de Matos em «*Pedras de Armas de Portugal*», v. nota 309).

(319) Dão os Condes de Lindoso em dote a seu filho Gaspar, futuro representante da família, por conta das suas legítimas paterna e materna, a sua Qt^a da Calçada, também conhecida por Qt^a do Reguengo, na freg^a de St^o Estevão de Oldrões, conc. de Penafiel, suas pertenças e anexas: as terras do Casal do Formigal, na freg^a de S. Tomé de Canas, e o foro de 24000 imposto no q.t^a da Abitureira, freg^a de S. Tomé de Canelas, tudo no valor calculado de doze contos de reis. A noiva receberá por morte de seu pai dezasseis contos de reis garantidos pelos Casais da Pupa e Carrapatosa, na freg^a de N^a Sr^a da Oliveira, Couvide de Cima e Campo na freg^a de S. Martinho de Sande. Sustentará o pai da noiva à sua meza, enquanto vivo, os noivos e os f.os que tiverem, mas não os vestirá e dará de mesada à filha 150\$000 anuais. No caso de montarem casa, o que não é previsto nem esperado, receberá a noiva 400\$000 por ano. «Dotes para casamento do Ex.^{mo} Gaspar Thomaz Peixoto, solteiro e maior, da caza e quinta do Salvador, no Campo de Dom Affonso Henriques, freguesia de Sam Pedro de Azurém, desta comarca com a Ex.^{ma} Dona Amélia Augusta Baptista Sampaio, solteira, maior de dezoito annos, e menor de vinte e um, do Campo do Toural, freguesia de Sam Paio desta Cidade, e doação que a favor destas fazem seus Ex.^{mos} pais», a 16.5.1881 na Qt^a do Salvador. L^o de notas do Tab. José da Silva Basto (11-3-148), Arq. Mun. A. Pimenta. Casaram a 1.6.1881 na Igreja de S. Romão de Mesão-frio. Foram padrinhos os Condes de Vila Pouca e o Dr. Luís António Dias Guimarães e sua m.er, tios mat.s da noiva, Gaspar Tomaz Peixoto, † a 12.6.1911; sua viuva, D. Amélia Augusta, a 11.7.1930 em Briteiros.

(320) D. Amélia Augusta Baptista de Sampaio, * a 11.3.1863 na casa de seus pais no Largo do Toural (actual Hotel do Toural); era f^a de João Baptista Gonçalves de Sampaio, F. C. R., Com.or da O. de Cristo, e de sua mer D. Emília Augusta Dias, neta pat. de Manuel Baptista Sampaio Guimarães, Cav^o Prof. na O. de Cristo, Com.or da Conceição, negociante no Toural, e de sua m.er D. Francisca Emília Teresa Pereira Teixeira, neta mat. de Luís António Dias Guimarães e de sua m.er D. Jerónima Ermelinda da Costa, esta f^a de António Francisco da Costa, Capitão de Navio, e de sua m.er D. Tomásia Teresa Joaquina da Costa Peixoto, 3.^a neta na varonia de António Corrêa e m.er Maria Peixoto, f^a de António Peixoto e m.er Margarida Francisca, destes mesmos Peixotos, citados nas «*Velhas Casas (V)*, *Casa de Pousada*», na nota 50, 2.^o parágrafo. A avó pat. de Manuel Baptista foi Catarina Peixoto, cuja mãe era f^a reconhecida de Gaspar Rebelo Peixoto, sr. da q.t^a do Assento em S. Paio de Figueiredo, dos Peixotos de que até agora não entronquei, os

figura a escoltar Suas Magestades nas visitas a Guimarães (321), vende a Calçada (322).

Casam os outros filhos dos Condes de Lindoso. Por todos distribue os seus solares; fica cada um com a sua casa. Dona Madalena Carolina é mulher de Manuel Baptista de Sampaio(323),

de S. Gens de Montelongo e S. Paio de Figueiredo, citados no mesmo estudo, na nota 248.

(321) Visita Régia a Guimarães de 22.10.1887: «Das Taipas a Guimarães a carruagem Real foi escoltada por um grupo de cavaleiros vima-ranenses: José Minotes, Gaspar Lindoso, Bernardino Rebelo Cardoso de Menezes, Luís Martins, António Carneiro, Rodrigo Lobo, João Crisostomo e João Margaride». In jornal «Religião e Pátria», de 22.10.1887. A 29.11.1891, voltando os Reis a Guimarães, tornou a fazer parte da escolta juntamente com José Minotes, António e Luís Martins, João Margaride, Rodrigo Lobo, António Carneiro, Geraldo Guimarães, Bernardino Rebelo, João Crisóstomo, Silvino Magalhães, António Vaz, Gaspar Miranda e Manuel Freitas. Do mesmo jornal, de 2.12.1891.

(322) Não encontrei a escritura de venda.

(323) Casaram a 27.10.1881 na Igreja de S. Romão de Mesão-frio. Ela levou em dote, além de algumas doações que posteriormente lhe fizeram seus pais, e por conta das suas legítimas, as q.tas de Cesil, Pedroso e a propriedade da Madre de Deus, em S. Pedro de Azurém, avaliadas em 12 contos, 2 pares de castiçais de prata, 2 salvas, meio faqueiro, 1 dúzia de colheres de chá e outra para o açúcar, (pezando tudo 4 k 934 e valendo 178\$000) um alfinete e brincos de ouro e brilhantes, uma pulseira de ouro esmaltada, com brilhantes, e um fio de pérolas, um broche com uma cruz, cruzada de brilhantes, e seis acções do Banco de Guimarães, isto com reserva de vida para sua mãe; dão-lhe de mesada 400\$000 anuais. Ele levará dezasseis contos, hipotecando a isso seu pai as q.tas do Assento, da Igreja, 1 propriedade junto ao Casal da Eira Velha, e o Casal do Carvalho e Fojo, em S. Martinho de Sande, 3 moradas de casas na Rua de Camões com os n.ºs 87, 93 e 95 e 400\$000 de mesada por ano. «Dote para casamento do Ex.^{mo} Manoel Baptista Sampaio, do Campo do Toural, freguesia de Sam Paio, da Cidade de Guimarães com a Ex.^{ma} Dona Magdalena Carolina de Bourbon Peixoto, da Casa do Salvador, freguesia de S. Pedro de Azurém, desta comarca, ambos solteiros e maiores e doação que nesta fazem seus Ex.^{mos} Pais». Tab. citado na nota 320, a 18.7.1881 (19-3-149), Arq. Mun. A. Pimenta, D. Madalena Carolina † a 22.11.1925; Manoel Baptista Sampaio, q * a 14.2.1856, Moço-Fidalgo da Casa Real, † a 22.1.1914. Viveram na sua qt^a, em Gondar, e tiv.: Gonçalo Manuel de Bourbon Sampaio, † sol^o deixando 1 f^a nat., † em 1981 na Ven. O. de S. Francisco em Guimarães; João Baptista de Bourbon Sampaio, x c. D. Maria de Sousa Moreira, ambos fals com a pneumónica, c. g. (Bourbon Sampaio, Bourbon Moreira); D. Emília Augusta de Bourbon Sampaio, x na Colegiada da Oliveira a 8.10.1929 c. António Zeferino Pereira da Costa, s. g.; D. Rosa Leocádia de Bourbon Sampaio, sr.^a da Q.t^a

irmão de sua cunhada. Em Coimbra casa o alferes João Pedro Peixoto da Silva e Bourbon; na Casa de Aldão o Eng.º Joaquim Manuel Peixoto de Bourbon⁽³⁴²⁾; Dona Maria da Piedade com Don Gerardo Lopez Quesada, banqueiro em Madrid⁽³²⁵⁾; Dona

em Gondar, x José Mendes Ribeiro, c. g. (Teles, Bourbon de Sequeira Braga, etc.); D. Maria do Carmo de Bourbon Sampaio, religiosa da O. Franciscana Hospitaleira Portuguesa.

(324) Joaquim Manuel Peixoto de Bourbon, eng.º Agrónomo, foi sr. da Qtª da Torre, no Salvador de Tagilde, † a 25.1.1938, x em Aldão a 3.11.1894 c. D. Rosa Elvira Carneiro Martins, * em Aldão a 16.7.1870, † em Guimarães a 9.1.1964, fª de José Ribeiro Martins da Costa, sr. da Casa de Aldão, e de sua m.er D. Delfina Emília da Silva Carneiro, neta pat. de Francisco José Ribeiro de Abreu, sr. da Casa de Agra, em S. Torcato, e de sua m.er e prima D. Ana Emília de Araújo Martins da Costa, e mat. de Manuel Inácio da Silva Carneiro e de sua m.er e prima D. Maria José da Silva. Amenizemos estas notas, copiando do «*Religião e Pátria*» de 7.11.1894, a notícia do seu casamento: «...trajava a noiva um rico vestido de faille adornado com flores de laranjeira e cobria-se com um largo manto de seda da mesma cor. Foram padrinhos Francisco Agra, Gaspar Lindoso e D. Cristina Carneiro. Desde a Igreja à Casa de Aldão todo o povo lhe lançou flores. Além dos pais e irmãos dos noivos, assistiram os Condes de Margaride, D. Luísa Margaride e o Dr. Henrique Margaride, D. Cristina Carneiro, António Carneiro, D. Albertina e D. Beatriz Carneiro, D. Maria Sarmiento, Francisco Agra e José Bastos». E já agora vejamos a sua «Corbeille»: do noivo um diadema de brilhantes, esmeraldas e rubis representando uma borboleta; dos pais do noivo um faqueiro de prata e uma pulseira de brilhantes e esmeraldas; dos pais da noiva uma bandeja de prata. Dos irmãos da noiva uma bandeja de prata e um serviço de chá. Dos irmãos do noivo, João Lindoso e mulher, um alfinete de brilhantes e rubis; de Fernando Lindoso um estojo de colheres de chá; de D. Joana Lindoso e marido uns solitários de prata. Dos tios Domingos, João e Francisco Martins, importantes quantias de dinheiro. Dos tios António Carneiro e mulher uns castiçais e um paliteiro de prata; da prima D. Albertina Carneiro uma palmatória de prata; dos primos D. Beatriz e José Carneiro um estojo de colheres para gelo; dos Condes de Margaride uns castiçais de prata; da prima D. Maria Sarmiento um aparelho de cama bordado a seda e uma caixa de perfumes; de D. Virginia Baptista Sampaio 1 colher de prata para pasteis; do primo Luís Margaride um estojo de couro da Rússia, etc., etc.

Tiv. uma única fª: D. Maria Helena de Bourbon Peixoto Martins x c. António Pereira Leite de Magalhães e Couto, bacharel em Direito, c. g. (Castro Meireles, Condes de Felgueiras, etc.).

(325) D. Maria da Piedade x na Igreja de S. Romão de Mesãofrío a 14.12.1888 c. Don Gerardo Lopez Quesada, Presidente do Banco Lopez Quezada, em Madrid, fº de Don Francisco Lopo de Lopez, magistrado da Audiencia de Habana (Cuba), e de sua m.er Doña Mariana de Quezada y Leynaz. Diz o «*Religião e Pátria*»: «...em S. Romão de Mesãofrío uniram-se

Leocádia Joaquina com um oficial, alferes de infantaria 20⁽³²⁶⁾, e Dona Joana Margarida com José Gonçalves Ferreira Vilas Boas⁽³²⁷⁾. Solteiros os restantes, casarão mais tarde: o Dr. Francisco de Paula Peixoto da Silva e Bourbon⁽³²⁸⁾, no Porto, com Dona Maria José Cabral Álvares Ribeiro⁽³²⁹⁾ e Fer-

ontem D. Maria de Bourbon Peixoto, filha dos Condes de Lindoso com um cavalheiro espanhol. Foram padrinhos os irmãos e cunhados da noiva». Foram viver para Madrid, c. m. geração (Lopez Quezada y Bourbon, Moltó y Lopez Quezada, Cifuentes y Lopez Quezada, Cifuentes Pinto Basto, etc., etc.).

(326) D. Leocádia Joaquina x em S. Romão de Mesão-Frio a 16.10.1893 c. Jacinto Joaquim Fragoso, então alferes e depois Coronel de Infantaria, fº de João de Lança Fragoso e de sua m.er D. Isabel de Jesus Fragoso. Tiv.: D. Rosa Leocádia Peixoto de Bourbon Fragoso, D. Ana Isabel, † nova, João António Peixoto de Bourbon Fragoso, oficial de artª, x c. g e Francisco José, † c. 21 anos.

(327) D. Joana Margarida, foi sr.ª da Casa do Revorido, em Barcelos; x 3 vezes, a 1.ª a 10.10.1892 c. o dr. José Gonçalves Ferreira Vilas Boas, * no Brasil em 1860, capitalista no Maranhão, e † em Esposende a 19.11.1899, fº de António Gonçalves de Vilas Boas e de sua m.er D. Virgínia Ferreira da Silva, s. g.; a 2.ª em 1909 c. Horácio Cândido de Sousa Capela, † a 10.12.1909, e a 3.ª a 3.11.1921 c. Damázio António Bruno, * a 25.3.1881 † a 16.3.1925. D. Joana † a 23.1.1926, em Barcelos, deixando a casa a sua irmã D. Leocádia (V. «*Últimas Gerações de Entre Douro e Minho*», p. 285, vol. I)

(328) Sr. da Casa do Melhorado em Basto. «...faleceu a 17.5.1950 na sua Casa do Melhorado... frequentou o Curso de Direito na Universidade de Coimbra indo seguidamente para Lisboa onde tirou o curso Superior de Letras, possuindo também o Curso de Bibliotecário Arquivista. Era muito culto dedicando-se especialmente aos estudos literários, filológicos e filosóficos, tendo-se destacado como conferencista de mérito. Foi um militante activo do movimento católico português, promotor da grande peregrinação portuguesa a Roma, em 1900. Possuía diversas condecorações». In «*Catálogo da Exposição Bibliográfica de Autores Vimaraneses*», 1953.

(329) x no Porto, na Capela da Rua Chã, a 6.2.1906 c. D. Maria José Alvares Ribeiro, * no Porto a 26.11.1876 e † a 5.11.1950, fª de Torcato Alvares Ribeiro, F. C. R., eng.º de Pontes, sr. da Casa do Ribeiro, junto a Braga, e de sua m.er e prima D. Ana Josefina do Vale Coelho Pereira Cabral, neta pat. de Joaquim Torcato Alvares Ribeiro e de sua m.er D. Jerónima Joaquina do Vale Pereira Cabral, neta mat. de Constantino António do Vale Pereira Cabral, F. C. R., e de sua m.er D. Maria Emília da Conceição Ribeiro Coelho. Tiv.: D. Maria Ana, x c. António Raposo do Amaral de Sousa e Azevedo, Lic. em Economia, c. g. (Raposo do Amaral, Rocha Páris de Vasconcelos) e Francisco de Paula Peixoto da Silva de Bourbon, Suc., Eng.º Agrónomo, x 1.º c. D. Maria Agueda de Oliveira, † 1960 e a 2.ª c. D. Maria Virgínia Gonçalves Portilho, tendo 1 fº

nando Afonso Peixoto da Silva e Bourbon, em Braga, onde viverá ⁽³³⁰⁾.

Marquês de Lindoso por decreto de 1.12.1898, Dom João Peixoto já lembra no seu testamento a muitos dos seus netos ⁽³³¹⁾. A 25.3.1899 morre no Salvador. Traja-se de negro o «*O Progresso*», dedica-lhe extensa necrologia. Da tarimba ao coche levam o seu caixão o Conde de Margaride, o Visconde de Paço de Nespereira, o Barão de Pombeiro, José Martins d'Aldão, João Pinto de Simões, Domingos Leite de Castro, semblantes graves e enlutados. No cemitério carregam-no o Abade de Tagilde, Henrique Margaride, António Freitas Ribeiro, Simão Araújo, Gaspar Paúl e Bernardino Ferreira Cardoso. E o povo descobre-se com respeito à passagem dos 30 e tal carros que acompanham o funeral ⁽³³²⁾.

Raiou o século XX ⁽³³³⁾. A Casa do Salvador, e também a dos Almeidas, na Rua Escura, são do filho terceiro dos Marqueses de Lindoso, João Pedro Peixoto da Silva e Bourbon, oficial de Engenharia, Cavaleiro das Ordens de Aviz e de Mérito Militar de Espanha, «*exerce várias comissões de serviço entre as quais no Comando*

do 2.º casamento (V. «*Vales Pereira Cabrais da Casa da Rua das Flores*», por A. C. de Sequeira Cabral).

⁽³³⁰⁾ Foi sr. do Casal de Melres, em Entre-os-Rios, Solar da Pesequeira, em Entre-as-Aves (Stº Tirso), e, por compra, da Casa de Amil, S. Martinho de Dume, Braga. X na Capela do Alívio em Vila Verde a 7.5.1904 c. D. Alcina da Conceição Ferreira do Rego, fª do Dr. Manuel Joaquim Ferreira do Rego, e de sua mer D. Maria da Conceição Santana Ferreira da Costa. Tiv.: João Fernando Peixoto do Rego e Bourbon; D. Maria da Conceição, † m.; D. Maria Rosa; D. Maria do Carmo; Manuel Joaquim Peixoto do Rego e Bourbon; D. Maria Alcina; D. Maria Leocádia e D. Maria Madalena, nascidos entre 1907-23, todos soltos em 1950, menos o 6.º, x c. D. Maria Elisa Froes Arantes Lobato de Azevedo, c. g. (Lobato Rego e Bourbon).

⁽³³¹⁾ Institue os dois terços de seus bens nos f.os e o usufruto da terça para a Marquiza, sua mulher. Deixa lembranças aos netos: Emília e João f.os de Madalena; Maria, fª de Gaspar; Rosa, fª de João; e Fernando, fº de Maria da Piedade. L.º de Test.os, n.º 113 do Registo Geral de Testamentos, Arq. Mun. A. Pimenta.

⁽³³²⁾ Jornal «*O Progresso*», n.º 64, 2.º ano.

⁽³³³⁾ 31.12.1900. A meia noite cantam-se Missas nas Igrejas da cidade. Na Colegiada, João Lopes de Faria toca uma Marcha Fúnebre. Soam as 12 badaladas na Torre! Rompe o Hino da Carta das mãos do organista. Grande *Oh!* admirativo percorre a assistência. Entra o século XX! «*Ephemerides Vimaranenses*», de João Lopes de Faria, vol. I, 1.1.1900.

Geral de Engenharia» (334). A 19.9.1883 casa com sua prima Dona Maria Vitória da Conceição do Carmo do Sacramento de Carvalho Daun e Lorena, representante do título de Conde da Redinha (335), herdeira de sua tia a Marquesa de Pomares (336). Nos últimos anos da Monarquia é Ministro da Guerra o Coronel António Vasconcelos Porto, no governo de João Franco. Remodela o exército, melhora as condições económicas de oficiais e praças, arma-o convenientemente, reorganiza a defesa da Metrópole e Províncias Ultramarinas. Seu Chefe de Gabinete é o Coronel João Pedro Peixoto, senhor da Casa do Salvador. De súbito, umas balas no Terreiro do Paço. Assassina-se um grande Rei e o Príncipe Real; abre-se o caminho para a República. Sai do exército o Coronel João Pedro Peixoto, que no Salvador fecha os olhos a 20.8.1936.

Entre os seus filhos, fica o Salvador para os mais novos (337):

(334) In «*Descendência dos 1.ºs Marquezes de Pombal*», por Luís Moreira de Sá e Costa, S. J., p. 22.

(335) x na «capela da pitoresca e deleitosa Casa da Portela, junto a Coimbra» (jornal «*O Imparcial*» de 18.9.1883). D. Maria Vitória, * a 8.3.1858 e † a 4.9.1945, fª de Francisco Maria da Luz de Carvalho Daun e Lorena, Moço-Fid. com exercício, e de sua m.er e prima D. Maria Madalena da Cruz do Carmo do Sacramento de Noronha Ribeiro Soares, neta pat. de Nuno Gaspar de Carvalho Daun e Lorena, 3.º Conde da Redinha, (fº dos 3.ºs Marquezes de Pombal), e de sua m.er e prima D. Maria Vitória de São Payo (fª dos 2.ºs Condes e 1.ºs Marquezes de São Payo), neta mat. de D. José Maria Carlos de Noronha Ribeiro Soares e Castilho, 6.º sr. do Morg. de Apréstimo, e de sua m.er D. Maria Inês Henriqueta de São Payo Melo e Castro (fª dos 1.ºs Marquezes de São Payo, acima). L.º citado na nota ant. D. Maria Vitória foi representante do título do Conde da Redinha por seus tios mais velhos, o 4.º Conde, morto na batalha do Chão da Feira, e António Maria da Luz de Carvalho Daun e Lorena, que nunca quiz ser 5.º Conde pelas suas convicções legitimistas, embora como tal fosse tratado, terem falecido sem geração.

(336) Luís Maria de Carvalho Daun e Lorena, irmão mais novo do pai de D. Maria Vitória, foi 1.º Marquês de Pomares, x c. sua sobrinha D. Maria Manuela de Brito e Castro, sr.ª da Qtª da Portela, em Coimbra, do vínculo de Pomares e outros, fª de sua irmã D. Maria Inês da Luz e de seu marido António de Brito e Castro de Figueiredo Melo e Costa, sr. dos mesmos vínculos. (neto pat. de D. Paula Jerónima de Alarcão Castro e Eça, nota 278), s. g. A representação do título, mas não o vínculo, passou a D. Maria Vitória, que de resto foi herdª dos tios.

(337) Iiv.: D. Maria Madalena, * 25.6.1884 e † a 5.5.1889, D. Maria Rosa * a 1.11.1885, x c. José de Sommer Ribeiro, c. g. (Bourbon de Sommer Ribeiro); António de Brito Peixoto de Carvalho e Bourbon, * 30.6.1887, advogado, suc. a sua mãe, x c. D. Maria Emília Pires Sanguinetti, tendo: D. Maria Adelaide, x c. Alexandre de Lancastre de Araújo Bobone, c. g.

Francisco da Carvalho Peixoto de Bourbon casado com Dona Maria Emília Perestrelo Soares Branco; Dona Maria Victória e Dona Maria Joana de Bourbon, solteiras. Não longe da Casa, uns minutos de automóvel, fica a Capela da Senhora da Madre de Deus de Fora. Romaria concorrida, capelinha restaurada onde agora repousa para sempre o historiador e escritor Alfredo Pimenta. As imagens da Senhora, S. José e o Menino, presidem no seu altar. Nos dias de festas ostentam lindas roupagens Nossa Senhora e S. José; engomada nos seus linhos a caminha do Menino, vestes do Palácio dos Pomares, ⁽³³⁸⁾, doadas por Dona Maria Vitória de Carvalho Daun e Lorena, e suas filhas, na melhor tradição dos seus. Hoje, o Salvador é dos filhos de Francisco Carvalho Peixoto de Bourbon: — Dona Ana Maria Branco Peixoto de Carvalho e Bourbon, mulher de Dom Bernardo de Mendia de Serpa Pimentel, Dr. João Pedro Peixoto de Carvalho e Bourbon ⁽³³⁹⁾ e de sua tia Dona Maria Vitória, a animarem o Salvador nas suas estadias.

Ali, o Salvador! Mais ou menos caiada, janelas de cortinados de renda, abertas ou fechadas conforme estão ou não os seus senhores, belas imagens na sua capelinha. A representação da Casa vive longe de seus muros. Ainda conheci a alguns dos fi-

onde seguirá a representação dos títulos de Conde da Redinha e Marquês de Pomares (Bourbon de Lancastre Bobone), e D. Maria Vitória, x c. João de Lancastre Bobone, irmão de seu cunhado, c. g.; D. Maria Inês, * 10.10.1889, x c. Luís Ferreira Pinto Basto, eng.º civil, c. g. (Ferreira Pinto Basto, Cifuentes Pinto Basto, Campelo Pinto Basto, Pinto Basto Bensaúde, etc.); D. Maria Manuela, * 10.10.1889 † a 1.4.1890; Francisco de Carvalho Peixoto de Bourbon, * 22.8.1891 (v. texto); D. Maria Vitória de Bourbon, * a 25.4.1893, solta (v. texto) e D. Maria Joana de Bourbon, * a 16.4.1895 e † a 19.11.1939, solta.

⁽³³⁸⁾ Estas roupas estiveram na Igreja de S. Francisco na Exposição de Arte Sacra de 1979. Nossa Senhora tem véu de tule, bordado de seda e renda dourada na ponta, manto de setim natural, azul vivo, bordado a ouro e debruado a renda dourada, vestido de gorgorão de seda natural branco com rendas douradas, camisa de cambraia de linho, branca, com rendas, saia branca de cambraia de linho e rendas de bilros. As vestes de São José são: manto azul, de setim natural, debruado de rendas, vestido igual, plastron branco de linho finíssimo e rendas, camisa de linho e renda. A cama do Menino Jesus tem almofadas e lençóis de linho bordado com bainhas abertas e uma colcha de damasco. N. S.ª tem, também, uma cabeleira postiça, castanha alourada, de cabelos verdadeiros.

⁽³³⁹⁾ Para a descendência de Francisco Peixoto Carvalho e Bourbon, sr. da Casa do Salvador, v. Apêndice.

lhos⁽³⁴⁰⁾ de Gaspar Tomás Peixoto da Silva e de sua mulher Dona Amélia Augusta Baptista de Sampayo. Ao mais velho, o Padre João Pedro Peixoto de Sampayo e Bourbon, não sucedendo na representação da família por ser sacerdote. Ao segundo, Gaspar Tomás Peixoto de Sampayo e Bourbon, bela figura, de vida modesta e ar magestoso, agarrado à sua bengala, no Largo do Toural; a Fernando José Peixoto de Sampayo e Bourbon e sua única filha, muito doente, a encher de mágoa os meus olhos de criança. Às senhoras: — uma, Dona Maria Amélia da Conceição, casada para

(340) Foram: João Pedro Peixoto de Sampayo e Bourbon, * 12.6.1882, Sacerdote, Capelão dos Bombeiros Voluntários de Guimarães, † 7.1962; D. Maria Amélia da Conceição, * a 20.12.1883, † a 15.11.1971, x em S. Romão de Mesão-Frio a 10.4.1905 c. António Maria do Amaral de Freitas, advogado, f^o de Francisco Pinto de Carvalho do Amaral e Freitas e de sua m.er D. Maria Arminda de Sampaio Leite Ferreira, c. g. (Bourbon do Amaral e Freitas, Bourbon do Amaral Martins, Penafort Bourbon do Amaral, etc., etc.); Gaspar Tomaz Peixoto de Sampayo e Bourbon, q segue na nota seg.te; Fernando José Peixoto de Sampayo e Bourbon, * 20.11.1887 † 19.4.1948, x c. D. Júlia de Almada de Viamonte da Silveira, † a 10.7.1927, f^a dos 1.^{os} Viscondes de Viamonte da Silveira, s. g., e a 2.^a com sua sobrinha D. Maria Manuela Peixoto de Bourbon do Amaral e Freitas (f^a de sua irmã D. Maria Amélia), * a 29.8.1908 e † a 8.12.1973, tendo só uma f^a muito doente: D. Maria Manuela, † pouco antes de sua mãe; Gonçalo Manuel Peixoto de Sampayo e Bourbon, Lic.do em Medicina, * a 22.10.1889 e † em Briteiros a 23.11.1964, x c. D. Maria Isabel Ferreira, * a 22.2.1903, † em Vila do Conde em 1973, f^a de José Ferreira Guimarães e de sua m.er D. Maria Isabel Ferreira e tiv.: D. Maria da Conceição, viuva c. g. de António Jacinto Cabral de Magalhães Queiroz;

D. Maria de Lourdes, x c. Raul Vieira Bastos, oficial da Marinha Mercante, c. g.; D. Maria Teresa de Jesus, x c. Carlos da Silva Barbosa, c. g.; D. Maria Amélia, religiosa Doroteia; D. Maria das Dores, x c. Albino Lopes Rodrigues, c. g. (teve um f^o João Gonçalo Lindoso Rodrigues, † com sinais de santidade a 20.11.1978, v. «Cruzada Eucarística», Agt.-Set. 1979); D. Maria Fernanda, Religiosa Doroteia; D. Maria da Purificação, x c. Luís Nogueira de Oliveira, c. g.; Gaspar Fernando Peixoto de Bourbon (v. texto); D. Maria Isabel, x Alberto Campos Cunha, c. g. e Francisco José Peixoto de Bourbon, x c. D. Aurea Veloso, c. g.; D. Maria de Lourdes, * a 12.10.1891, † em 1961, x a 6.1.1910 na Igreja de S. Miguel do Castelo em Guimarães c. Augusto Mendes da Cunha e Castro, c. g. (Bourbon Cunha); Artur Peixoto de Sampayo e Bourbon, * 8.5.1894 e † a 5.8.1910; Manuel Maria Peixoto de Sampayo e Bourbon, * a 24.3.1896, † 6.1962, x c. D. Branca da Silva Maia e tiv.: D. Maria Amélia, sol^{ta}, D. Maria Isabel x c. Fernando José da Silva Castro, c. g.; D. Maria de Lourdes, x Fernando Marques da Silva, c. g.; Luís Maia Lindoso, metalúrgico, x c. Franquelina Luiza Pinto Fernandes, c. g. e João Peixoto da Silva, x c. g.

a Casa dos Freitas do Amaral; a outra, Dona Maria de Lourdes, com Augusto Mendes da Cunha e Castro, comerciante em Guimarães. Lembro-me, com saudade do «*primo Gonçalo*», o filho quarto, Gonçalo Manuel Peixoto de Sampayo e Bourbon, médico, de olhos muito azuis, de lindas mãos de fidalgo. De ouvir passar na estrada, rápido, a passo travado, o garrano do mais novo, Manuel Maria Peixoto de Sampayo e Bourbon.

Conheci também o primogénito de Gaspar Tomás Peixoto⁽³⁴¹⁾, Alfredo Peixoto Ribeiro de Bourbon, motorista como seu pai. Em seu filho mais velho, Gaspar Tomás Teixeira Peixoto Ribeiro, nascido a 7.8.1948, está actualmente a representação genealógica dos títulos, casas, morgadios e vínculos que ao olhar para os portais do Salvador procurei contar. Ao contá-los, ao falar da longa série de seus avós, gostaria de prestar homenagem a outro Gaspar: — Gaspar Fernando Peixoto de Bourbon, nascido a 16.2.1940, filho do Dr. Gonçalo Manuel Peixoto de Sampayo e Bourbon. Estou a vê-lo, alto, de grandes olhos tristes, a passear em Vila do Conde, cheio de vontade de ser chamado para a tropa.

«Informação pública das Forças Armadas — O serviço de informação pública das Forças Armadas comunica que morreu em

(341) Gaspar Tomaz Peixoto de Sampayo e Bourbon, * 9.7.1885 e † no Pevidem a 20.12.1976, x c. D. Maria Ribeiro, e teve: D. Maria Amélia, * em 1911, † solt^a, Alfredo Tomaz Peixoto Ribeiro, q. s., D. Maria José, * em 1916 x c. João Rodrigues Pereira Guimarães c. g.; João Peixoto Ribeiro de Bourbon, * 1918 x c. D. Maria Cândida de Sousa Garcia, c. g.; António Fernando Peixoto Ribeiro de Bourbon, * 1920 † em 1975, x c. D. Maria da Glória Rodrigues, c. g., Gaspar António, * 12.5.1923, † m. José, † a 17.8.1925; D. Maria da Glória, * 1926, x Orlando Gonçalves Ribeiro; D. Maria Fernanda, * 1928 x c. Rodrigo de Freitas Mendes c. g. e Gonçalo Peixoto Ribeiro de Bourbon, * 1930. (Vive no Brasil).

— Alfredo Tomaz Peixoto Ribeiro, * 1914 e † em Lisboa .3.1967, foi motorista de praça em Guimarães. x 1.º c. D. Olívia Antunes Teixeira de Sousa e a 2.ª vez em 1955 c. D. Maria Vieira. Teve do 1.º casamento: D. Maria de Lourdes, x c. Ubirajara Moraes; D. Maria Fernanda x António Fernandes, c. g.; D. Maria Manuela, x Fernando Augusto Marques Martins, c. g.; Gaspar Tomaz Teixeira Peixoto Ribeiro, que segue; António Tomaz Teixeira Peixoto Ribeiro x c. Maria do Carmo Freitas da Silva, c. g.; Alberto Tomaz Teixeira Peixoto Ribeiro e Porfírio Tomaz Teixeira Peixoto Ribeiro. Do 2.º casamento, Carlos Tomaz Vieira Peixoto Ribeiro, D. Maria Ângela, Domingos Tomaz Vieira Peixoto Ribeiro, D. Maria Antónia, † m., D. Maria da Glória, † m. e Joaquim Tomaz Vieira Peixoto Ribeiro.

— Gaspar Tomaz Teixeira Peixoto Ribeiro, suc. a seu avô na representação genealógica da Casa, * a 7.8.1948.

combate na província de Moçambique, junto à fronteira norte, o alferes miliciano de Cavalaria Gaspar Fernando Peixoto de Bourbon, natural de Vila do Conde e filho do sr. Gonçalo Manuel Peixoto de Bourbon e da sr.^a D. Maria Isabel Ferreira Peixoto de Bourbon. Tendo como unidade mobilizadora o Regimento de Cavalaria 3, desenvolveu acção muito meritória em campanha e era justamente considerado e estimado pelas suas qualidades militares e pessoais» (342). Foi a 26.12.1967.

História duma casa? História de antigas linhagens? Porque não a história duma Bandeira, a Branca com a Cruz azul, os cinco escudetes azuis que a substituíram, a bordadura vermelha com seus castelos de ouro que lhe acrescentaram. O Escudo de Portugal na bandeira branca, a mais bela. Na azul e branca, e depois na verde rubra. Bandeira levantada com orgulho por todas as terras, todos os mares do imenso Mundo. Honrada por Gaspar Fernando Peixoto de Bourbon, por muitos de seus avós, por todos os que como ele por Portugal caíram. A redimir a maior dor: vê-la como um trapo, arrastada por traidores, nas nossas últimas páginas no Mundo, e depois misericordiosamente coberta de crepes, como nunca sairá dos nossos corações.

Maria Adelaide Pereira de Moraes

Brazão desenhado pelo pintor António-Lino

APÊNDICE

Descendência de Francisco Peixoto de Carvalho e Bourbon, sr., com suas irmãs solteiras, da Casa do Salvador.

I — Francisco Peixoto de Carvalho e Bourbon, * a 28.8.1891 † x a 21.7.1915 c. D. Maria Emília Perestrelo Soares Branco, * a 23.5.1892, f^a de João Soares Branco, Cons^o, Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Fazenda em 1909, e de sua m.er D. Ana Perestrelo de Vasconcelos, neta pat. de Domingos Silvestre Branco e de sua m.er D. Maria Emília Soares, e mat. de Sebastião Perestrelo de Vasconcelos, sr. do Morg.^o do Espanhol, e de sua m.er D. Maria Eugénia de Sousa Anahory.

Filhos:

II — D. Ana Maria Branco de Carvalho e Bourbon, sr.^a do Salvador com seu irmão e tia, * em Lx^a a 24.7.1916 x a 22.11.1939 c. D. Bernardo Mendia Freire de Serpa Pimentel, * em Vila do Conde a 15.9.1915, f^o de D. José Freire de Serpa Pimentel e de sua m.er D. Maria Eugénia Machado de Mendia.

Filhos:

(342) In «O Comércio do Porto», de 5.1.1968.

- III — D. Maria de Bourbon de Serpa Pimentel, * Lx^a 16.3.1941, x José Rebelo de Barros, médico, f^o de José de Barros Virgolino e de sua m.er D. Maria Emília Carneiro Netto Rebelo.
Filhos:
IV — José Felipe de Serpa Barros Virgolino, * Lx^a a 11.10.1968.
IV — Francisco de Serpa Barros Virgolino, * Lx^a a 28.2.1971.
IV — D. Ana Maria de Serpa Pimentel Barros, * 15.6.1973.
IV — Luís Filipe de Serpa Pimentel Barros, * 11.8.1974.
- III — D. José Bourbon de Serpa Pimentel, * Lx^a 28.2.1944 x c. D. Maria do Carmo Telles da Sylva (Tarouca).
- III — D. Maria Eugénia Bourbon de Serpa Pimentel, * a 21.1.1946.
- III — D. Francisco Bourbon de Serpa Pimentel, gémeo com sua irmã, x c. D. Teresa Cabral Fialho.
Filha:
IV — D. Maria Fialho de Serpa Pimentel, * 15.8.1975.
- II — João Pedro Branco de Carvalho e Bourbon, Sr. do Salvador com sua irmã e tia, * 13.6.1918, Lic.do em Direito, x c. D. Maria Inocência Lourenço de Almeida Castelo Branco, f^a do Dr. João Lourenço de Castelo Branco e m.er D. Maria Inocência de Almeida.
Filhos:
III — Francisco José Castelo Branco Peixoto e Bourbon, * a 3.4.1945, x c. D. Ana Maria Catela Oliveira Neves.
IV — D. Isabel Sofia Oliveira Neves Peixoto e Bourbon, * a 28.8.1978.
- III — João Lourenço Castelo Branco e Bourbon, * a 8.5.1946, x c. D. Maria João d'Orey Vieira da Rocha (div.) e civilmente c. D. Maria Teresa Barahona de Brito da Silva Martins.
Filho do 1.º casamento:
IV — Afonso Miguel Vieira da Rocha Peixoto e Bourbon, * a 9.7.1970.
IV — D. Mafalda Vieira da Rocha Peixoto e Bourbon, * a 7.1.1972.
Filho do 2.º:
IV — Gonçalo Martins Peixoto e Bourbon, * 24.1.1979.
- III — D. Maria Inocência Castelo Branco Peixoto e Bourbon, x c. João Evangelista Fiuza Cabral da Silveira.
Filhos:
IV — D. Mariana Sofia Peixoto e Bourbon Fiuza da Silveira, * a 22.8.1973.
IV — João Domingos Peixoto e Bourbon Cabral da Silveira, * a 25.8.1975.
IV — D. Maria do Carmo Peixoto e Bourbon Fiuza da Silveira, * a 13.11.1976.

- III — D. Maria Emília Castelo Branco Peixoto e Bourbon, solteira.
- III — Pedro Manuel Castelo Branco Peixoto e Bourbon, x c.
D. Maria de São Lourenço Correia da Silva Brazão.
Filha:
IV — D. Maria Inês Brazão Peixoto e Bourbon, n. a 19.
.12.1978.
- III — Miguel Castelo Branco Peixoto e Bourbon, solteiro.